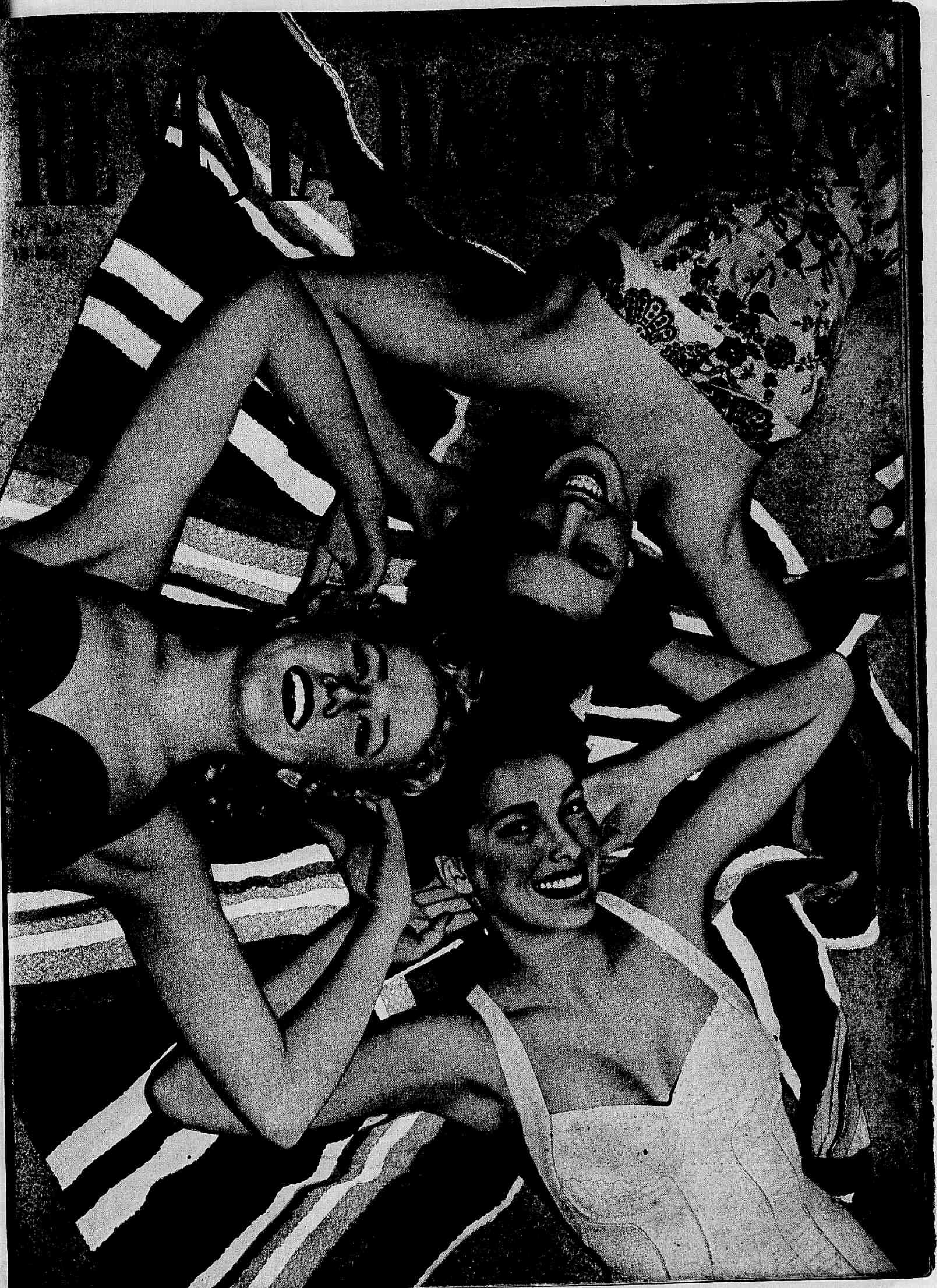


SOC. HERMES LTDA.

A MAIS IMPORTANTE E PERFEITA ORGANISAÇÃO DE REEMBOLSO POSTAL

RUA MEXICO, 31 - 12.º And. TEL.: 42-5831

AS VITORIOSAS OFERTAS CONTINUAM

IMPORTAÇÃO PROPRIA DA SUIÇA - CENTRO RELOJOEIRO DO MUNDO

C. POSTAL, 3411-RIO DE JANEIRO-TELEGR. "GLADIO"

VENCENDO EM TODO BRASIL





48 562 - Bonito relógio suiço, bela apresentação, fundo fosco, máquina suiça, sistema Roskopf c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos, artigo de propaganda. **168,00**

50 262 - Bonita caixa, fortemente dourada, c/ fundo de aço inoxidável, boa máquina suiça com 15 Rubis, Oportunidade única! **248,00**

46.062 - Bonito relógio suiço, caixa de bôa apresentação, cromada, fundo fôsco, bôa máquina c/ 4 Rubis, ponteiro central Oferta de propaganda. Cr$ **158,00**

50 562 - Bonita caixa cromada, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, com 15 Rubis, elegante mostrador claro, numeração dourada Oferta especial Cr$ **255,00**

82 362 - Bonito relógio, caixa folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis, elegante mostrador claro, cordonet de seda. Certificado de Garantia. Cr$ **378,00**

83 862 - Moderno relógio suiço, caixa e pulseira folheadas a ouro, fina máquina de Ancora com 15 Rubis, amplamente garantida. Vidro lente Belo adôrno por preço todo especial Certificado de Garantia. Cr$ **595,00**

55.462 - Modernissimo DATOGRAF! Elegante caixa folheada a ouro, de espessura extra-fina, fundo de aço inoxidavel, superior máquina de Âncora, de precisão, com 17 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, rico mostrador claro c/ 2 janelas marcando dia e mês Ponteiro central, ponteiro indicando dia do mês Certificado de Garantia Um belissimo adôrno de grande utilidade! Cr$ **985,00**

36 462 - Modêlo esportivo! Inteiramente cromado, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, números e ponteiros luminosos. Oferta de propaganda. Cr$ **118,00**

36.762 - Bonita caixa, cromada, fundo fôsco, bôa máquina suiça c/ 4 Rubis, ponteiro de segundos Resistente pulseira regulável, de aço inoxidável. Oferta especial. Cr$ **195,00**

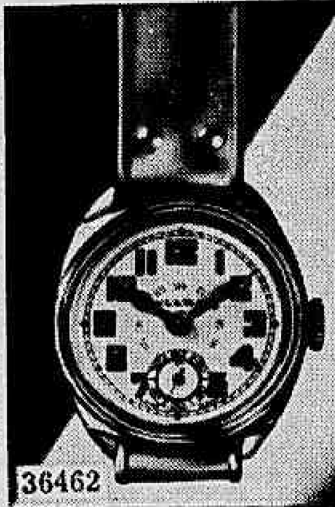
36 662 - Modêlo Gigante! Caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, mostradores variados, luminosos ou não, ponteiro de segundos; com bonita pulseira cromada Preço todo especial. Cr$ **138,00**

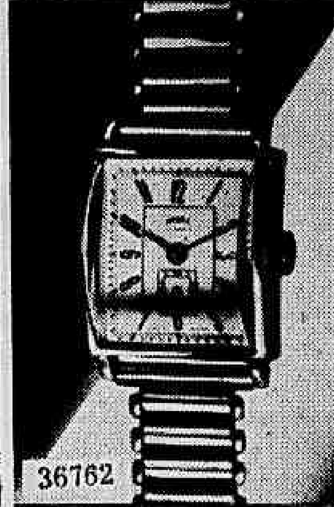
55.162 - Oferta sensacional! Elegante caixa folheada a ouro, espessura fina, máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, fundo de aço inox., ANTIMAGNÉTICO, ponteiro de segundos. Certificado de Garantia. Preço vantajosissimo. Cr$ **398,00**

83.362 - Bonito relógio folheado a ouro, fundo de aço inox., bôa máquina suiça, c/ 15 Rubis Mostrador claro, numeração dourada, vidro lente Dispõe de pulseira inteiramente folheada Bela apresentação Certificado de Garantia Oferta de propaganda. Cr$ **498,00**

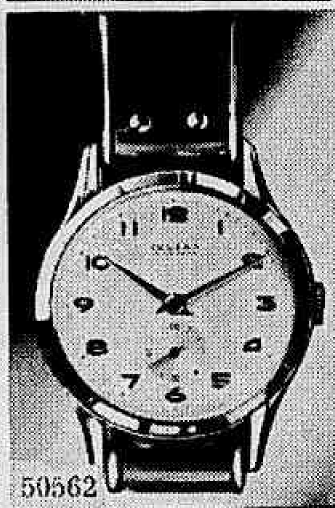
65 662 - Modêlo bonito! Caixa folheada a ouro, fundo cromado, fôsco, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, mostradores variados. Cordonet de seda. Cr$ **238,00**

46 462 - Modêlo de rica apresentação! Caixa gigante, esportiva, folheada a ouro, fundo de aço inox, bôa máquina suiça c/ 15 Rubis, IMPERMEÁVEL, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, numeração dourada, ponteiro central, com moderna pulseira esportiva, folheada a ouro, tipo corrente, c/ mola no centro Certificado de Garantia Oferta vantajosissima. Cr$ **438,00**

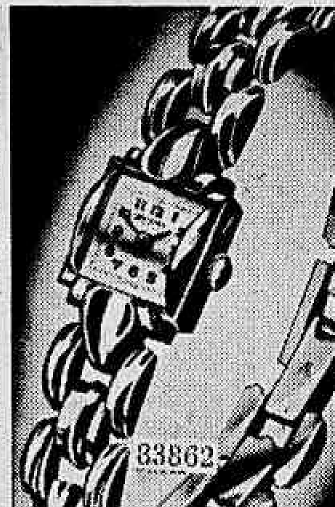




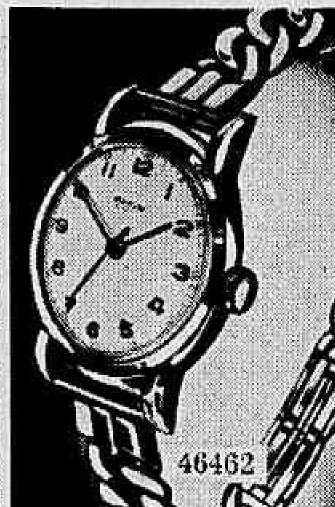


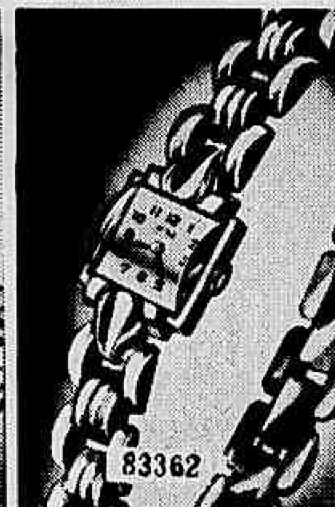


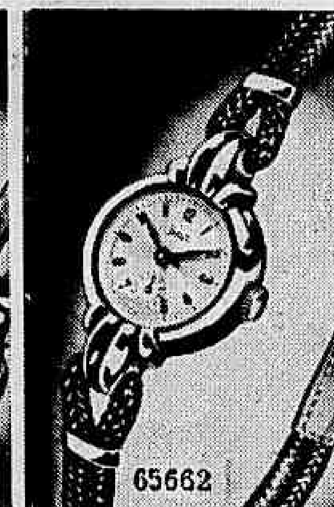
















51.662 - Apresentação belissima! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, bôa máquina suiça c/ 15 rubis, ANTIMAGNÉTICO, com elegante pulseira folheada a ouro, de superior qualidade. Certificado de Garantia. Uma bela jóia por preço especial Cr$ **438,00**

57 761 - Relógio AUTOMÁTICO! Caixa tamanho "gigante", folheada a ouro, fundo de aço inoxidável, máquina finissima de Âncora, de precisão, com 15 Rubis, AUTOMATICO (da corda a si mesmo), ANTIMAGNÉTICO, INCABLOCK, mostrador claro, numeração dourada em alto relêvo, ponteiro central Moderna pulseira estensivel, tipo Royal, folheada a ouro, de qualidade superior Certificado de Garantia. Cr$ **890,00**

47.162 - Modêlo "Gigante"! Grande caixa, inteiramente dourada, reforçada, com máquina suiça, sistema Roskopf, com dispositivo para medir TEMPO e DISTANCIA Preço de propaganda Cr$ **218,00**

10.662 - Relógio de bolso, inteiramente cromado, boa máquina suiça, sistema Roskopf. oferta especial **98,00**

51 262 - Calendário! Indica hora e dia Caixa folheada a ouro, de fina espessura, fundo de aço inox., superior máquina de Âncora de precisão, com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostradores claros, variados, c/ excelente pulseira estensivel, folheada a ouro, tipo Royal, fundo de aço inoxidável Certificado de Garantia. Cr$ **628,00**

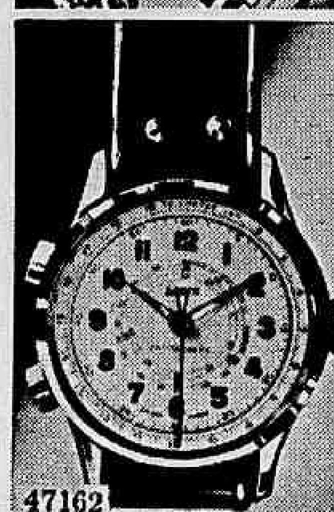
51 462 - Elegante modêlo, caixa folheada a ouro, fina máquina suiça com 15 Rubis, ANTIMAGNÉTICO, mostrador claro, com numeração dourada, ponteiro de segundos, bonita pulseira folheada Fornecido com Certificado de Garantia. Cr$ **375,00**

12 962 - Relógio c/ corda de 8 DIAS! Caixa fortemente cromada, superior maquina de precisão, com 15 Rubis, corda de 8 dias, mostrador esmaltado, 2 tampas protetoras Certificado de Garantia Cr$ **475,00**

11 562 - Despertador de bôlso! Forte caixa inteiramente cromada, bôa máquina suiça, sistema Roskopf, c/ 7 Rubis, numeração luminosa, toque agradavel Dispositivo para colocar na mesa De grande utilidade Preço vantajoso Cr$ **258,00**









ATENDE-SE COM PRAZER AO BALCÃO

SOC. HERMES LTDA.

RIO DE JANEIRO

R. MEXICO, 31 - C. P. 3411 - TELEGR. "GLADIO"



CUPOM

NOME ____________________ R$

RUA ____________________

CIDADE ____________ ESTADO ____________

ENVIE NOS ESTE CUPOM JUNTO COM SEU PEDIDO DE RELOGIOS E RECEBERÁ GRATIS ESTA AGENDA DE 1951





PEÇA OS NOSSOS CATALOGOS COLORIDOS DE RELOGIOS, BIJOUTERIAS, JOIAS, ARTEFATOS DE COURO E OBJETOS PARA PRESENTES

ANO LI ★ N.º 33 **REVISTA DA SEMANA** 18 - 8 - 1951



ATENDIDO O APÊLO DE SALGUEIRO BRANDÃO

DOADA AO NOSSO GOVÊRNO A PINACOTECA BRASILEIRA DE LISBOA ★ AMPARO AO SEU PROPRIETÁRIO A QUEM FICARÃO ENTREGUES, ATÉ À MORTE, TÔDAS AS COLEÇÕES DE ARTE ★ MAIS TARDE, TUDO VIRÁ PARA O BRASIL

NÃO se perderá a grande coleção de arte recolhida pacientemente, em Lisboa, durante várias décadas, pelo nosso patrício José Salgueiro Estêves Brandão e à qual nos referimos em edição anterior. Depois de publicada a nossa reportagem feita na Pinacoteca Brasileira, os jornais cariocas noticiaram que, por intermédio da Embaixada do Brasil em Portugal, o Itamarati encontrara uma fórmula para solucionar o assunto. E fórmula deveras satisfatória: a transferência de todo aquêle tesouro, avaliado em vários milhões de cruzeiros, far-se-á automàticamente para o patrimônio nacional quando ocorrer o falecimento do seu fundador. Mas, enquanto êle viver, essa grande coleção será transformada em museu e o sr. Brandão nomeado seu conservador, resolvendo-se, assim o que era mais precípuo, a sua delicada situação financeira.

Nossa Embaixada em Lisboa dará ao brasileiro que nessa obra de recolhimento histórico gastou o último centavo da sua fortuna, tôda assistência de que necessitar, inclusive designando funcionários e empregados que julgar conveniente à sua boa administração e conservação.

Para se ter uma idéia do valor da coleção de arte dêsse homem, é bastante acentuar que nela se encontram telas de Pedro Américo, Navarro da Costa, Henrique Bernardelli, Rodolfo Amoedo, Malhoa, Carlos Reis; desenhos e gravuras de Rugendas, Bordalo Pinheiro, Debret, Lebretan; móveis dos séculos XVII e XVIII; cerâmicas, esmaltes, miniaturas, metais trabalhados, armaria, inclusive a espada atribuída a Pedro I, à qual nos referimos — além de objetos de ourivesaria e joalheria, bem como um faqueiro que pertenceu à Marquesa de Santos, cinquenta e quatro alfinêtes de gravata de alto valor, pedras preciosas, esculturas, livros, moedas raras, curiosidades diversas.

Alguns artistas franceses e italianos estão também representados nessa coleção, que virá enriquecer, de maneira considerável, o patrimônio artístico nacional.

Bem imaginamos a satisfação de que estará possuído, nesta hora, o velho brasileiro que, desde 1891, aos oito anos de idade, se ausentou da terra em que nasceu, levado pelos pais, gente de posses, para o Velho-Mundo. Não quis o destino que voltasse, embora seja êsse o seu maior sonho, e quem sabe se tendo agora resolvido o magno problema da sua vida, poderá fazê-lo?

Volte ou não, está agora de ânimo refeito, com o coração tranquilo. O que mais nos comoveu, quando o entrevistamos no pavimento térreo da Avenida República, em Lisboa, era a sua impressionante ansiedade em garantir o destino de tudo aquilo que o rodeava. Era o aumento mensal da dívida contraída com um generoso advogado português. Era o mêdo de morrer sabendo que a sua coleção não reverteria para o patrimônio da terra em que nascera.

Todos êsses receios desapareceram e oxalá que o velho Brandão tenha ainda muitos anos de vida. Se os não tiver, partirá tranquilo, repetindo as palavras que dêle ouvimos naquela tarde de abril:

— Não volto eu, mas, mando, por mim, tudo que reuni com o pensamento voltado para o Brasil.

CELESTINO SILVEIRA



O GENERAL Francisco Higino Craveiro Lopes, Presidente eleito da República Portuguêsa, chega a Tomar, para transmitir o comando da 3ª Região Militar, por motivo das eleições.

DE PORTUGAL

O NOVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA

O GENERAL CRAVEIRO LOPES, RECEBE AS DOZE ESTRÊLAS DE OURO DE CHEFE DO ESTADO ★ TAMBÉM A ESPADA DE HONRA DE SEU PAI ★ PRONTO PARA ASSUMIR O CARGO

As eleições para Presidente da República Portuguêsa que se realizaram em tôda a nação irmã, no domingo, 22 de julho último, aclamaram para êsse cargo, o General Francisco Higino Craveiro Lopes. Trata-se de um antigo deputado pela região de Coimbra à Assembléia Nacional e comandante da 3ª Região Militar, situada em Tomar. Por êsse motivo, teve o General Craveiro Lopes de transmitir os poderes de comando dessa região, ao seu legítimo substituto, cerimônia que se realizou na tarde de 30 de julho. Ao mesmo tempo, foi oferecida a s. excia. a espada que os oficiais do exército lusitano haviam oferecido ao pai do novo Presidente, quando êle exerceu, há muitos anos, o comando da referida Região. Cingindo essa espada, o General Craveiro Lopes foi empossado no mais alto cargo do país, dias depois.

O novo Chefe da Nação foi por muito tempo professor do Curso de Altos Comandos do Instituto de Altos Estudos Militares. Trata-se de um descendente de prestigiada família de militares, com larga fôlha de serviços prestados à Nação, militar ilustre, exemplar chefe de família, nascido em Lisboa, a 12 de abril de 1894, eleito, portanto, aos 57 anos de idade.

Filho do general João Carlos Craveiro Lopes, que foi condiscípulo e grande amigo do marechal Carmona, combatente da guerra 1914-1918 e governador-geral da Índia, é neto do general Francisco Higino Craveiro Lopes, condecorado com a Grã-Cruz de Tôrre Espada; e bisneto do general Francisco Xavier Lopes, também com a mesma condecoração distinguido.



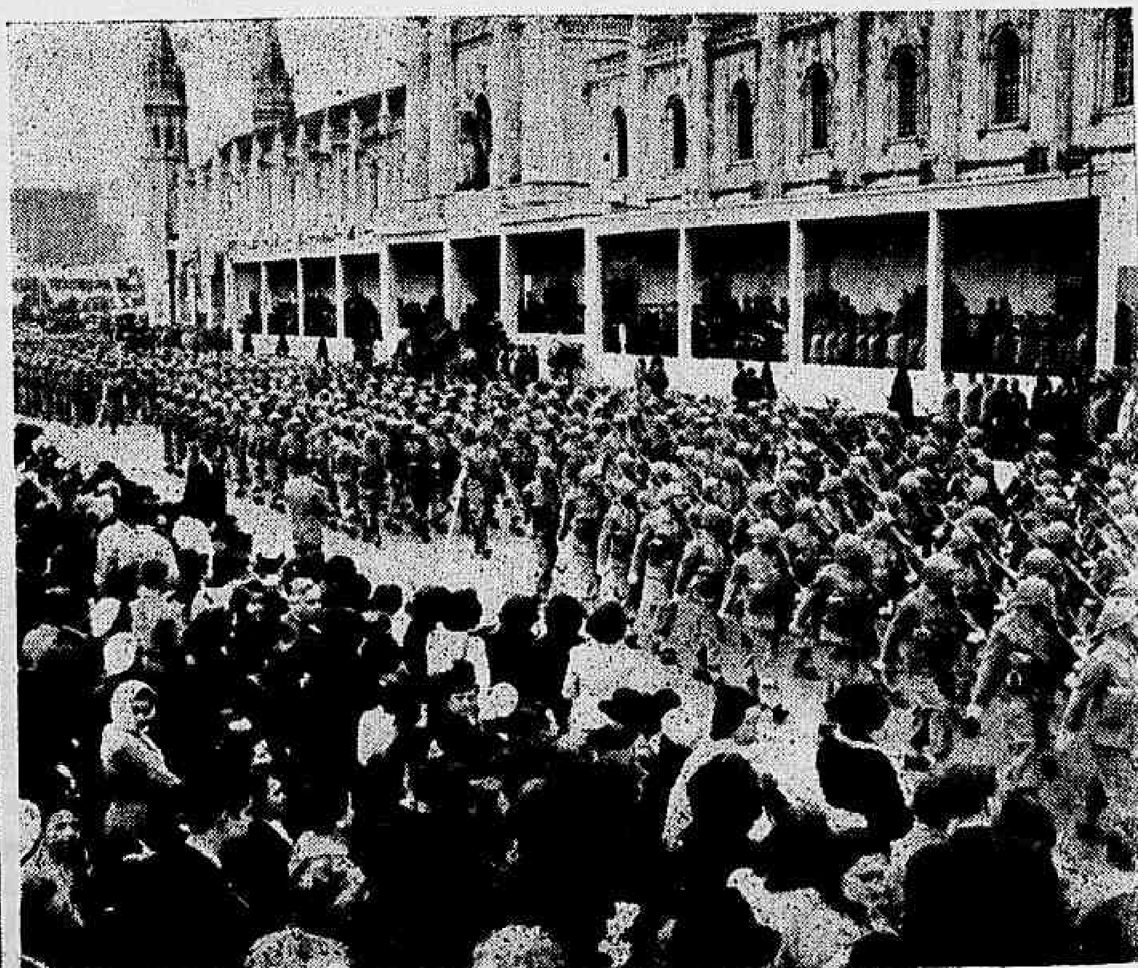
O NOVO Presidente da República Portuguêsa, general Craveiro Lopes.

Frequentou o Colégio Militar, alistando-se como voluntário em 27 de junho de 1911, no regimento de Cavalaria 2. Frequentou o Curso de Cavalaria da Escola de Guerra e, em 16 de novembro de 1915, foi promovido a alferes. Tomou, então, parte na expedição a Moçambique, e foi louvado pela "maneira brilhante o

(Cont. na pág. 48)



ANUINDO à solicitação que lhe foi feita, para aceitar a sua candidatura ao mais alto pôsto do país, o antigo comandante da 3ª Região Militar desobriga-se dessa missão e faz o seu primeiro discurso.



O POVO DE LISBOA acompanhou com visível interêsse os movimentos preparatórios das eleições, inclusive o desfile das tropas em homenagem ao antigo deputado pela região de Coimbra.





AO ALTO: OLIVEIRA SALAZAR, Presidente do Conselho, assiste ao desfile. Em baixo: o General Craveiro Lopes recebe as doze estrêlas de ouro de Chefe do Estado e a espada de honra do seu eminente pai

AS CAMISAS DO CRACK

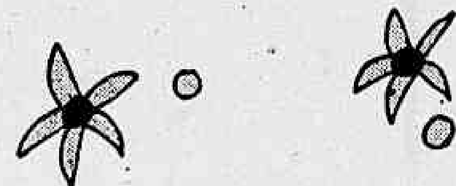


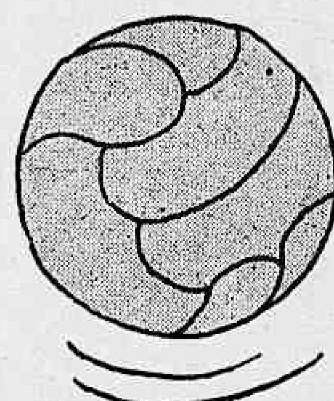


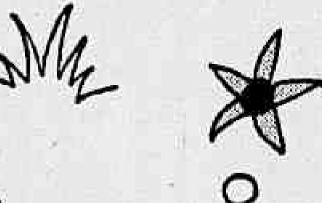
A princípio CABORÉ não tinha camisa; jogava suas PELADAS seminu.

Hoje muda de CAMISA como grã-fino em época de calor!

Ao contrário do comum dos mortais, pagam-lhe para que vista a CAMISA e, num requinte de elegância, CABORÉ só veste a nova CAMISA quando está de acôrdo com as LUVAS...



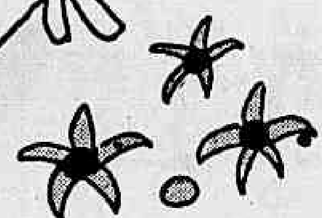
















HISTÓRIA DE FANTASMAS

— Isso não passa de uma história de fantasmas — disse Mary sorrindo...

— Uma simples história de fantasmas, tão ao gôsto anglo-saxônico, e que Wilde até quis ridicularizar num conto humorístico...

— Mesmo Wilde, entretanto, não estava muito convencido do ridículo...

Falávamos das assombrações e materializações dos espíritos de "The Uninvited", de Dorothy Macardle. Achava ela que estava dando muita importância àquelas teorias fantasistas dos mortos que voltam em ectoplasmas fosforescentes... Das almas femininas que retornam aos lugares prediletos por onde andaram, precedidas do perfume das flores que amaram, de frios nevoeiros baixados do além, do chôro abafado que choraram escondido no fundo das alcovas... Expliquei-lhes:

— O que me interessa em tudo isto é esta teoria da "saturação" dos lugares pela nossa presença... Isto soluciona muitas coisas... Havia problemas impenetráveis para mim que, atualmente, se tornaram muito simples... Por exemplo, não é preciso morrer para que nossa essência se distribua por vários lugares que amamos...

— Há uma velha canção que fala nisso: "On lasse un peu de soi-même, dans chaque âme, en chaque lieu"...

— Sim, ficamos um pouco em cada alma, em cada lugar... As almas podem esquecer, mas os lugares, como não têm memória, guardam êsse pouco de nós que as almas, às vêzes, substituem ou atraiçoam... Ficamos lá, impregnados nas paisagens, saturando-as com a nosas essência... tanto mais amamos um lugar, ou nêle sofremos ou vivemos intensamente — uma cidade, uma paisagem, uma casa, um simples quarto de hotel — mais aí ficamos...

— Por isso há as casas assombradas...

— Assombradas... Criaturas que ali viveram, com intensidade, alegria ou paixão, com amor ou com ódio, ali "ficaram" e, às vêzes, se tornam tão sensíveis que assustam... A legenda dos castelos assombrados, é muito plausível. E todos nós sentimos, ao menos uma vez, essa "assombração" afetiva, de alguém a quem somos muito ligados — e que "encontramos" em certa rua, em uma casa, em uma cidade... Cuja "presença" sentimos sob a forma de recordação muito nítida, em certa paisagem, em dado momento, sem que nada, em aparência, motivasse a lembrança. Cada um de nós já teve essa experiência silenciosa da manifestação de uma pessoa, viva ou morta, em um sítio em que nunca vimos essa pessoa...

Mary não fêz mais comentários e, então, contei:

— Lembro-me de que fiz contigo esta experiência de mediunidade entre vivos... E tu agora podes constatar a verdade da teoria... Certa vez, estive algumas horas na cidadezinha de Oblivion, onde tu moravas, no tempo em que nos conhecemos... Pensei em fazer um "test" psíquico, procurei "sentir" a tua presença... Logo ela se manifestou... Em certo ponto era quase neutra, além, mais vibrante... Como fôsse fácil percorrer a povoação, andei pelas ruas procurando teus fragmentos, teus pensamentos esparsos... Às vêzes, te sentia tão forte que era quase a presença física, roçando os meus cabelos, respirando junto de minha bôca... Mas onde te senti assim, mais forte e mais "presente" foi perto de certa casa azul, com um pequeno jardim ao lado e tendo, junto, um pé de eucalipto... Ali, no quadro daquela casa sôbre o barranco da rua erma, tu estavas mais do que em qualquer parte, mais do que aqui, à minha frente, ouvindo-me agora... Ali eu te sentia mais, e tão vivamente, como se eu próprio ali estivesse de envôlta contigo, diluído na essência de tua presença... Tive — por que negar? — um pouco de tristeza... Verificava, naquela palpitação invisível de tua vida, que ali havias vivido para mim, intensamente...

Então, o seu olhar ficou muito doce, e, na sua voz grave, com uma lágrima flutuando nas palavras, ela respondeu:

— E' verdade... Foi naquela casa azul, naquela solidão, que te dei todos os meus pensamentos, todo o meu amor... Nas noites longas e desertas, com um luar romanesco, pasmado e inútil, sôbre o vilarejo quieto, na casa azul sob o eucalipto, eu te amava, vivia de ti, para o teu amor... Ali senti, com esta tristeza — vês? — tôda a tua paixão, todo o nosso sonho... A história maravilhosa, que não tivemos a coragem de viver, lá ficou, impregnando para sempre a paisagem fôsca, onde penso tanto em ti... A paisagem onde, à noite, vagueiam os fantasmas de nosso amor...

EDMUNDO LYS

SUMÁRIO

REPORTAGENS:
A resposta foi: Sim! (Celestino Silveira) 3
O novo Presidente da República (De Portugal) 4/5
Maestro e Torcedor de Futebol (Domingos de Luca Júnior) .. 10/13
O subway ficará muito barato (Jorge Lyra) 20/23
E o comércio não fechou! (Abdias Rodrigues) 27/31
ATUALIDADES:
O nariz de Anabella 18/19
A conversão de Pitigrilli 24/25
Réplica à Resposta aos Epiritualistas (Sérgio Valle) 32/33
J. A. Vieira 46
LITERATURA:
História de Fantasmas (Edmundo Lys) 7
Semana Literária (Edmundo Lys) 16/17
A Carta (Lourdes Espíndola) ... 34
O ciúme salvou-a (Graziela Carvalho) 47
SEÇÕES PERMANENTES:
A Semana em Revista 8
Personagem da Semana 9
Puxe pelo cérebro 34
Saúde do Bebé (Dr. Sabóia Ribeiro) 33
Tudo isto aconteceu 52/53
Palavras Cruzadas 54
A REVISTA há 50 anos 58
CINEMA:
Chaplin vai voltar 14/15
Nascido Ontem (Cine-Novela) .. 42/43
HUMORISMO:
As camisas do crack (Theo) 6
Êste mundo e o outro (Darcy) .. 26
FEMININAS:
Modas 35
Modelos variados 36/37
Para gente moça (Ramon) 38/39
Week-End na Cozinha 40/41
ESPORTE:
O Flamengo volta a triunfar (Levy Kleiman) 55/57
FOLHETIM:
O professor de golfe 45

FOTOS:

Celestino Silveira — Secretariado de Informação (Lisboa) — Dario Terini — Jorge Lyra — Abdias Rodrigues — Nódgi — Columbia — José Santos — Avulsas Arquivo.

ILUSTRADORES:

Gil Ribeiro — Oswaldo da Cunha — Rafael — Ramon



NA CAPA

Júlia Adams, Piper Laurie e Joyce Holden

(Foto Universal)

A SEMANA

O VELHO VIEIRA



O público geralmente não sabe o quanto vale um bom repórter fotográfico numa grande cidade como o Rio e a serviço de uma revista como esta. Depois que sai em suas páginas a documentação fotográfica de episódios e «furos» jornalísticos, ninguem pode imaginar, muitas vêzes, o esfôrço que fêz o seu organizador e executor. O velho Vieira, repórter fotográfico da REVISTA DA SEMANA desde que abraçou a profissão, era um dêsses protótipos do profissional dedicado, dinâmico e vivendo exclusivamente para sua arte. Possuía verdadeiras intuições para descobrir fatos e «furar» colegas. Não houve um só gênero de reportagem nesta capital que o velho Vieira não explorasse com o mais retumbante êxito. Motivos sociais, políticos, revolucionários, policiais, etc., tudo êle focalizou através das lentes de sua maquina, adquirindo, por isso mesmo, um dos mais justos renomes nos meios jornalísticos da Capital Federal. Quando saía para realizar seus trabalhos, não o fazia com a idéia de quanto lhe renderiam. Não lhe interessava a questão do dinheiro; êle se entregava à profissão em que foi um dos marcos em nosso jornalismo, com a dedicação e o dinamismo de um profissional sublimado pelo amor à arte. E trabalhou nesta casa até que a idade e o seu estado de saúde foram obstáculos à continuidade dessa grande batalha que soube manter sem tréguas: a reportagem semanal. A 1 de agôsto corrente morreu Joaquim Alberto Vieira, deixando a mais profunda saudade em todos nós. Para a REVISTA e os que nela trabalham, porém, o Velho Vieira permanecerá vivo em nossa lembrança, em nossa profissão, em nossas coleções.

★

TEREMOS O "METRO" AGORA?



EM dias da semana passada, em vários pontos do Rio se viam grandes aglomerações em tôrno de aparelhagem de sonda do subsolo. Que seria aquilo? Engenheiros e auxiliares com seus instrumentos iam anotando certas coisas que os profanos não compreendiam. Ao lado uns cartazes diziam: «Obras da Prefeitura para perfuração do solo nos serviços de construção do Metropolitano carioca a cargo da firma X». Uma redação mais ou menos assim. No dia seguinte e noutros que se seguiram à novidade, todos os diários, matutinos e vespertinos estamparam variado noticiário sôbre o grande acontecimento. O carioca iria, sem dúvida alguma, ter o seu trem subterrâneo. Estão no Rio em função de tal progresso alguns engenheiros franceses do «Metro» de Paris e que vão dedicar-se à construção do nosso. Se o Prefeito atual conseguir, pelo menos, inaugurar um trecho, já alcançou grande vitória. O metropolitano carioca vem numa hora angustiosa. A cidade está entúpida de veiculos de tôda espécie. O povo precisa dispor de meios de comunicação subterrânea pois os de superfície já não podem ser aumentados. O carioca, porém, é de uma fertilidade extraordinária. Entre suas exclamações de alegria e boa surprêsa naquele fim de julho, êle soube fazer blague. Um cidadão se acercou da pequena multidão e, forçando a passagem para ver também, perguntou a um popular: «Que estão cavando aí, hein?» E o outro: ««Procuram as Minas de Salomão no Metro»...

★

JORNAIS DO INTERIOR

ESTÃO ameaçados de morte os jornais do interior, ameaça resultante do projeto ora em curso na Câmara dos Deputados. São tais os dispositivos da citada proposição que, aprovada, fulminará os jornais do Brasil, deixando precàriamente vivos apenas meia dúzia de periódicos. E, ainda que pareça incrível, não estão êles percebendo. E' lamentável e vale a pena relembrar aqui que o jornal do interior, por modesto que seja, desempenha uma função social importante. Dêles têm vindo para a Metrópole elementos que, depois, se tornaram grandes jornalistas. E' nos jornais dos Estados que se exercitam as vocações literárias. E nas suas colunas são debatidos os problemas locais, a política das cidades, a vida municipal. Umas caixas de tipo, um prelo rústico, muita dedicação e muito idealismo, eis a que se resume um jornal do interior. E muitos dêles vivem dez, vinte e mais anos, cada qual dentro do seu padrão, ora atravessando fases de relativo desafôgo, ora vivendo, apenas, para viver. Com o advento do rádio, maiores se tornaram os óbices. Mas o idealismo na província, que parece mais forte do que nos grandes centros, transpõe todos os obstáculos e a imprensa regional continua existindo. Não há homem público que não deva algo ao jornal de sua terra. E um jornal que se fecha é uma luz que se apaga, mesmo que essa luz seja comparável à de uma lamparina de azeite. Mas não há de ser nada: a imprensa da província saberá defender-se, como tem sabido defender os outros.



EM REVISTA

O JUIZ FOI PRÊSO



NÃO se trata de nenhum juiz de futebol. E' juiz de direito de uma das nossas Varas Criminais, o magistrado Alcino Pinto Falcão, que foi prêso pelo soldado Enock Vieira do Nascimento, do Esquadrão de Cavalaria da Polícia Militar. Como todos sabemos, militares dessa guarnição foram cedidos à Diretoria do Tráfego para ajudar o policiamento do trânsito. A 26 de julho pp., um carro avançou o sinal, no cruzamento das Avenidas Antônio Carlos e Almirante Barroso. O soldado advertiu o motorista do carro particular e, diante da atitude do mesmo, deu-lhe voz de prisão. Mas sucedeu o imprevisto no regulamento do tráfego: tratava-se do juiz da 24.ª Vara Criminal! E o magistrado também deu voz de prisão ao militar, «por abuso de autoridade»... Ambos seguiram para o 5.º Distrito e ali se apresentaram ao comissário Xavier de Matos: «Êste homem está prêso», disse o soldado, ao que o juiz replicou: «O soldado está prêso por mim». O comissário ficou atordoado. Prêso o juiz Pinto Falcão?! Confabulou com o delegado Péricles de Castro enquanto o juiz telefonava para o Tribunal de Justiça, comunicando ao presidente que estava prêso na delegacia. Daí por diante foi aquêle corre-corre: magistrados, oficiais do Gabinete do Chefe de Polícia, advogados, todo mundo foi desmanchar o embrulho. Convidados Juiz e soldado para uma harmonização no Gabinete do general Ciro Rezende, tudo se apaziguou: o juiz foi «sôlto» pelo militar, que, por sua vez, teve sua prisão relaxada pelo próprio juiz, pois houvera mais precipitação do que conhecimento das leis do tráfego.

★

NÃO TEM BANDEIRA

E no Rio de Janeiro onde mais se briga por causa de bandeiras. Mas não se pense que se trata de bandeiras de nações ou a nossa sagrada bandeira do Brasil. Nada disso. A briga é por causa de bandeiras de táxis. Todos conhecem a esperteza dos choferes de praça. Quando estão dispostos a servir ao público, conservam a bandeirinha do taxímetro em posição vertical. Isso indica que o carro está livre. Essa palavrinha esperançosa fica mesmo à vista do cliente, pelo lado de fora. Mas, nem sempre os choferes de táxis estão dispostos a aceitar passageiros. Ou porque já se encheram, ou porque desejam ficar na moleza, a contar anedotas e a jogar com os punhos fechados, o fato é que não ligam para os que desejam um transporte mais imediato. Diversas reclamações chegaram aos ouvidos do comissário Armando Pano, de serviço no 8.º distrito policial. Essa autoridade resolveu averiguar e bancou o freguês de táxis. Uma tarde destas, quando o movimento ali pelo largo de S. Francisco era mais intenso, foi apanhar um dêsses veículos. E como foi larga a safra de infratores! Nada menos de doze carros estavam com a bandeirinha arriada. Interpelados os respectivos motoristas, disseram êles que «estavam ocupados» os seus carros, aguardando fregueses que foram dar uma voltinha pelo comércio. Mas que, se o novo cliente quisesse pagar um pouco mais... Foi a conta. O comissário Armando apreendeu todos os veículos e está disposta a acabar com a exploração. Bem feito. Nem todos os choferes de praça usam dêsses expedientes. Mas os maus elementos deviam ser advertidos pelos próprios companheiros.



★

EXPLORAÇÃO DE PREÇOS



NINGUÉM pense que a luta entre o consumidor e o vendedor é de agora. Isso sempre existiu, e existirá enquanto o mundo fôr mundo e a humanidade se dividir entre produtores e consumidores, com o contra-pêso dos senhores intermediários ao centro. Diziam os antigos romanos, que, «in medio virtus», isto é, a virtude está no meio. Pois os intermediários de gêneros alimentícios, especialmente, provaram o contrário. Para sua filosofia o que está «in medio» é a sagacidade... O atual Prefeito vem procurando evitar explorações de vendedores de gêneros de primeira necessidade nas feiras-livres do Distrito Federal. Já recorreu a alto-falantes nesses mercados públicos, à luz do sol ou sob a chuva, com locutores que gritam para o povo o preço dos ovos, do peixe dos tomates, das hortaliças em geral, dos cereais e de tudo o mais que tem que ser levado às panelas caseiras. Que ninguém fique na ignorância dos preços tabelados. Mas há uma outra parte da tragédia: quem vai comprar é porque está precisando comer e dar de comer à família, aos hóspedes, aos clientes da pensão, aos inquilinos do hotel. Se chega a uma barraca e lhe informam que o preço é superior ao da tabela, porque os barraqueiros não podem vender como deseja a CCP, uma vez que, assim, perderão dinheiro, o freguês compra, apesar de o alto-falante bradar: «Não comprem por mais do que está tabelado!» Agora o Prefeito criou outra novidade em defesa do povo: os fiscais levam uma braçadeira com o letreiro: «Fiscal n. tal». Basta indicar o infrator e irá o indisciplinado para o xadrez.

A PERSONAGEM DA SEMANA

DESDE que foi criado o Grande Prêmio Brasil em nosso Hipódromo, cada ano que se repete a sensacional prova, mais avulta o interêsse dos aficionados das corridas de cavalos. Êste ano, apesar do tempo chuvoso, um óbice ao brilhantismo da parada de elegância que sempre é um acontecimento dêsses, a afluência foi enorme, mantendo-se num deslumbramento até ao fim, graças à melhora do tempo e à benignidade da temperatura. Durante tôda a semana anterior o motivo de tôdas as palestras era o Grande Prêmio Brasil. Os nossos melhores parelheiros eram eleitos pelo numeroso público, oscilando os palpites entre vários "cracks" já consagrados em disputas anteriores. Por fim, na tarde de 5 de agôsto, no hipódromo da Gávea, realizou-se a sensacional corrida nacional, sagrando-se vencedor o cavalo Pontet Canet, valente corredor alazão do stud Rocha Faria, desta capital, montado pelo simpático jóquei chileno "El Negro Diaz". O movimento geral das apostas atingiu à soma recorde de Cr$ .... 21.405.785,00, ultrapassando a do ano passado, que não chegou aos dezesseis milhões. Os cavalos que maiores apostas receberam foram os corredores do stud Seabra, Tirolesa, Cruz Montiel e My Love, com 121.120 poules num recorde absoluto embora houvesse quem prognosticasse a vitória de Pontet Canet. Quem é o jóquei laureado? Chama-se Luiz Alberto Diaz Cespedes, chileno, de 23 anos de idade. E' solteiro e começou a vida como cavalariço, e é o primeiro Grande Prêmio que vence, embora já fôsse grande jóquei no Chile. E' um rapaz jovial, alegre, expansivo, sem vaidades. Muito brincalhão, gostando muito quando o chamam "El Negro Diaz", a personalidade da semana.



"El Negro Diaz"

Desânimo
Abatimento



Desânimo, abatimento, mau humor, palpitações, ansiedade, excitações nervosas, dôres de cabeça e outros distúrbios mais sérios da saúde podem ser causados pelas inflamações dos importantes órgãos útero-ovarianos.

Quando êstes órgãos não funcionam normalmente, o génio da mulher altera-se quase sempre, e ela pensa, não raro, que está sofrendo de muitas doenças, sem desconfiar, nem se lembrar, que os seus males podem ser provenientes de congestões e inflamações útero-ovarianas.

Em semelhantes casos, uma bôa medicação descongestionante exercerá efeito salutar sôbre todo o organismo, e a mulher sentir-se-á outra: reanimada, bem mais disposta e contente com a vida, que lhe parecia, antes do tratamento, um pesado fardo.

Trate-se

Use *Regulador* Gesteira

***Regulador* Gesteira** é o remédio de confiança para tratar as congestões e inflamações dos órgãos útero-ovarianos, que tão desfavorável repercussão costumam ter no sistema nervoso.

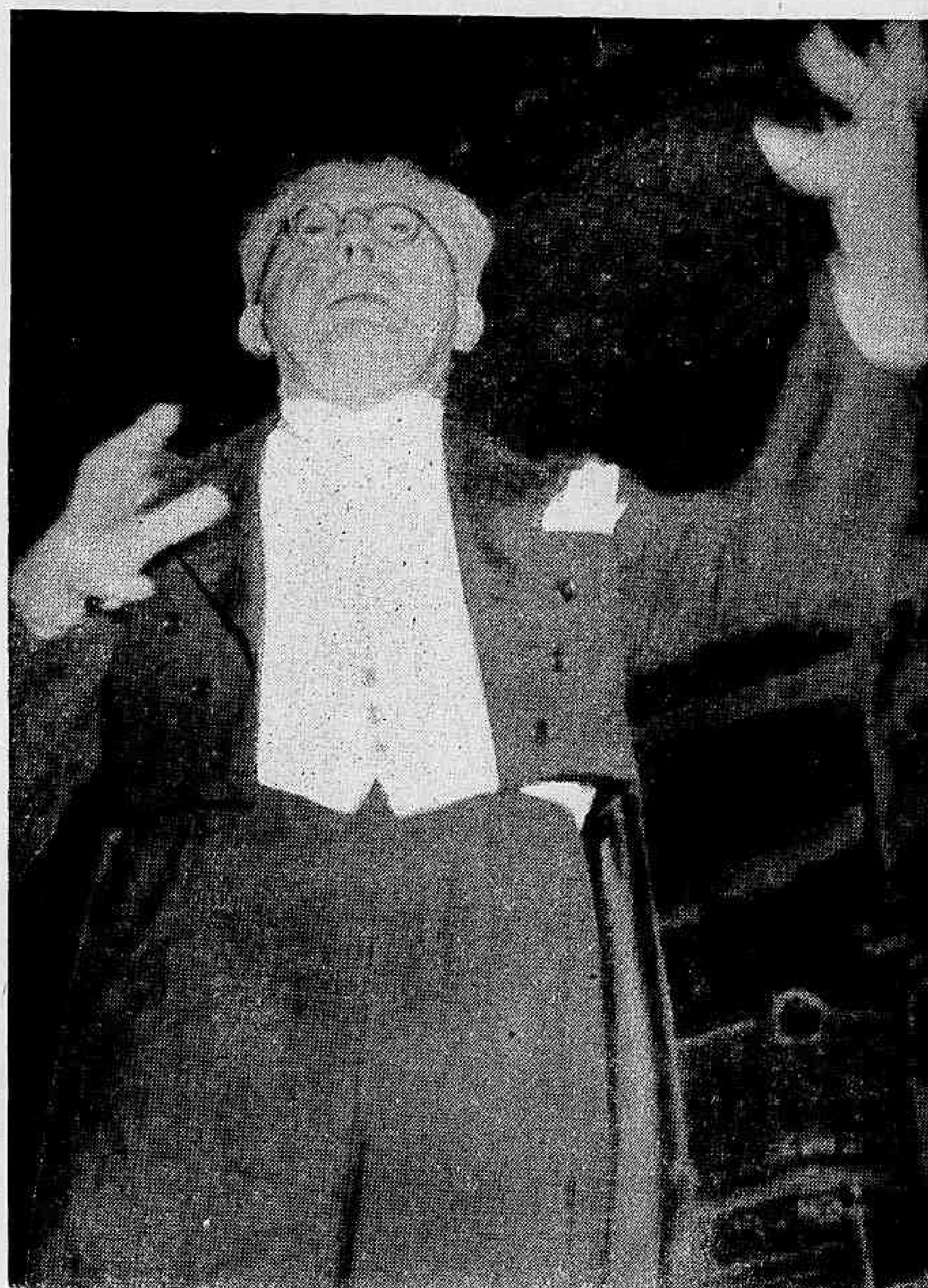
Comece hoje mesmo a usar *Regulador* Gesteira



O MESTRE E O DISCIPULO — RODZINSKI E RICHARD
Mas na hora de assistir a um "match" no Pacaembu, invértem-se os papéis. Mestre em futebol é o garôto.



DE «PIANO» a crescendo, vai o maestro, sem auxílio de batuta, regendo apenas com as mãos e transmitindo aos componentes da orquestra tôda a sua grande sensibilidade.



NESTE MOMENTO êle não pensa em outra coisa senão na música, absolutamente concentrado nos requintes da harmonia, como se atuando sob a influência de um Deus da divina arte.

RODZINSKI É ASSIM:

MAESTRO E TORCEDOR DE FUTEBOL

ABANDONOU A PROFISSÃO DE ADVOGADO PELA BATUTA ★ NAS HORAS VAGAS, TAMBÉM FOTÓGRAFO AMADOR ★ E NO GRAMADO JOGOU DE "MEIA-ESQUERDA" ★ PALESTRA SÔBRE MÚSICA NAS ARQUIBANCADAS DO ESTÁDIO DO PACAEMBU, EM SÃO PAULO

Texto de DOMINGOS DE LUCA JUNIOR   Fotos de DARIO TERINI

S. PAULO, agôsto — Já ouvíramos falar de Rodzinski. Sabíamos, também, que é considerado o maior regente da atualidade. Todavia, não pensávamos que iríamos ouvir, após a função que assistimos, do próprio maestro, as mais entusiásticas referências ao futebol. Isso porque, geralmente, os grandes gênios dedicam-se de corpo e alma às suas respectivas artes ou ciências; e o futebol se lhes apresenta como algo brutal; talvez como as sessões do Coliseu de Roma, divertimento dos povos de outrora.

Calculem, pois, qual a nossa surprêsa quando Rodzinski, com a voz mais calma do mundo, em resposta a uma pergunta, propôs: "Que tal se nos encontrarmos no Pacaembu?". Fitamos o maestro, como se não tivéssemos entendido o que êle dissera, com a sua voz clara e pausada. "Onde, maestro?" — insistimos. "Eu disse no Pacaembu, é claro, pois pretendo assistir a peleja de amanhã. Meu filho também é apreciador do futebol e irá comigo."

Daí por diante foi uma torrente de surprêsas que o deixará, amigo leitor, boquiaberto.

VOCÊ JÁ VIU RODZINSKI?

Rodzinski impressiona. Alto, sério, os bastos cabelos brancos a balançarem como flocos cândidos de algodão, dão-lhe a aparência de um deus da mitologia — quando à frente de uma orquestra.

Suas mãos, firmes e decididas, transformam-se em borboletas, acompanhando, com graça ímpar, as nuances da música.

A face disposta, que rira para você, transforma-se também. E o vemos de olhos quase cerrados, a bôca: um traço fino, as mãos, acompanhando ritmicamente as notas musicais. Rodzinski não lê as partituras. Decora-as e segue a música como nós seguiríamos uma *pin-up-girl* bamboleante...



MAS NO ESTÁDIO de Pacaembu tudo muda de figura e o velho maestro confunde-se com os mais fervorosos «torcedores».





RODZINSKI, a família e seu empresário, depois de um ensaio no Municipal, traçam seus planos para as restantes horas do dia. E ninguém lhe fale mais em música a partir daí!

— «QUE TAL se trocássemos os chapéus?» E Richard, o «caçula» de Rodzinski, diverte-se com a brincadeira, enquanto o mestre dá largas ao seu senso de humor e se distrai um pouco.

Artur Rodzinski, o famoso mago da batuta, nasceu em Spalato, Dalmácia, em 1894, sendo filho de poloneses.

Lutou duramente para atingir o seu ideal, que é a música. Êle mesmo nos contou a história da sua mocidade.

— "Quando jovem, estudei Música e Direito. Queria, a todo custo, ser regente orquestral. Entretanto, face à pobreza que rondava o meu lar, após minha formatura, fui obrigado a exercer a advocacia. Com isso conseguia a subsistência de minha família.

"Porém, não abandonei a música. Continuei os estudos iniciados em Viena, seguindo, daí, já na qualidade de regente, para Lwow, na Polônia, e, mais tarde, para Varsóvia. Estudei muito, e consegui vencer."

Em 1926, Rodzinski embarcou para os Estados Unidos, onde assumiu o cargo de assistente do maestro Leopoldo Stokovski, na regência da Orquestra de Philadelphia. Ao mesmo tempo, lecionava no "Curtiss Institue of Music".

Três anos depois, em 1929, assumiu a regência da Orquestra de Los Angeles, cargo que ocupou até 1933, tendo então saído para dirigir a Orquestra de Cleveland, até o ano de 1937. Nessa ocasião, fundou e conduziu a — agora célebre, orquestra da N.B.C. — National Broadcasting Company — passando, em 1943, a reger, também, a Filarmônica de Nova York, tendo sido, de 1947 a 1948, diretor da Sinfônica de Chicago.

TRABALHO, GLÓRIA E... CANSAÇOS

Após o término dos compromissos citados, Rodzinski tem dirigido as maiores orquestras do mundo, sem, todavia, prender-se a nenhuma. Disse-nos, a propósito, ter levado uma árdua vida de trabalho e, nestes últimos dois anos, não teve um só dia de descanso.

O moestro é um tipo invulgar e, como todos os gênios, excêntrico. Não conversa com pessoa alguma, antes das audições, e, quando empunha a batuta, diante da orquestra, não tolera os "flashes" fotográficos.

Depois, é bem disposto e palrador. Conhece vários países do mundo. Naturalizou-se cidadão americano e considera a Itália como a sua segunda pátria.

Não conhecia o Brasil. Segundo nos declarou, ficou assombrado com o progresso de nossa terra. Acrescentou mesmo que não tinha palavras para exprimir a sua impressão magnífica, diante da majestade de São Paulo; "no tocante ao seu adiantamento artístico, principalmente na especialidade musical, São Paulo é impressionante".

O GÊNIO ESTUDA NA CAMA

Rodzinski estuda suas partituras na cama. E, no aconchego do leito, na calma da noite, encontra maior prazer em ler e reler as peças que rege, estudando seus mínimos detalhes.

Por outro lado, não lê as partituras quando à frente das orquestras, pois conhece-as, tôdas, de memória, tais como Iohengrin, de Wagner; Sinfonia em Ré Menor, de César Frank; Romeu e Julieta, de Tschaikovsky; Gayné, suite de ballet, de Ka'hanurian e outras.

Nesta viagem, Rodzinski trouxe consigo sua espôsa, d. Halina, e o filho mais novo do casal, Richard, de seis anos. O mais velho, que está com trinta anos, ficou na América do Norte.

As músicas regidas por Artur Rodzinski atraem aos teatros as multidões de tôda parte do mundo, prova está que um dos ensaios gerais, públicos — com ingresso pago, está claro — lotou o Municipal bandeirante, a despeito da "altitude" dos preços impostos pela Prefeitura.



O MAESTRO, sua espôsa d. Halina e o filho do casal saem do teatro depois do ensaio. Reparem nas fisionomias alegres de quem sabe tirar o melhor partido desta vida...



A TEMPORADA dramática italiana de Vittorio Gassmann e os recitais de Artur Rodzinski foram os magnos acontecimentos desta fase da temporada em São Paulo. O público compareceu.

RODZINSKI, MEIA-ESQUERDA...

Porém, não fica na música as aptidões de Rodzinski. Quando jovem, na Polônia, integrou um valoroso esquadrão de futebol, do qual era "meia-esquerda". Segundo se sabe, jogava bem. E até hoje é apreciador do futebol. Em São Paulo, o maestro não perdeu uma só peleja futebolística, mesmo que se travasse nos frios dias de inverno. Trajando o seu pesado capote, rumava para o Pacaembu, levando, pela mão, o pequerrucho Richard. A êste, dá explicações sôbre o desenrolar da partida, comentando os detalhes técnicos, como bom entendedor da matéria.

Rodzinski, no campo de futebol, esquece a sua qualidade de maestro. E', ali, apenas um "torcedor" inflamado. Recorda-se certamente do tempo em que foi "crack" da pelota... A certa altura, no Pacaembu, nos declarou:

— "Acredite, gosto muito de futebol. Considero-o um grande esporte. O jogador precisa ter cérebro, rapidez, eficiência, classe e resistência física, sem o que nunca será um bom futebolista."

"No meu tempo — acrescentou — não havia o profissionalismo, mas também havia grande entusiasmo e muita gente no campo."

Artur Rodzinski, o homem que empolga multidões, o mago da batuta, ainda no Pacaembu, num domingo frio, esqueceu os repórteres, entusiasmado com os lances maravilhosos dos "cracks" que se digladiavam em renhida peleja, no gramado verde do Estádio.

Agora, Rodzinski está longe e, possìvelmente, aproveitando dois meses de férias, que, de há muito, desejava gozar. Terá bastante tempo para praticar a arte fotográfica, da qual é excelente amador.

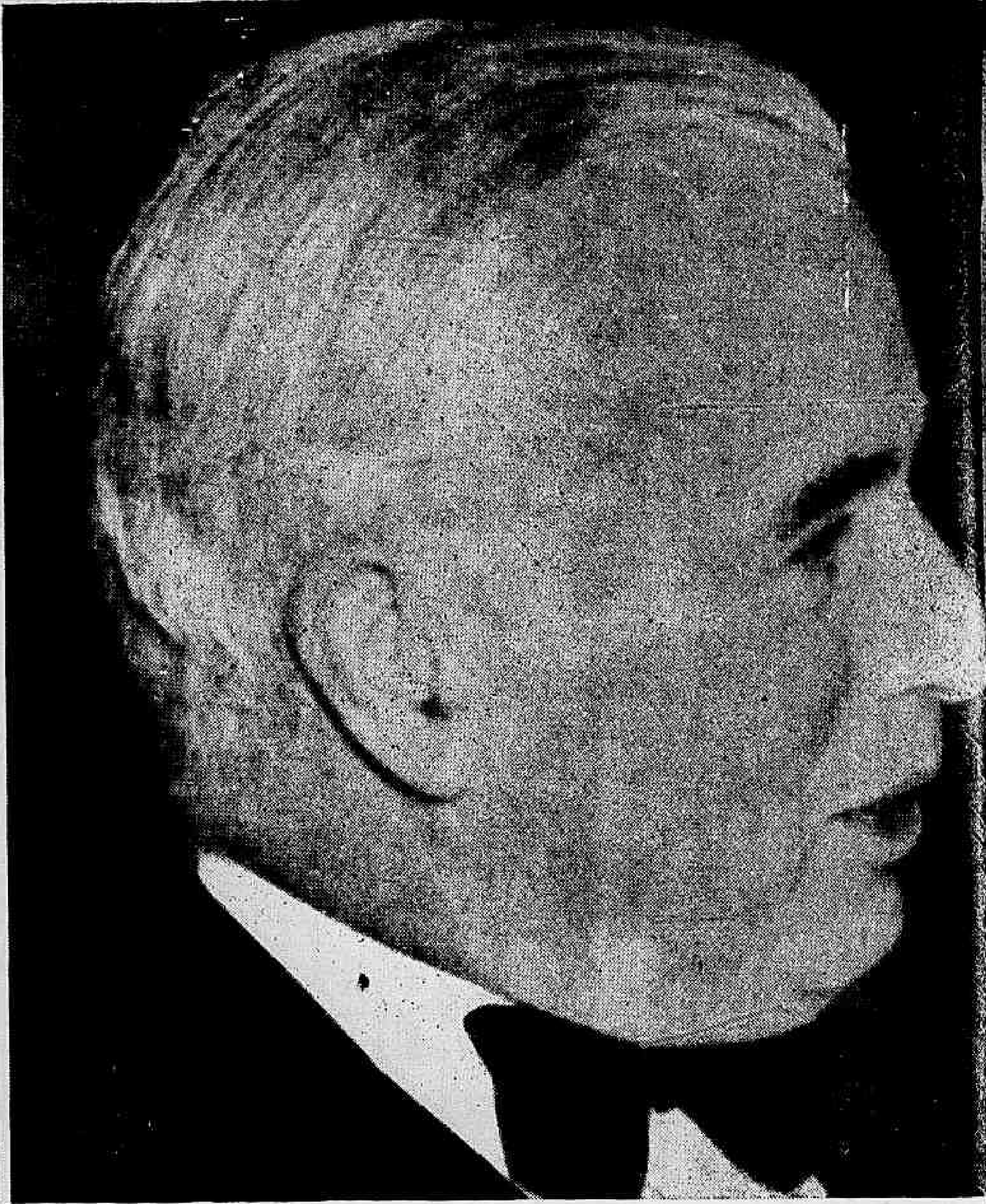
Como vê o leitor, nem todos os músicos são apenas músicos: Rodzinski, o grande musicista, regente de fama internacional, é também... fotógrafo e futebolista.



NADA COMO UM BOM CACHIMBO PARA MEDITAR E ESTUDAR, AFIRMA RODZINSKI, O MAESTRO QUE DISPENSA AS PARTITURAS POIS CONHECE-AS TÃO BEM COMO A PALMA DA MÃO.



A quarta espôsa de Carlitos, Oona O'Neill, de 26 primaveras, já deu ao grande astro do cinema nada menos de quatro lindos rebentos.



Charles Spencer Chaplin, o popularíssimo Carlitos, aos 62 anos de idade, trabalha fortemente para lançar seu novo filme «Limelight».

CHAPLIN VAI VOLTAR

SERÁ O SEU ÚLTIMO FILME? ★ A VIDA DE CARLITOS É UMA INCÓGNITA ★ ATÉ HOJE NÃO SE SABE ONDE NASCEU





Carlitos nos funerais de Griffith; trabalhando em sua casa em Beverly Hills; em 1931, visita Shaw; na última, à direita, em 1940 com a então espôsa Goddard e o filho Chaplin Júnior.





NÃO há artista de cinema que tenha resistido tanto ao tempo do que Charles Spencer Chaplin, o popular Carlitos. Sua arte é inimitável, e, de artista de circo, passou a ser o maior do cinema em seu gênero. Um filme de Carlitos, aí pelos anos de 1915 ou 1917, pode ser visto hoje com o mesmo prazer pelos espectadores. E' que tais obras cinematográficas possuem grande conteúdo humano e sua arte é universal e está fora do perpassar do tempo.

Carlitos, há quase três anos, está trabalhando no seu novo filme: "Limelight", ou seja, "Luz da ribalta". Desde que fêz "Monsieur Verdoux", Carlitos não mais lançou nenhum filme e seus estúdios permaneceram fechados. Uma de suas maiores preocupações é a de encontrar a artista que reuna qualidades de uma Duse e de uma Pavlova para interpretar o papel principal feminino em sua nova criação.

•

Depois de experimentar centenas de candidatas, não se decidiu a contratar nenhuma para encarnar o papel de Terry, a Bailarina. Mas espera que o impasse seja removido e surja a estrêla com quem sonha. Há, entre as pessoas que procuram aproximar-se do solitário de Summit Drive as opiniões mais diversas. Mas, de uma coisa estão todos certos: Carlitos, com seus sessenta-e-dois na lombada e os cabelos brancos que tem, já não é mais aquêle de outrora, carregando atrás de si um cortejo de escândalos e complicações sociais.

Pouco sai. Ninguém o vê na rua. Fica todo o tempo encerrado em casa com a espôsa e seus quatro filhos. Ela é muitíssimo mais jovem que



Carlitos numa posição que o torna quase irreconhecível, trabalhando àrduamente no argumento do seu novo filme «Limelight», uma história de aspecto diferente das demais.



O Carlitos do lar, animando o fogo da lareira em Beverly Hills.

★

êle. Chama-se Oona O'Neill, filha do dramaturgo Eugene O'Neill. Mas, Carlitos não quer morrer sem que deixe mais um dos seus belos dramas um tanto cômicos, expressão real e permanente da vida: o riso e a lágrima, expressão da vida universal, sôbre cujo tema os gregos construiram a arte de representar.

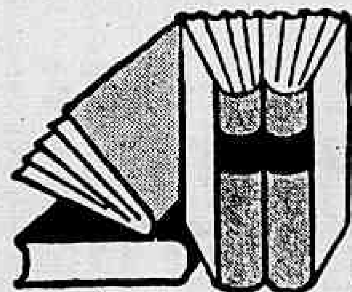
Tôdas as obras cinematográficas de Chaplin refletem sua vida de infância e adolescência. Onde nasceu? Para uns, em Fontainebleau, na França. Para outros, em Londres. Há quem assevere que Carlitos já confessou a amigos intimos, que a terra de seu berço não é a Inglaterra, e sim a França. Mas não houve quem encontrasse o registro de seu batismo nas igrejas de Fontainebleau. Em Londres, sim: a 18 de abril de 1889. Há ainda outra incógnita em tôrno de seus pais: como se chamava sua genitora quando solteira? E era ela casada legalmente com o ator Charlie Chaplin, homem violento, brutal e que morreu de "delirium tremens" no hospital de São Tomás, em Londres?

Carlitos era uma criança quando o beberrão abandonou a mulher e o filho, deixando Lily Harvey (nome da mãe de Carlitos no teatro). Sofreu tanto essa pobre vitima da estupidez e do alcoolismo de um marido selvagem, que findou por perder a razão. Enlouquecera, sendo internada num hospital, doente e às vésperas da morte. Tinha Carlitos dez anos quando viu sua mãe mergulhada naquela decadência física e moral. Carlitos criou-se sem um afago, sem um carinho, sem um lar. Seu espirito se forjou no sofrimento e na amargura mais completa. Êle, jamais contou a estranhos êste capitulo amargo de sua existência. Sua capacidade criadora, porém, aproveitou tais episódios para revivê-los na figura do "Kid", interpretada por Jackie Coogan, sob a direção do próprio Carlitos. Nesse "Kid", temos exatamente a figura de Carlitos, aos dez anos, dormindo ao relento e alimentando-se de restos de frutas no Covent Garden de Londres.

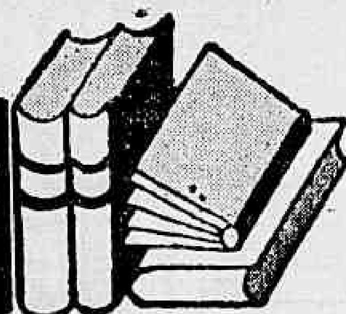
Mas a pequenino artista que tanto sofreu chegou às culminâncias da fama universal. Carlitos se tornou um milionário, um nababo e um D. Juan. Muitos corações êle dominou e, sòmente agora, com a cabeça coberta de cãs, vendo em volta quatro filhos menores e uma jovem espôsa que o adora, êle começa a viver...



CARLITOS NUMA CENA DO INESQUECIVEL "GOLD RUSH", EM 1925.



SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



VIOLETA DE ALCANTARA-CARREIRA

Jornalista e conferencista, criadora das páginas «Relógio de Sol», onde, na tradicional «Ilustração Brasileira» se fala de tudo que de mais interessante acontece no nosso mundo social e intelectual, e a quem já ouvimos falar de «Livros do Brasil em Portugal» — a propósito de uma carta inédita de Euclides da Cunha a seu pai — de «O Rio frívolo e sério» e dos aspectos menos conhecidos da grande obra de Marcel Proust, na Biblioteca Nacional e na A.B.I., vai agora publicar, além de um livro composto de artigos e palestras, um volume de versos, sob o título de «Alguns poemas».

Violeta de Alcântara-Carreira começou a sua vida literaria justamente escrevendo versos — sonetos que tenciona incluir neste volume — e com quinze anos, em Lisboa — essa escritôra brasileira é filha do escritor português Alcântara-Carreira e de uma paulista — já via anunciado em jornais o seu primeiro livro de versos. Mas não quis ser «menina prodígio» e não o deixou publicar como queriam as pessoas que conheciam os seus poemas. Vindo para o Brasil, onde iniciou, por volta dos vinte anos um sério trabalho de jornalista, sendo, talvez, nessa ocasião a única mulher crítico de teatro e cinema, assinando os seus artigos cotidianos para o «Diário de S. Paulo» e o «Dário da Noite» com o pseudônimo de «Douglas» — cada vez ficou mais exigente com a publicação de poesias, achando que existe uma excessiva tendência para querer aparecer, como para se dar maior importância ao poeta e sua escola do que à pura poesia.

No livro «Aguns poemas» teremos sonetos clássicos e versos dos mais modernos, embora sempre com rimas e musicalidade, como no poema «Natal», que a platéia do Municipal teve ensejo de ouvir em 1950, no recital de Margarida Lopes de Almeida, que foi uma extraordinária festa da poesia brasileira, com a participação de alguns dos nossos mais famosos poetas, na homenagem a essa intérprete da poesia de tôdas as épocas e tôdas as escolas. Violeta de Alcântara-Carreira (Sra. Ladislau de Torok) escreve habitualmente os seus poemas em português, mas também já publicou diversos em francês, por exemplo «Barrault dames Hamlet», e escreve igualmente em inglês. Os seus poemas satíricos da página «Riso e riso», de «O Malho», são conhecidos dos leitores sob o pseudônimo de «Sisolda». Violeta de Alcântara-Carreira é ainda autora de uma peça teatral intitulada «Se mamãe casar», que foi lida em benefício da Casa do Estudante e talvez seja brevemente representada. Trata-se de uma alta comédia, que diversos e exigentes críticos elogiaram vivamente. (Desenho de Gilberto).

EDMUNDO LYS

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

MORREU, a 27 de julho, o jovem poeta Auro Yêddo Martins. O caro leitor talvez nem conheça êste nome. Entretanto, êste foi o nome de um escritor ainda inédito entre nós, mas nem por isso de menor valor entre os grandes valores da "nova geração" paulista de poetas desesperados. Auro Yêddo Martins era advogado, porém, desde cedo, sentiu-se inclinado para a literatura de ficção e para a poesia. Participou da famosa Semana do "Novissimo de 48". A sua colaboração foi enorme para a realização da Primeira Exposição Paulista de Poesia Ilustrada. Auro Yêddo Martins fazia parte do grupo taxado de "os imoralistas" pela crítica bandeirante. Foi companheiro de Cyro Pimentel, de Vicente Augustus Carnicelli, de Edgard Braga, de Darcy Penteado, de Amélia Martins, de Paulo Sérgio e de Reynaldo Bairão, entre outros. Deixou duas novelas e alguns poemas esparsos em revistas e em jornais. Foi um dos grandes valores desta geração de "mórbidos" que aí estão a se realizar...

★

O MUSEU de Arte Moderna de São Paulo é o responsável por esta magnífica exposição: Cenografia Italiana do Renascimento até os nossos dias. Tivemos a oportunidade de admirar um Giotto di Bondone, um Gaddi, um Baldassare, um Andrea Palladio, um Spada, um Mário Sironi, um Orlandi, um Domenico, um Piranesi, um Sanquirico, um Bazzani, um Cambellotti, um Baldessari, um Clerici, um Colasanti, um Gino Saverini, uma Maria Signorelli e muitos outros.

★

DOIS escritores da velha-guarda lançaram novos livros: Léo Vaz, desde "O Professor Jeremias" absolutamente calado, publicou "O Burrico Lúcio" pela Editôra Saraiva; e Afonso Schmidt, que ora prepara o lançamento das suas obras completas, reeditou "O Dragão e as Virgens", livro que enfeixa algumas de suas melhores novelas.

★

DIGNAS de leitura são as notas de poesia que Péricles Eugênio da Silva Ramos vem publicando semanalmente no suplemento literário do "Correio Paulistano". Aliás, neste mesmo suplemento, têm saido algumas traduções, feitas do alemão pelo poeta João Accioli, que são igualmente dignas de registro.

★

O PINTOR Lasar Segall, há trinta anos no Brasil, completou 60 primaveras, dia 21 do mês próximo passado. O grande artista foi alvo de merecidas homenagens.

★

VOLTARÁ ao cartaz do T.B.C. a famosa comédia: "Arsênico e Alfazema", de Joseph Kesselring. Dirigida por Adolfo Celi, esta peça marca a volta de Cacilda Becker ao palco do teatrinho da rua Major Diogo.

★

NO TEATRO da Segunda-Feira, o T.B.C. apresentou "Carnet de Notes", o maior êxito do "Teatre du Quartier Latin", de Paris, nestes últimos tempos. Fizeram parte de "Carnet de Notes", os conhecidos artistas internacionais: Franca Valeri, Alberto Bonucci, e Vittorio Caprioli.



O PÚBLICO está aplaudindo, tôdas as segundas-feiras, no Serrador, à nova e bela peça de Nelson Rodrigues, «A Valsa nº 6», drama com uma só personagem, aliás interpretada pela atriz Dulce Rodrigues, irmã do autor e para quem a peça foi especialmente escrita. A direção do admirável espetáculo coube a Mme. Morineau, que, mais uma vez, repetiu sua extraordinária segurança técnica e seu profundo sentimento do teatro moderno. No clichê, Dulce Rodrigues em um momento de «A Valsa nº 6».

NA POEIRA DOS ARQUIVOS...

(JOTAGÊ)

FORMOSAS páginas, assim em prosa, como em verso, encontramos na «Antologia Borôro», de Rubens de Mendonça. Aparecida em 1946 e quase desconhecida entre nós, merece, todavia, caloroso incentivo, por divulgar as obras — algumas tão encantadoras! — de poetas e prosadores de Mato Grosso. O autor já havia estampado, com o mesmo objetivo, um volume intitulado «Poetas borôros».

★

CONTRARIANDO a maioria — e a maioria repete as coisas por ouvir, não por convicção — afirmou Carolina Mchaelis de Vasconcelos: «Provérbios não são evangelhos. Contém em regra sabedoria infantil» (Página 106 das «Notas Vicentinas», I a V, Lisboa, 1949, edição da revista «Ocidente»), obra primorosa, como tudo quanto realizou a incomparável erudita. E por falar em grandes trabalhos recentemente reeditados: a «Revista de Portugal», de Lisboa, já apresentou «Os últimos fins do homem», de Bernardes; «Cancioneiro da Biblioteca Nacional»; e «Lições de filologia portuguêsa», da insigne Carolina M. de Vasconcelos. Graças à inteligência e à diplomacia prática da Livraria H. Antunes, são muito acessíveis aos brasileiros os livros lusitanos — a despeito das exigências alfandegárias e outros quasimodos...

★

FIZEMOS rápida visita ao Instituto Nacional do Livro. E' um arquivo sem poeira — nem há tempo, realmente, às particulas de pó! Ficamos impressionados, muito impressionados com o volume e o valor do trabalho ali realizado. Julgamos que se deveriam convidar escritores e escolares, jornalistas e mestres, a conhecer de perto aquêle Departamento do Ministério da Educação. Honra nossa capacidade e nossa cultura!

★

CURIOSÍSSIMO o livrinho «O café», esbôço monográfico sôbre sua origem, cultura, usos dietéticos e restantes. Autor: padre Araújo Marcondes. Edição de Carlos Zanchi, Tipografia King, S. Paulo, 1896. Estilo pitoresco e observações deliciosas.

Fora do Prelo

FACE VELADA — Maciel Oliveira — Pongetti — Rio de Janeiro

Creio que foi o poeta Reynaldo Bairão que me falou primeiro, na geração desesperada, fixando essa angústia da poesia atual, perdida em vários rumos, alanceada de dúvidas e temores horrificantes, sem saber o que quer, o que pode, o que deve. Não creio que o problema dessa geração seja novo. Todos os poetas, em todos os tempos, sofreram essa angústia. Basta-nos ler as biografias de Rimbaud, de Verlaine, de Baudelaire, para só citar êsses, para vermos que também sofreram e se desesperaram. E' uma fatalidade do poeta, essa.. Os que não sofrem, nem naquele sentido goethiano, nem no sentido baudelairiano, êsses não são poetas. Êsse anceio por uma expressão própria, essa busca ao mistério da poesia é que marcam o poeta. Fora daí, tudo é literatura. Não queiram, portanto os jovens poetas desta nova geração o privilégio do desespêro. Os que têm êsse dom apenas podem ficar felizes, apesar dêle — e por causa dêle — pois é o único sinal evidente de que foram tocados pela poesia.

Cada livro que nos aparece agora livros que mereçam interêsse, apresentam — o que é um tanto engraçado — as mesmas inquietações que nos revelavam os poetas já mais antigos, de após-22: a indecisão entre os dois caminhos formais, o verso tradicional e o verso que se poderá chamar moderno. E' o mêdo de perder o contato com as fôrças tradicionais, fáceis e populares, e o receio de não tomar pé na forma nova, vivendo de elementos diferentes daqueles, vivendo, mesmo, da essência lírica.

Sob êsse aspecto, nenhum livro mais característico do que êste «Face Velada», de Maciel Oliveira. Sente-se que, como, por exemplo, no caso clássico de Ronald de Carvalho — tendo sido muito bem recebido pela crítica, como poeta tradicional, êle se detém, antes de procurar novos caminhos para a sua inspiração. Assim, seu livro não apresenta unidade, nem de forma, nem de fundo, embora revele, aqui e ali, o verdadeiro poeta que há nêle E' pena. Sente-se que suas recaídas nas formas tradicionais são tôdas frustradas. Sente-se que êle já está maduro para se libertar da artinha, dos velhos temas insulsos, do aguado «lirismo namorador» que desprezou Manuel Bandeira. Sente-se que êle só atinge à zona poética quando tenta o novo, timidamente, é certo, mas tentando e conseguindo comunicar substância poética aos seus versos.

Veja-se, como prova, êste excelente poema seu:

LUA CEGA, SONAMBULA

«Lua cega, sonâmbula,
Por um frio céu alvacento
De claras cortinas de névoas,
Anuncias a loucura?
Mostras as estranhas paisagens
Da inconsciência no mundo obscuro
Dos pensamentos sem lógica
E dos gestos sem nexo?

Lua cega, sonâmbula,
No espaço imóvel
E no tempo sem limites.»

Fazemos votos para que Maciel Oliveira rompa as amarras, quebrando os frágeis cordéis que ainda o seguram à artinha e ao lirismo namorador. Do contrário, o poeta que há nêle acabará morrendo, isto é, suicidando-se.

★

VOCÊ JÁ FOI À BAHIA? — Leonardo Arroyo — Edições Melhoramentos — São Paulo

E' sempre um tema oportuno: a Bahia, a velha e permanente jovem terra que serviu de berço ao Brasil e tem sido, pelos tempos, um manancial de inteligências brilhantes e de culturas sólidas. No amor, com que os naturais do torrão bahiano vibram de justo orgulho, encontramos um dos pontos mais belos do civismo brasileiro, por isso que é a união harmoniosa do passado e do presente.

Leonardo Arroyo, que a crítica saudou efusivamente, quando apareceu a sua «História do Galo», volta aos aplausos do público, agora com o «Você já foi à Bahia?», trabalho gráfico das Edições Melhoramentos ilustrados por Olavo Silveira Pereira. O livro, singelo e agradável, repleto de observações curiosas, constitui leitura instrutiva e amena, parcelada em capítulos que se intitulam: A viagem. Rumo à Bahia. Bahia de Todos os Santos. Terreiro de Jesus. A Festa do Senhor do Bonfim. O Mercado Modêlo. Adeus à Bahia.

São quase cem páginas em estilo atraente, que o leitor devora com bastante satisfação. Com particular interêsse é focalizada a mais típica e famosa cidade nacional — Salvador, e não São Salvador, como por lapso escreveu o autor — com todo o seu rico e tão colorido regionalismo.

O LIVRO ILUSTRADO



Um desenho de Belmonte para o livro — «Povos e Trajes da América Latina», álbum editado pela Melhoramentos.

★

FABULÁRIO — Maximiano Augusto Gonçalves — Livraria H. Antunes — Rio.

A explicação é lógica, natural, poderosa. Inibidos de se lamentar, de tecer censuras, de revelar o sentimento, em face da situação material de inferioridade, muitos dos homens de antanho faziam, em seus escritos, falar os bichos: contra, em geral; a favor, raramente; a respeito, de quando em quando... Era um processo magnífico de externarem seu pensamento aquêles homens, sem que os atingidos lhes proibissem tais manifestações.

E assim nasceu a fábula: os animais figuravam, na realidade, como simples pseudônimos de tiranos, escravocratas, feitores... A explicação é lógica, natural, poderosa.

Grandes fabulistas já lecionaram a humanidade através de fórmulas graciosas e irônicas, paralelizando umas vêzes, outras vêzes pondo ao vivo os mais fundos pontos de semelhança. Muitas dessas criações além de tantas de sua autoria, apresenta o professor Maximiano Augusto Gonçalves em seu «Fabulário», em verso popular: popular, mas elegante. Poeta, como prosador escorreito, ora manejando «Noções de Gramática Portuguêsa», ora divulgando «Os autores do Programa de Latim»; ou na composição do «Tratado de Análise Léxica e Sintática», ou na feitura das «Noções de Geografia e História do Brasil», Maximiano Augusto Gonçalves é o artista e o erudito, que se conjugam nas poesias do «Fabulário». Simples e formosas, as rimas acentuam-lhe os recursos de imaginação, estilo e filosofia, que se harmonizam aqui. Certos leitores sentirão as páginas do «Fabulário» como espêlhos, tamanha é a fôrça descritiva com que, delicadamente, aponta vícios e erros. O volume, gràficamente, corresponde ao bom-gôsto das publicações da Livraria H. Antunes.

PRIMEIRO POEMA A NARCISUS

REYNALDO BAIRÃO

Oh, os deuses prostituídos
voltaram a negar
as suas vidas cansadas!
Há homens que desconhecem
onde a terra é mais leve
que o roçar de suas vestes no [chão.
Hoje,
me encontro a mim mesmo
mascarado de humano
e me assusto
com as minhas próprias men-[tiras.
Secularmente,
encontro-me OUTRO,
no maior desatino, despótico,
me mato,
por compaixão de minha sau-[dade vivida.
Oh, todos os deuses prostituídos
me acobertam
com as suas mantas primeiras...
Outrora,
fui o morto que volta a tôdas [as terras
e, agora, me volto para o que [existiu em mim...
Me precipito à minha própria [vontade,
escutando o que eu diria
se vivo, entre-morto, estivesse...
Oh, sim, hoje,
desconheço a minha vertigino-[sidade
e me abismo sôbre os abismos [que trago em mim...

(Do livro inédito: "O Tempo do Cansaço")

★

D I V E R S A S

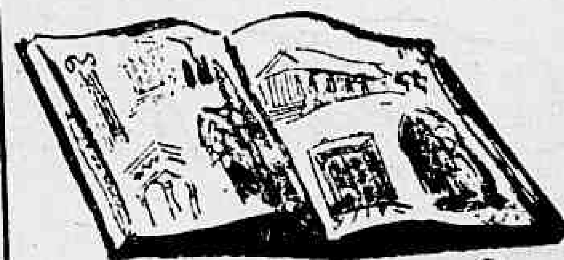
O POETA José Escobar Faria pretende publicar dentro em breve o seu terceiro livro de versos, intitulado: «Ritual da Noite». Aliás, José Escobar Faria está atualmente em grande evidência. O conhecido poeta foi convidado para dirigir o «Jornal de Poesia», órgão do Clube de Poesia de São Paulo.

★

A ANUNCIADA revista «Ulisses» também editará livros de poesia que serão feitos numa prensa manual. Ciro Pimentel será um dos primeiros a ser publicado pela nova editôra. Reinaldo Bairão também publicará a sua «Canção do Diabo Finlandês, acompanhada da Ode Sepulcral Primeira», pela revista «Ulisses».

★

A GALERIA Domus está apresentando a exposição de aquarelas e de desenhos a pincel de Livio Abramo. Trata-se de uma exposição de despedida, pois em breve o artista seguirá para a Europa, graças ao Prêmio de Viagem ao Estrangeiro que conquistou, como gravador, no Salão Nacional de Belas Artes do ano passado. Aliás, Livio Abramo participará da Primeira Bienal do Museu de Arte Moderna de São Paulo como convidado especial.





ANABELA não gostava mesmo daquele seu nariz de nascimento. Não era nenhuma princesa ou rainha do Egito para ter nariz de Cleopatra. Era cançonetista e bailarina em cabarés de Paris. Precisava de um nariz mais artístico, mais romântico e que lhe desse ao todo do rosto a harmonia de um rosto bonito. E começou a desenhar tipos de nariz.

O NARIZ DE ANABELA

OS MILAGRES DA CIRURGIA PLÁSTICA ★ DO NARIZ DE PAPAGAIO AO DE UMA FIGURINHA DE BISCUIT.



MAS, DOUTOR, será que o meu nariz vai sair bonito depois dêsses cortes todos? — Indagava ela do médico. Com que cara irei ficar, minha gente? Será pior a emenda que o sonêto?

NÃO é verdade que cada indivíduo esteja muito satisfeito com a cara que Deus lhe deu. E' exato que, graças ao amor próprio, mesmo que uma pessoa não seja, dotada de beleza ou possua olhos tortos, nariz mal feito, olhos esbugalhados, bôca torta, rosto assimétrico, não admite que outrem lhe note tais defeitos. Defende-se, é verdade; mas, no intimo, está desgostosa com a cara que Deus lhe deu. Que fazer? Habituar-se com o castigo e continuar a viver.

Mas isso se dava antes de 1919, quando o dr. Passot, em Paris, provou que os defeitos fisicos podiam ser corrigidos. Era o nascimento da cirurgia plástica, operação médico-estética, que faz de um nariz feio um nariz bonito; de uma cara cheia de rugas, um rosto primaveril, de uma face cheia de cicatriz, um semblante agradável.

Nesses trinta anos de cirurgia estética o progresso dessa ciência, que também é arte, tem progredido assombrosamente. O caso de Anabela, uma jovem bailarina de Paris é de hoje. Muito vivaz e inteligente, Anabela não se sentia feliz ao mirar-se ao espelho. O primeiro órgão de seu rostinho que aparecia no cristal era o nariz. Ela procurava ver-se de lado. E lá estava o apêndice nazal a comprometer a harmonia fidalga de seu rosto verdadeiramente belo. Que maçada! Seus olhos, sua bôca, queixo, testa, faces, tudo muito bem; mas o diabo daquele narigão não a deixava ser feliz por uns instantes.

Se ela pudesse substituir o nariz por um outro mais bem feito, de acôrdo com a estética do seu rosto.

que felicidade! Anabela passou a interessar-se pelos progressos da cirurgia plástica. Quem sabe se os médicos dessa especialidade não conseguiriam dar-lhe um novo nariz? Centenas de casos, especialmente durante e depois da guerra, ilustravam as estatísticas. Ela sabia de várias intervenções em narizes e rostos com absoluto sucesso. Encheu-se de coragem e foi consultar os reformadores de caras. Ela conseguiu sucesso nos cabarés de Paris, mesmo com aquêle nariz "amigo da onça"; mas, se conseguisse substituí-lo seria até admitida ao cinema. E antes de tentar a cirurgia submeteu-se a testes cinematográficos. Não era possível ser admitida em papéis sérios ou de arte; para ela só mesmo certos desempenhos de fundo jocoso em que o nariz entrasse como elemento de hilaridade. Anabela ficou desapontada. Dali seguiu direta ao cirurgião. Há em Paris centenas dessas clínicas.

Feito o exame prévio, o operador lhe expôs o programa. Seu rosto passaria por uma transformação completa. Mexer-lhe no nariz e deixar os olhos e a bôca como estavam, não adiantava nada. Anabela pensava que isso era muito simples: mudar-lhe o feitio do narigão, dando-lhe aspecto mais mimoso e lírico, eis tudo. Mas não era nada disso. A conformação do seu nariz estava de acôrdo com a dos olhos e da bôca. Se se mudasse a forma adunca e lhe dessem uma outra um tanto arrebitadinha, os olhos tinham que seguir outro regime e a bôca se adaptar ao novo apêndice nasal. A explicação do médico foi perfeitamente compreendida pela paciente e acertaram a hora da operação salvadora.

Anabela não dormiu na noite que antecedeu à intervenção. E se falhasse? E se ela, ao invés do seu nariz natural ficasse com um outro mais feio? Também pensou que ficassem sôbre a epiderme os traços das incisões. Cicatrizes em seu rosto! Que horror! E' possível que a moça tenha tido até pesadelos durante aquela noite de imensas preocupações; mas estava disposta a tentar. "Quem não arrisca, não petisca", lá diz a sabedoria popular. E ela estava precisando de um nariz novo. Aquêle de que dispunha não lhe assentava muito bem. E foi com o coração a bater descompassadamente que ela se entregou dos pés à cabeça à técnica do cirurgião.

Insensibilizada pela anestesia geral, começou o médico a intervir em seu nariz. Ergue-lhe a pele e vai diretamente à terceira fase: retira as cartilagens laterais. Em seguida, intervém no septo nasal e seciona cêrca de três centímetros de osso, e continua a intervenção até obter o ta-

(*Cont. na pág.* 44)



ANTES



DEPOIS



ANTES

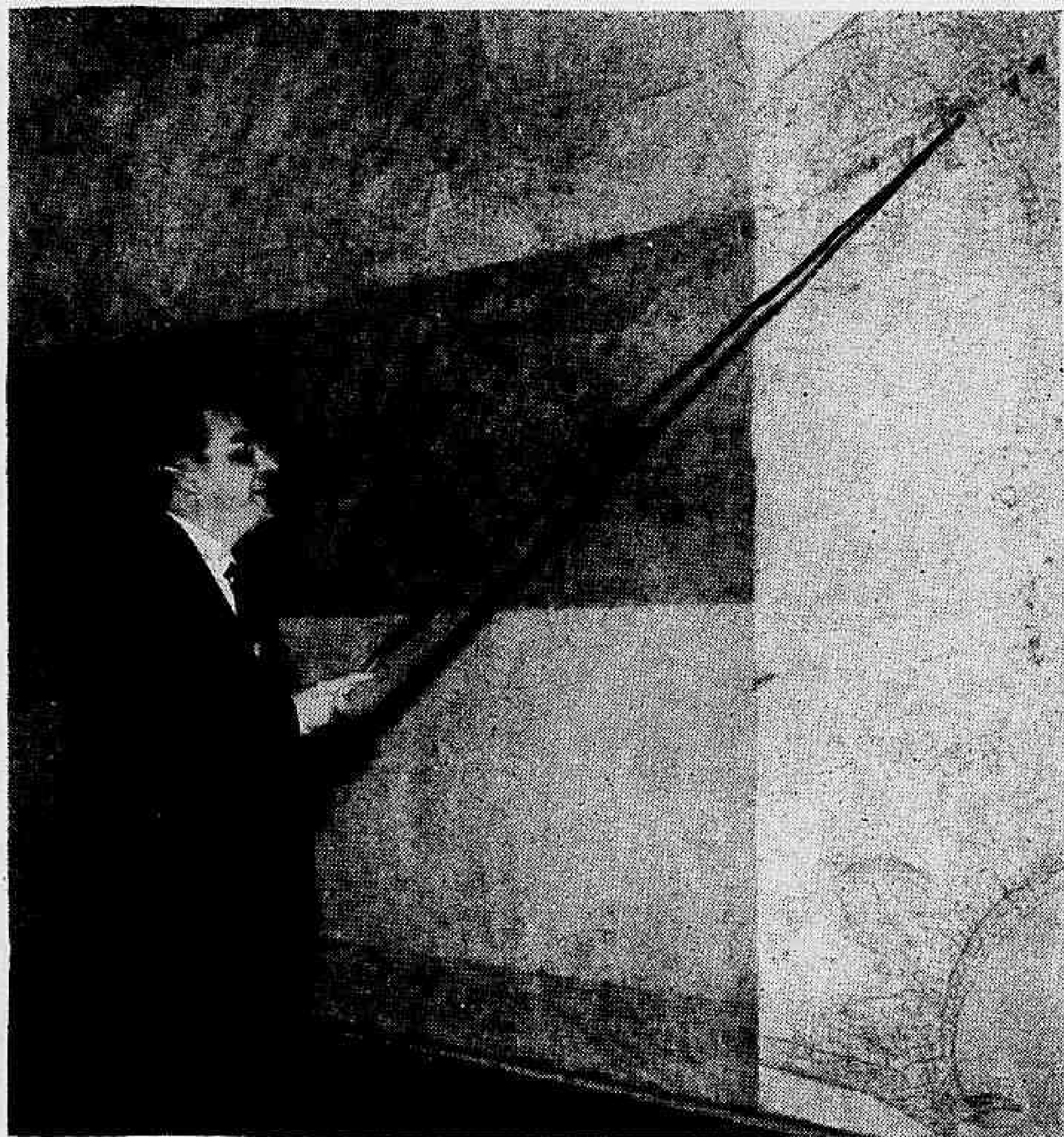


DEPOIS



Os primeiros passos para a construção do «metrô» foram dados. .Dentro de 5 anos...

O MAJOR FALA NO SUBTERRANEO COMO A ÚNICA SOLUÇÃO PARA O DESCONGESTIONAMENTO DO TRÁFEGO.



O PONTO da cidade onde ocorre o maior número de desastres, aponta o major, é a travessia da Central do Brasil para a praça da República.



PERANTE o mapa da cidade, estudando as soluções mais plausíveis para o intrincado problema, disse: «O Rio é uma cidade mal traçada».

"NÃO SE FRITAM OVOS SEM OVOS"

FALA O MAJOR CÔRTES

"O SUBWAY FICARÁ MUITO BARATO!"

"NÃO DEVEMOS SER ORTODOXOS, MAS OLHAR AS CONVENIÊNCIAS" ★ RIO, UMA CIDADE MAL PLANEJADA ★ POUCOS SABEM ANDAR NA RUA ★ A ÚNICA SOLUÇÃO ESTÁ NO SUBSOLO ★ "REVISTA DA SEMANA" ACOMPANHA O MAJOR CÔRTES PELA CIDADE

Reportagem de JORGE LYRA

EM recente entrevista coletiva fornecida à imprensa, o Major Menezes Côrtes teve oportunidade de fazer interessantes declarações que, a título de intróito a esta reportagem, não nos furtamos ao prazer de sintetizar. Começou dizendo que, ao se empossar no cargo, encontrou uma "carta da cidade" anterior à abertura da Av. Presidente Vargas e fêz ver a quantos estivemos presentes à reunião, que dispõe de um efetivo de cento e oitenta homens para fiscalizar todo o tráfego do Rio. Disse mais que o Brasil é um país desprovido de técnicos em matéria de trânsito e que não há divulgação das leis do tráfego nem estatísticas completas sôbre acidentes de tráfego, nem sôbre os locais de sua incidência. Salientou, finalmente, que não dispõe de recursos técnico-financeiros para enfrentar, com grandes possibilidades de êxito, o calcanhar de Aquiles do tráfego na cidade, que, outrora, foi chamada maravilhosa.

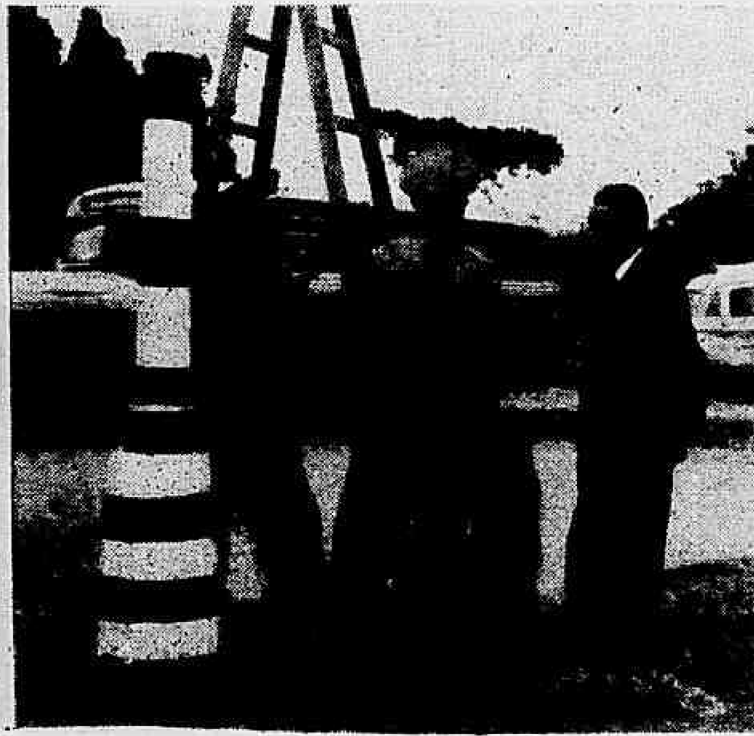
No instante em que vamos publicar uma entrevista do Major Côrtes sôbre um dos assuntos palpitantes do momento que é, indubitàvelmente, o metropolitano, para cuja concretização já foram dados os primeiros



NA RUA, procura ouvir, dos seus auxiliares, preciosas informações que orientam seus estudos.



OS PROBLEMAS de gabinete são-lhe submetidos e êle prontamente os resolve, com sapiência.



DEMOCRATA, procura ouvir dos próprios operários como vão as obras que manda executar.



OBSERVAÇÃO é o melhor professor, baseado neste princípio o major norteia todo seu trabalho.



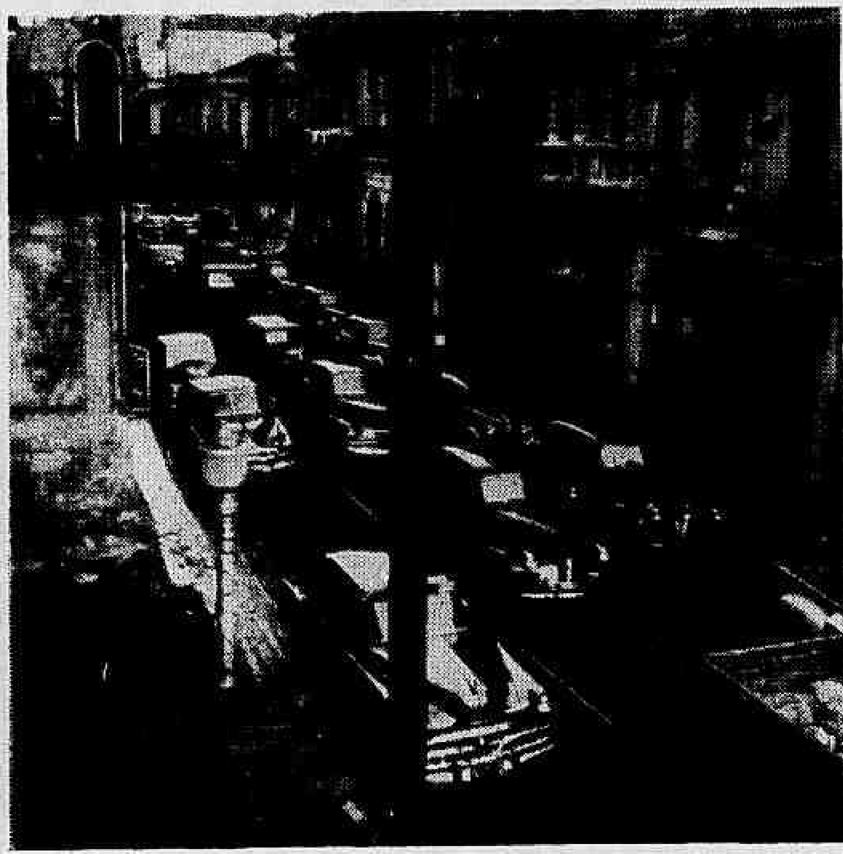
O MAJOR Cortês é o 1º a dar o exemplo, seguindo pela faixa. Pena que os pedestres não o imitem.



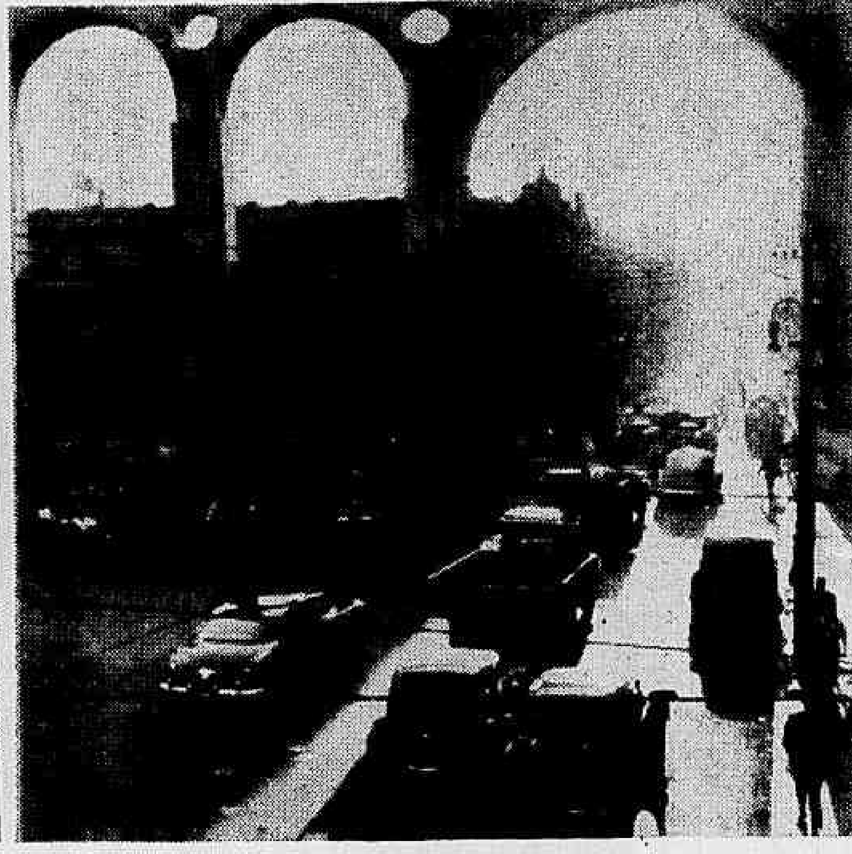
FEITA a inspeção de rua, prepara-se para voltar ao seu gabinete, a fim de estudar e agir.



O ÊRRO é geral. Os carros da P.D.F. param no meio da rua para apanhar lixo. Os do D.C.T., cartas.



RUAS ESTREITAS são um dos fatores que mais contribuem para a anormalidade do tráfego.



A TRADIÇÃO, outro fator de atravancamento do progresso. Abaixo o tradicionalismo, senhores.

passos, não podemos deixar de estranhar que colegas nossos, cientes de todos êsses fatos, vão para as colunas de seus jornais e desanquem um homem que, apesar de seus erros, e êle, humano, também os tem, atacando-o impiedosamente como se êle fôsse o culpado de a nossa cidade não haver sido traçada para comportar um volume de tráfego igual a êsse que aí está.

FALA O MAJOR SÔBRE O "METRÔ"

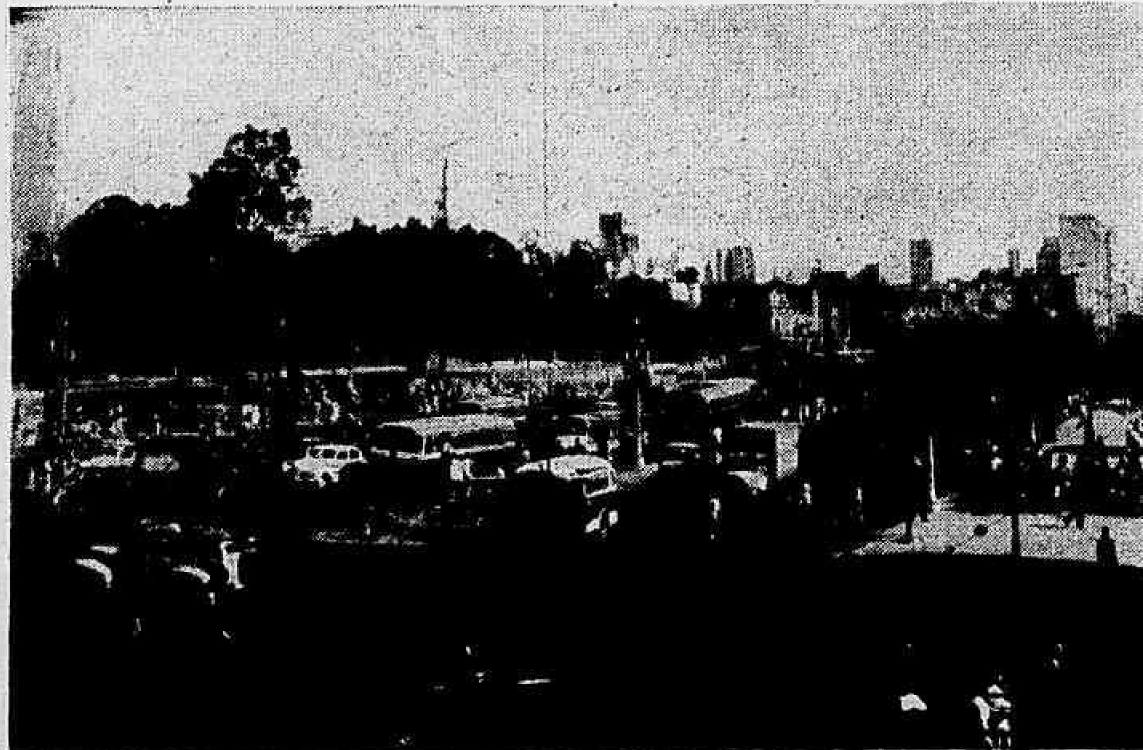
Quem viu o tráfego do Rio de Janeiro há pouco tempo atrás e o vê agora não pode esconder o seu espanto ante o milagre, e êste é bem o têrmo, porque um homem a trabalhar sòzinho para normalizar o serviço que encontrou depauperado, desprovido de recursos, só mesmo por milagre venceria. E se o Major não venceu *in totum* é porque é impossível, apesar do que, da palavra, disse Napoleão...

Terminada a entrevista coletiva, apelamos para o diretor do Serviço do Trânsito para que nos concedesse uma outra, em particular, sôbre o "subterrâneo", "metrô", "subway" como quiserem os leitores.

Sempre solícito com a imprensa, apesar dos ataques recalcados que lhe estão sendo dirigidos, o Major se pôs à nossa disposição, pedindo, entretanto, que passássemos no dia seguinte, pôsto que, naquele dia, depois de uma entrevista coletiva de duas horas, não era possível. Ainda comentou, sorridente:

— Não me vá dizer que não está satisfeito com a primeira!

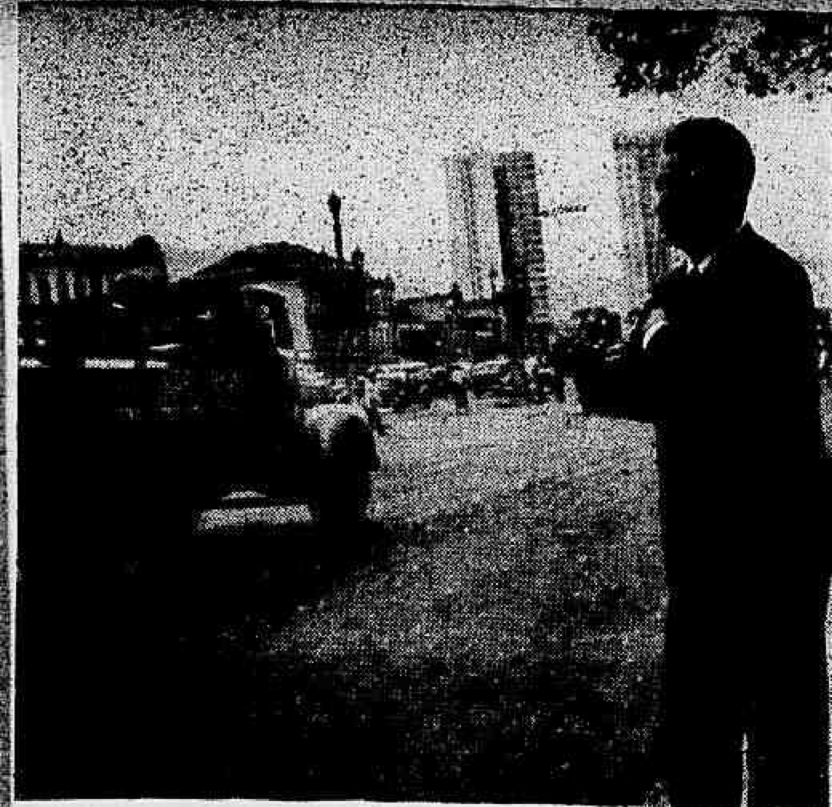
Estávamos satisfeitos e admirados com capacidade de ação daquele ho-



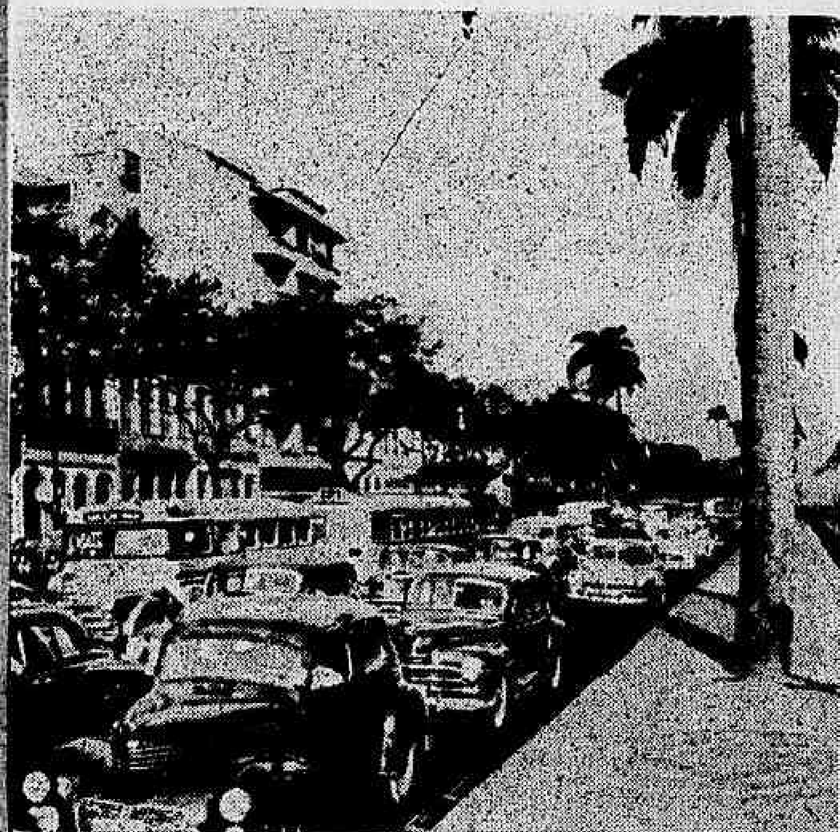
ESTA é a passagem mais perigosa de tôda a cidade do Rio. Aqui, já ficaram inertes centenas de pessoas. O carioca apelidou êste trecho de «cemitério».



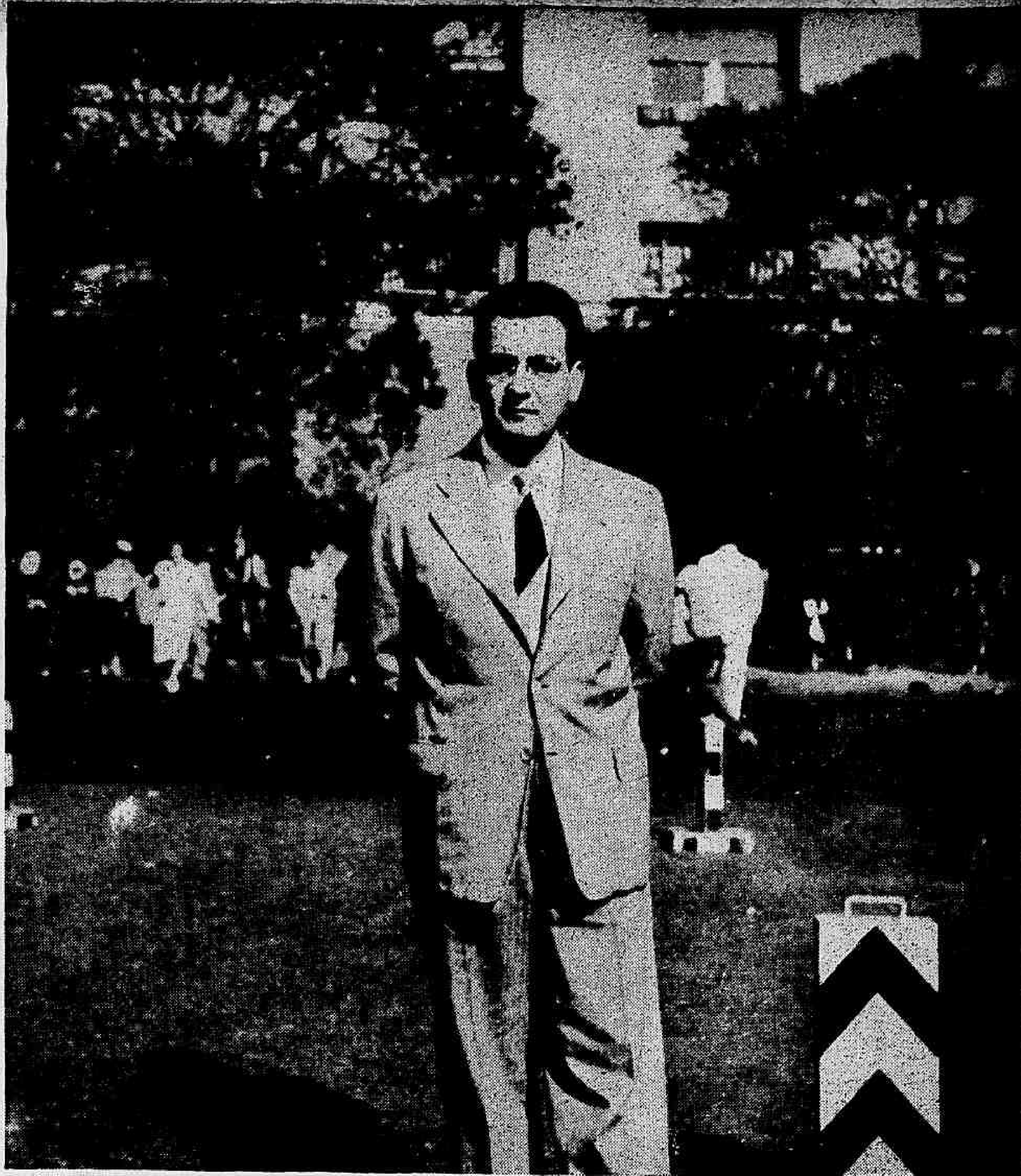
NESTA esquina, em que a morte ronda sempre, outras vidas se perderam. Para govêrno de todos: a via considerada como a mais perigosa é a Pres. Vargas.



NO DIA seguinte, repete-se a cena a que os cariocas já se acostumaram; o major novamente em ação.



EIS OUTRO exemplo: o Mangue e as palmeiras. Enquanto não cai a tradição, os carros fazem fila.



A ILHA, no largo da Carioca, feita com o intuito de proteger o pedestre dos carros assassinos. Essa iniciativa do Major Cortes, aparentemente insignificante, vem dando os melhores resultados.

mem, mas desejávamos mais alguma coisa... No dia imediato, procuramo-lo e êle, depois de nos dar um tapinha nas costas, iniciou a entrevista:

— Que quer você saber?

— Desejávamos ouvir sua opinião sôbre o projeto para a construção do subterrâneo. Que acha?

— O que eu acho é o que tôda a gente sabe — uma cidade, de mais de um milhão de pessoas, necessita incorporar, ao seu sistema de transportes coletivos, êsse meio de transporte conhecido como "metrô", "subway" ou subterrâneo, que é capaz de transportar rápida e econômicamente, elevada massa de passageiros, o que outros meios de transporte seriam incapazes de realizar.

Enquanto o Major procurava alguns demonstrativos que, depois de achados, verificamos ser em língua inglêsa, voltamos à carga:

— Acha praticável, no Brasil?

— Não há país onde seja impraticável.

— Mas o custo...

— Não se fritam ovos sem ovos — foi a resposta.

— Poderia, Major, citar alguns dados comparativos?

Consultando as estatísticas, o Major ditou:

— Uma única linha de subterrâneo é capaz de transportar, por hora, numa direção, sôbre dois trilhos, cem mil passageiros. Para que fôsse possível executar êsse mesmo transporte com automóveis, de tamanho normal, seriam necessárias pistas elevadas

(Cont. na pág. 46)



Esplanada e confusão serão, no futuro, palavras sinônimas. Os carros de tôda a zona sul escoam por esta passagem rumo à zona norte. E' um Deus nos acuda!



TERREMOTO, maremoto, guerra? Nada disso, apenas a passagem de pedestres nas ruas do Rio. Salve-se quem puder. Corridas para todos os lados. Enfim...

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	**Estado primitivo**	**Homem-macaco**
De 1 a 3	**Cultura inferior**	**Selvagem**
De 4 a 6	**Cultura média**	**Estudante ginasial**
De 7 a 11	**Cultura superior**	**Universitário**
De 12 a 14	**Genial**	**Um sábio**
Tôdas as quinze		**O gênio em pessoa**

1 — CRONOLÒGICAMENTE, QUAL FOI O PRIMEIRO HOMEM BRANCO QUE SE OCUPOU DO BRASIL:

Gandavo?
Hans Staden?
Vaz de Caminha?

2 — QUAL O MOTIVO POR QUE GAUTAMA (Buda) FUNDOU O BUDISMO:

Para combater o cristianismo?
Por ser contra o bramanismo?
Ou para continuar a religião paterna?

3 — QUAL A ILHA QUE FICA NO ESTUÁRIO DO AMAZONAS E QUE É A MAIOR DO BRASIL:

A de Joanes?
A de Fernando Noronha?
A Marajó?

4 — O FADO PORTUGUÊS TEM ORIGEM:

Arábica?
Africana?
Brasileira?

5 — QUAL O PAPA QUE FOI BEATIFICADO EM JUNHO DÊSTE ANO:

Pio X?
Leão XIII?
Bento XV?

6 — QUE ACONTECIMENTO MARCA O DIA 25 DE JANEIRO, NA HISTÓRIA DO ESTADO DE S. PAULO:

Fundação da cidade?
A revolução constitucionalista?
A primeira plantação de café?

7 — QUE SIGNIFICA CORPUS CRISTI:

Ascenção do Senhor?
Corpo de Cristo?
O Dia da Páscoa?

8 — QUAL DESTAS EXPRESSÕES ARITMÉTICAS REPRESENTA UM MILÍMETRO:

0,10?
0,0001?
0,001?

9 — QUANTAS MILHAS BRASILEIRAS HA NUMA LÉGUA:

Três?
Cinco?
Duas e meia?

10 — QUAL A MAIOR DISTANCIA POR MAR:

Rio a Pôrto Alegre?
Rio a Bahia?
Rio a Pelotas?

11 — QUANDO É MEIO-DIA NO RIO, QUE HORAS SÃO EM LISBOA:

15,35?
8,52?
14,16?

12 — COM QUAL DAS GUIANAS TEM O TERRITÓRIO FEDERAL DO AMAPÁ O SEU LIMITE AO NORTE:

A Holandesa?
A Francesa?
A Inglêsa?

13 — DE ABRAAO A JESUS CRISTO, QUANTAS GERAÇÕES HOUVE:

Cento e uma?
Oitenta e três?
Quarenta e duas?

14 — QUAL DESTAS FIGURAS BIBLICAS ORDENOU A MATANÇA DAS CRIANÇAS ATÉ DOIS ANOS, EM ISRAEL:

Herodes?
Pilatos?
Caifás?

15 — DE QUEM É A SENTENÇA FILOSÓFICA-MORAL: «NÃO SÓ DE PÃO VIVERÁ O HOMEM»:

De Crisnamurti?
De Buda?
De Cristo?

(Respostas na pág. 44)

A CONVERSÃO



PITIGRILLI ao microfone da rádio «El Mundo», na cidade de B. Aires.

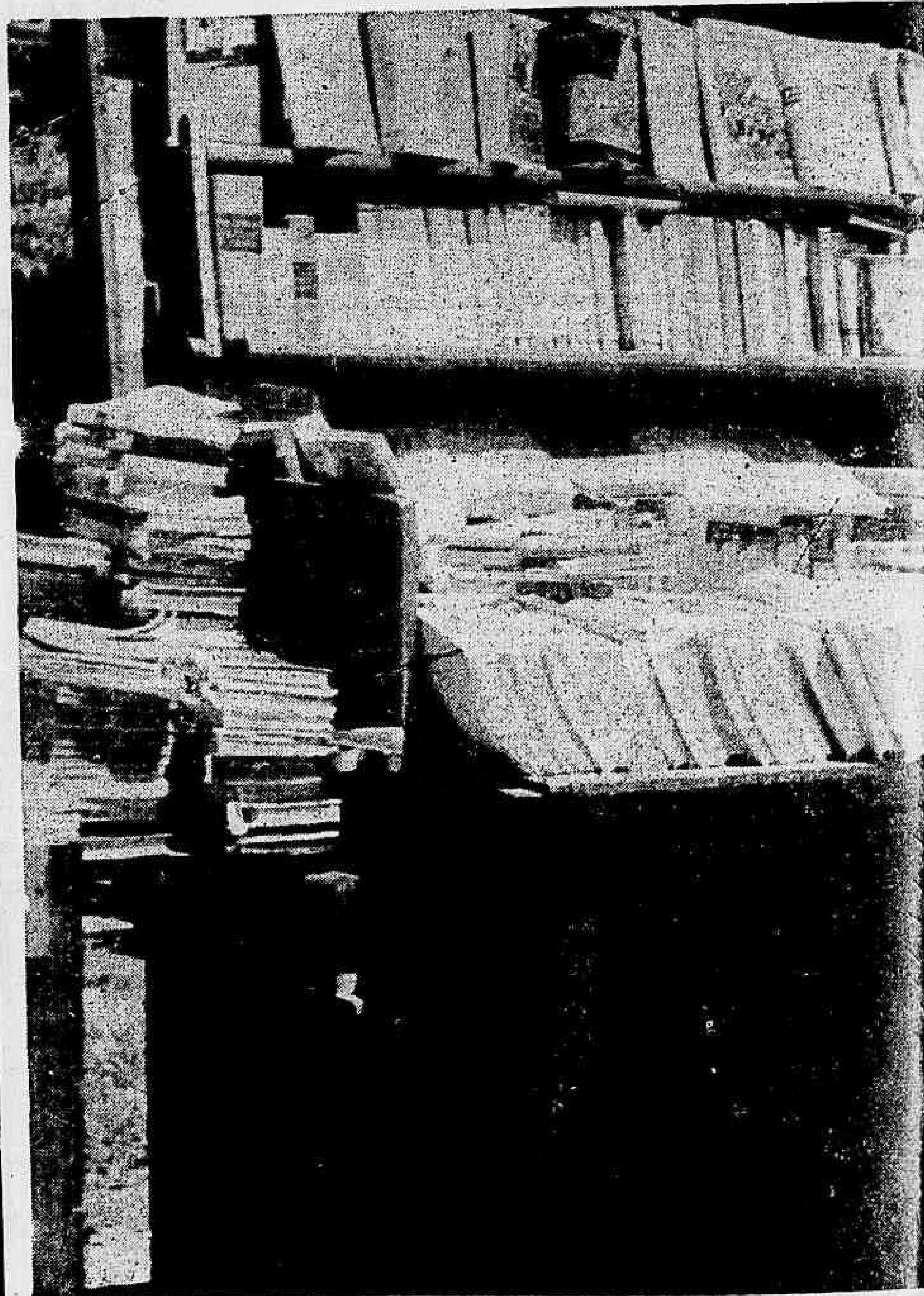
DEIXOU A ITÁLIA E A SUIÇA PARA IR MORAR NA BOLIVIA ★ BUENOS AIRES LHE FEZ TANTA FESTA QUE SE DEIXOU FICAR POR LÁ

QUANDO alguém via uma jovem a ler Pitigrilli, dizia logo: — "Você lendo êsse autor?". Por quê? Porque Pitigrilli escrevia as coisas mais picantes da literatura contemporânea. Seus conceitos chegaram a ser julgados contra a moral das pessoas mais pudicas. Enorme popularidade adquiriu o escritor entre tôdas as nações do mundo, e, no Brasil, Pitigrilli não tinha rival.

A 23 de junho de 1943 estava o escritor em Turim, onde escrevia na "Gazzetta del Popolo". Em meio às convulsões politicas, teve que sair apressadamente da cidade e refugiar-se em Roma em casa de um amigo, Paolo Zappa, redator do "Stampa", com o qual Pitigrilli tinha assuntos a tratar. Não sòmente assuntos como ajustar contas. Depois que trocaram "amabilidades", desceu Pitigrilli os infindáveis degraus do edificio sem elevador e saiu a procurar outros horizontes.

No fim de 45 dias, cercado pelos alemães, fugiu para a Suiça. Ali aguardou o fim da segunda grande guerra. E' êle de origem hebraica e isso não recomendava muito sua ilustre pêssoa perante os senhores da civilização ariana com Hitler à frente.

Mas o problema de Pitigrilli não era sòmente dêle. Tinha mulher e um filho, nascido em 1943. Já não era jovem para aguentar repuxo. Homem de 50 anos ao nascer-lhe o filho, Pitigrilli decidiu deixar a Europa e vir morar num pais da Amé-



O FAMOSO novelista em B. Aires, com sua basta cabeleira branca, examina exemplares de suas novas produções. Embora não mais escreva obras como tantas

DE PITIGRILLI

rica do Sul, onde essas complicações de raça e tradições guerreiras através dos séculos não existiam, para a felicidade dos sul-americanos.

Estêve em Trieste e, de lá, foi a Roma. Meditando em sua vida e sua obra, Pitigrilli sentiu que seu espírito se amenizava. Era o início de uma conversão que já se espalhara pelos quatro cantos do mundo. Êle não ia converter-se sòmente do ponto de vista religioso. Aos quatro anos de idade foi batizado na religião de seus pais, e não iria renegá-la sem maiores motivos. Sua conversão era mais literária do que religiosa. E para que mais bela conversão? Pitigrilli ia pôr um ponto final no gênero literário que lhe dera fama. Sem perder aquela graça maliciosa de dizer as coisas, êle passaria a produzir livros que não criassem restrições às almas puras.

Repudiava a literatura pornográfica. Dizem que êle chegou a êsse resultado por meio de caminhos inesperados: através do espiritismo, interrogando a alma de Amalia Guglielminetti e a de Guido Gozzano. Mas não se converteu ao espiritismo e sim ao... catolicismo! Nessa época estalou entre êle e seus adversários uma das mais vivas polêmicas de fundo filosófico-religioso na imprensa italiana. Pitigrilli se aproximou do Vaticano e se transformou noutro Pitigrilli que não aquêle antigo explorador de libertinagens.

Acusado de haver denunciado judeus aos alemães em Turim, em 1944, êle se defendeu da pecha de traidor e procurou, em seguida, deixar a Europa em busca de melhores dias na América do Sul. Recorreu aos bons ofícios da Santa Sé, e o Vaticano facilitou sua vinda com a família para o Novo Mundo. O navio em que viajava fazia ponto final de escala na capital Argentina, de onde êle e os seus seguiriam para a Bolivia.

Mas Buenos Aires o cumulou de tantas homenagens, foi tanta festa em tôrno de seu nome, que Pitigrilli, coração sensível e grato, desistiu de subir as altitudes andinas e ficou em Buenos Aires, definitivamente. O general Peron e sua espôsa, simpatizando com a pessoa do renomado escritor, o receberam na Casa Rosada, residência presidencial, e êle é hoje um argentino honorário e pelo coração. Vai à missa na catedral de Buenos Aires e continua sua intensa vida literária, sem aquêles recursos dos verdes anos de um passado que já esqueceu. O Pitigrilli argentino já não é mais o Pitigrilli europeu. Sua espôsa é advogada, e o pequeno Pym, um futuro historiador das aventuras de seu pai.



PITIGRILLI entrando na catedral de Buenos Aires para ouvir missa. Faz alguns anos que está na capital argentina, com a espôsa Lina Furlan, advogada, e o filho Pym.

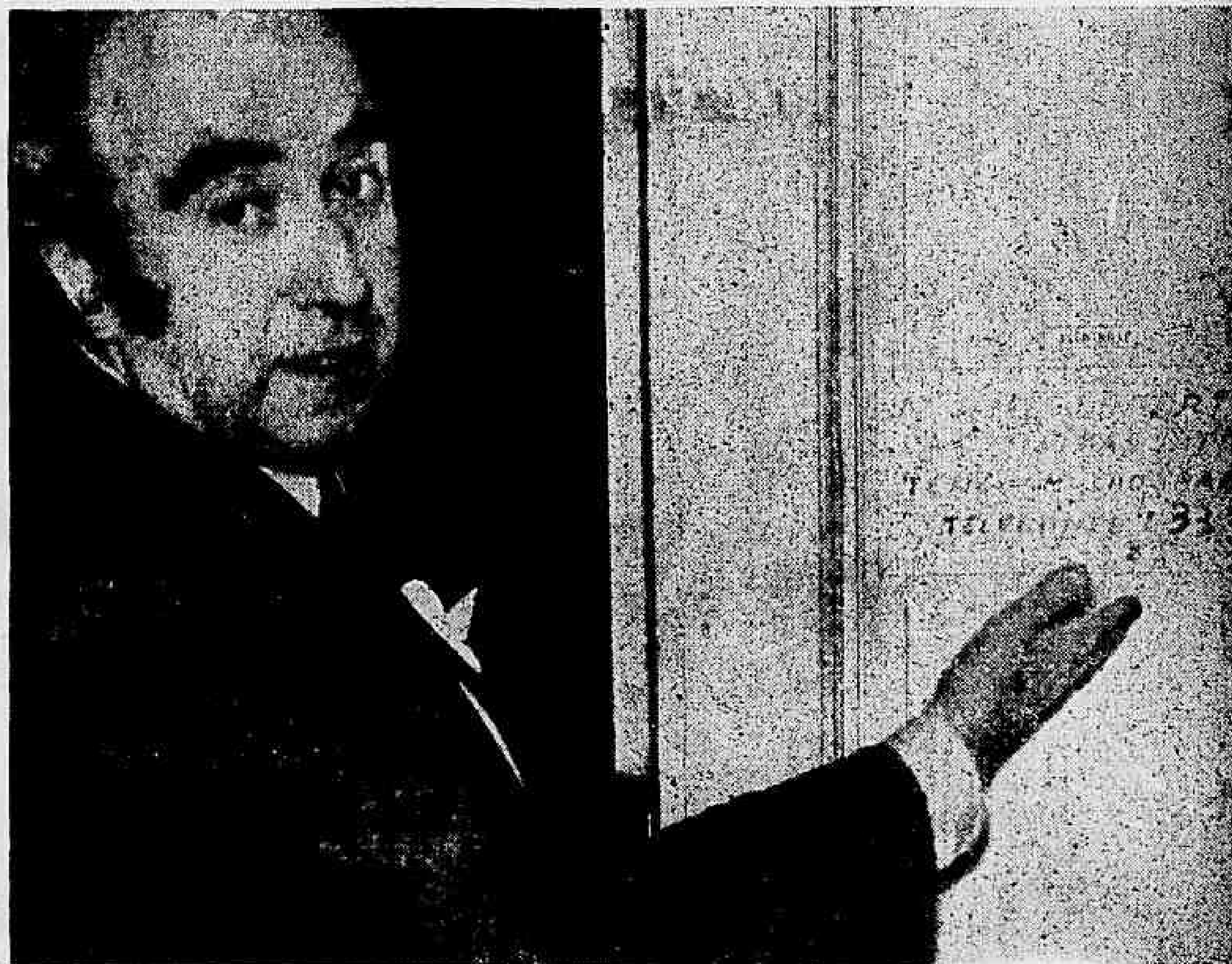




UMA CENA DOMÉSTICA: Pitigrilli se deixa cavalgar pelo filho, com a tradicional paciência dos bons pais. Na outra foto, o escritor na redação do diário «La Razon».



que espalhou pelo mundo, Pitigrilli continua a ser um homem de letras que vive das letras e para as letras. Converteu-se a novas concepções filosóficas em 1945.



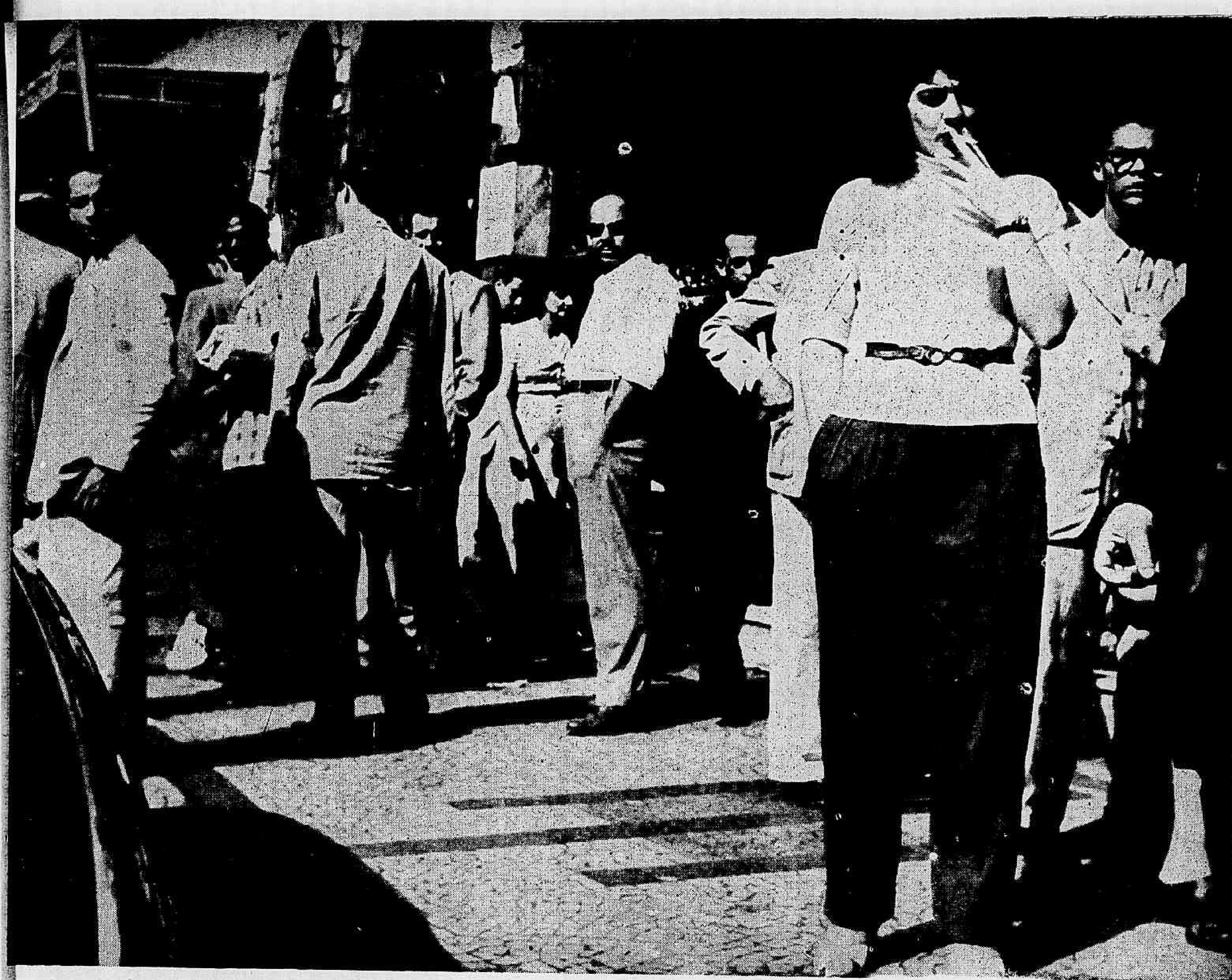
PITIGRILLI, há quatro anos que escreve em «La Razon», trabalha na emissora «El Mundo» e escreve novas obras na Argentina. Por isso previne: não me visitem. Vivo mui ocupado.

ESTE MUNDO E O OUTRO

CRIAÇÃO DE DARCY

CIDADE MARAVILHOSA
10 - BAILE NA GAFIEIRA





DE CALÇA COMPRIDA, blusa colante no busto e cigarro na bôca, a senhorita Wanda Cosmo passeia pela cidade, tranqüilamente. Um ou outro transeunte volta-se para observá-la, mesmo assim sem grande interêsse. Todavia, há trinta anos passados outra mulher quis fazer o mesmo e quase foi linchada. Assim se conclui que os tempos mudaram, e mudaram bastante.

TRÊS "BOAS" SÔLTAS PELA CIDADE...

E O COMÉRCIO NÃO FECHOU



ESTA É A senhorita Sônia da Silva. Reparem bem, não há dúvida, é muito boa. Mas nem por isso chamou a atenção dos homens

RECORDANDO O OCORRIDO HÁ 40 ANOS ATRÁS COM O LANÇAMENTO DO "JUPE-CULOTTE" ★ POR QUE OS HOMENS VESTEM SAIA NO CARNAVAL E POR QUE 50% DAS MULHERES DE COPACABANA USAM CALÇA COMPRIDA? ★QUE SENSAÇÃO PRODUZ, NÊLES, A TROCA DA INDUMENTÁRIA?

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

HÁ quarenta anos passados, u'a mulher apareceu na rua do Ouvidor vestindo calça comprida. Quis, com essa atitude, lançar no Rio de Janeiro a moda do *Jupe Culotte*, que era a coqueluche de Paris. Todavia, por pouco não foi linchada pela população.

Naquela época, Copacabana não existia, pràticamente. A Cinelândia era um sonho, sob a visão titânica de Serrador. A Avenida Rio Branco e a Rua do Ouvidor ainda eram os pontos freqüentados pelo *grand monde* da Cidade Maravilhosa. E foram, justamente, êsses os logradouros escolhidos pela heroína para a sua exibição. Saltou de um



VESTIDA COMO AS demais, êste brotinho, que se chama Carla Nei, conseguiu um pouco de atenção, devido à presença do repórter



SEGUNDO O DEPOIMENTO de senhoras que residem em Copacabana, o uso da ca'ça comprida, pelas habitantes daquele bairro, é tão comum que muitas levam meses sem usar saia. A moda já chegou também ao centro da cidade. O nosso modêlo conseguiu chamar a atenção apenas dos curiosos, principalmente menores

carro na Avenida, na altura em que se acha hoje a Associação dos Empregados no Comércio, segundo o relato de pessoas que assistiram ao acontecimento, e saiu andando pela nossa principal artéria. Parou um pouco em frente ao *Jornal do Brasil*. Todos estacionavam para vê-la. Surgiram as primeiras frases sôltas: "É louca" — diziam uns. "Que coragem!"... "Vejam só!"... — exclamavam as solteironas; "Isso é uma pouca vergonha" — repetia a maioria, O trânsito parou. Uma verdadeira multidão se aglomerou em derredor da ditadora da moda. Finalmente, surgiu o primeiro forte brado de revolta: — "Vamos tirar as calças dela". A onda engrossou e, ao ver-se ameaçada pela turba enfurecida, a dama apressou o passo. Chegou à Rua do Ouvidor. A multidão ia atrás. Sentiu mêdo. E como precaução entrou numa casa comercial, já perto da rua Uruguaiana.

O povo tentou apedrejar a casa que a abrigou, só não sendo grandes os prejuizos por terem sido arriadas as portas, imediatamente.

Interessante: parece que os negociantes da Rua do Ouvidor conheciam bem o provérbio que diz: — "Quem vê as barbas do vizinho arder, põe as suas de môlho". Foi o que fizeram. Todos os comerciantes daquela rua fecharam as portas dos seus estabelecimentos. Três horas depois os vespertinos noticiavam o fato. Não se falou de outra coisa durante muito tempo. Surgiram piadas, "sketches", peças teatrais sôbre a *Jupe Culotte* — como foi crismada a autora da façanha. O Carnaval daquele ano foi divertidissimo. A maioria das músicas e das fantasias era inspirada na *Jupe Culotte*, ou saia-calção.

Nos préstitos das grandes sociedades não faltavam carros de critica alusivas ao assunto. Em tôdas as palestras, desde a mais simples à mais importante, havia sempre uma referência irônica ou maliciosa sôbre a *Jupe Culotte*.

E, à fôrça de se repetir, a moda pegou. Pegou, porque, não há dúvida, ninguém fica sòzinho neste mundo. Há sempre alguém que aprova uma idéia, por mais absurda que pareça. Razão teve La Fontaine quando disse: "Um tôlo sempre encontra outro mais tolo que o admira". Assim, a saia-calção, tal qual a nossa Luz Del Fuego, teve as suas fãs, que, na primeira oportunidade, procuraram imitá-la. E quem não desejava seguir uma mulher que obteve tanta publiciadde gratuita?! Quem não queria ficar notória e conhecida em todo o mundo como mulher exótica, ditadora de moda que revoluciona? Muita gente, não há dúvida. Acontece, entretanto, que nem todos têm coragem de enfrentar as conseqüências de tais atitudes.

Mesmo assim, pouco a pouco, foram surgindo as primeiras adeptas da nova moda. As criticas foram

TRÊS BOAS "SÔLTAS" PELA CIDADE...

se rarefazendo. Foi-se tolerando que a mulher vestisse calça comprida. E hoje, ninguém mais repara nisso.

Os tempos mudaram ou mudamos nós? Não é com a intenção de dar uma resposta à dolorosa interrogação de Machado de Assis, mas, em verdade, os tempos não mudam: nós, sim, é que mudamos, porque evoluimos.

★

O Rio de Janeiro mudou muito de há quarenta anos passados. O cinema, o rádio, a televisão, tudo isso contribui para a sua evolução constante. As descobertas e os inventos mirabolantes, como a penicilina, o avião a jacto ou a bomba atômica, que surgem no Velho-Mundo ou nos Estados Unidos, chegam ao nosso conhecimento em menos de vinte-e-quatro horas. Também a moda, que nasce em Hollywood ou em Paris, cresce e se propaga em Copacabana .

Que venha outra *Jupe Culotte*, pois as suas adeptas dos dias atômicos, mesmo quando são muito "boas" não conseguem fechar o comércio.

Estamos dizendo isso, baseados na experiência que fizemos. Primeiro, telefonamos para o dr. Geysa de Bôscoli e o pusemos a par do nosso desejo, dizendo:

— Escuta, Geysa: você está levando no Jardel a peça "Um Milhão de Mulheres", não é verdade?

— Estou. Por quê?

— Nada. Queremos apenas que nos ceda uma das suas mais belas mulheres — se é que assim podemos dizer — para colaborar conosco em uma reportagem.

— Pois não. De que se trata?

— Você deve recordar-se... Lembra-se da *Jupe Culotte?...*



REPAREM BEM: os rapazolas é que ficam entusiasmados com a presença do «nosso» brotinho.

— Não é do meu tempo, mas ouvi falar...

E depois:

— Já vi tudo. Vou mandar para vocês um "brôto" do outro mundo. Não tenham dúvida... se ela sair à rua de calça comprida e não fechar o comércio... eu fecho o meu teatro.

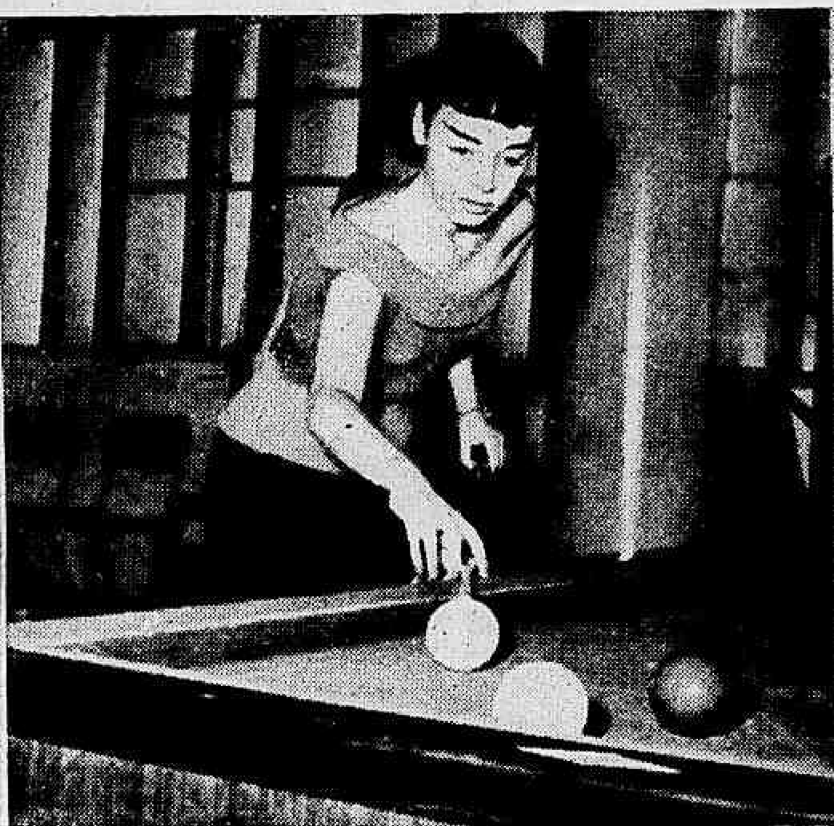
Aceitamos a aposta. Nesse mesmo dia fomos a Copacabana e trouxemos o "material". Saltamos na Avenida. Paramos em frente ao Amarelinho. Demoramos cêrca de meia hora e nada de ouvir o ruído das portas de aço arriando. Decididamente, pensamos, o Rio evoluiu muito. Um brotão dêsses (tiramos uma mira) e ninguém para vê-la!

Razão tinha um amigo nosso, quando nos disse que o Rio chegará a ser como Paris, onde êle viu, à luz do dia, em plena Praça da Concórdia, uma mulher bonita suspender a saia até aparecerem as peças mais intimas do seu vestuário, consertar as ligas da meia, e ninguém, senão êle, se deteve para admirar-lhe as pernas...

Assim aconteceu. O "brôto" desceu mais um pouco o decote da blusa. Fumou um cigarro. Pisou com elegância sôbre o asfalto, com o seu sapato Luis XV. Mas nada disso chamou a atenção dos transeuntes, que continuavam a passar apressadíssimos. Apenas alguns rapazolas se detiveram, mais para algazarra do que para contemplação.

Francamente, sentimos o fracasso da nossa missão. Pensávamos fazer uma "big" reportagem e, no entanto, nada acontecia...

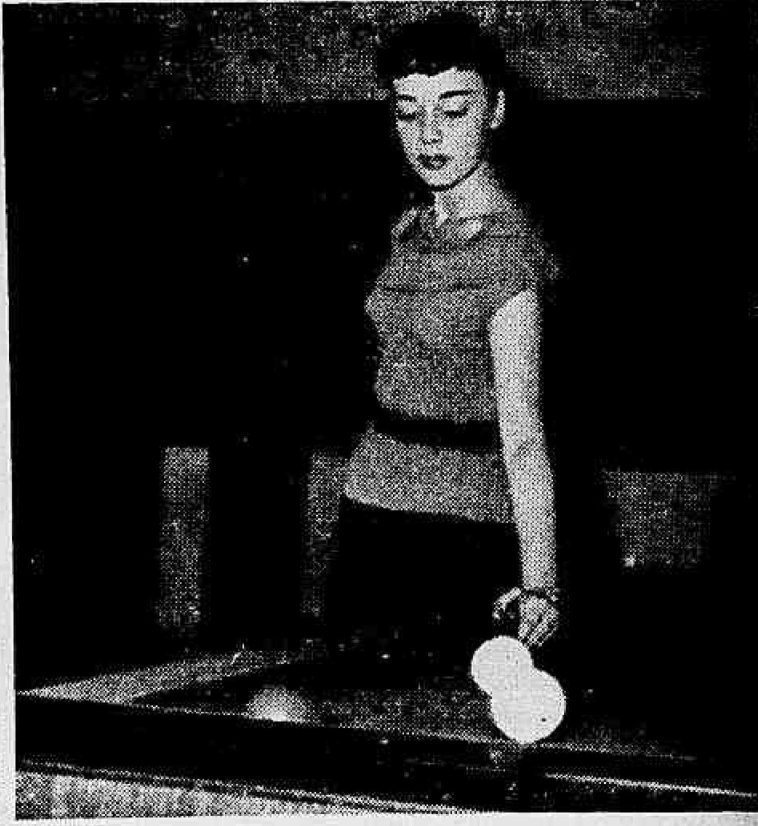
No dia seguinte, teríamos uma conclusão mais feliz, levando, em vez de um "brôto", uma loura balzaqueana. Não adiantou. A *emenda saiu pior*



COM O USO da calça comprida tudo resulta mais fácil, inclusive o esporte de jogar bilhar.



O BROTINHO está sério, e não sabemos o motivo por que estão sorrindo. Êste Rio tem cada um...



NUMA POSE estética, tentando uma carambola sensacional, o «nosso» brotinho sustenta o taco.



ESTA OUTRA entrou numa loja. O caixeiro, naturalmente, mostrou sêdas. Porém ela pediu tropical.



A FLOR de carne examinando a flor de pétalas. Ambas são belas, disseram os presentes.



LENDO a «Revista» em plena Av. Rio Branco. «Na próxima edição estarei em suas páginas», pensou.

TRÊS BOAS "SÔLTAS" PELA CIDADE...



FUMANDO E ADMIRANDO a pintura das paredes do Bambu Bar. Engraçado: o crioulinho quer montar na onça. Que mêdo, ô! E saindo do bar, foi dar um passeio pela praia de Copacabana. Como ela, centenas de mulheres estavam vestidas de calça comprida.



do que o sonêto. Insistimos ainda no outro dia com uma morena, tipo Heddy Lamar. A coisa melhorou, mas, assim mesmo, não saiu como queríamos. Percorremos a Rua do Ouvidor, Primeiro de Março, fomos até à Central do Brasil, procurando sempre os pontos comerciais, onde a presença de Eva, vestida à maneira de Adão do século XX, pudesse chamar a atenção... Não fizemos tal experiência em Copacabana porque, como se sabe, naquele bairro, cinqüenta por cento das mulheres usa calça comprida.

Enfim, aí está o fruto de três dias de trabalho consecutivo. As três "boas" sôltas pela cidade não conseguiram fechar o comércio. Geysa perdeu a aposta. Os curiosos que aparecem nas fotos foram atraidos pelo repórter, isto é, pela máquina fotográfica... Predominou mais o desejo de sair nas fotografias do que o de ver os modelos. E isso é

QUE BROTÃO, dizia... rôtos pararam també... zendo coisas... «São... tros. Mais tarde farão...

tanto verdade que, em... todos aparecem olhando...

Antes de dar por... nossos modelos:: — ... da peça "Um Milhão...







...ias rapazolas. Algumas ga-
...rem ver. Depois saíram di-
...ão ...ndas», comentavam ou-
...rão mesmo, aderindo à moda.

...nt de olhar para as "boas",
...noara o repórter. Eu, hein?

★

...r da a tarefa, ouvimos os
...— ...la Nel, que é do elenco
...o Mulheres" e exclusiva da



A SENHORITA Wanda Cosmo posa para a posterida 'e. Está sorridente e confiante. E' aluna do Serviço Nacional de Teatro e espera vencer na carreira que brαçou. Há de vencer, pois é bonita, culta e inteligente. Alguém alimenta dúvidas?

"boîte" Monte Carlo, disse-nos que há cêrca de dois anos não veste saia. Só o faz quando é preciso, para representar. A loura Sônia da Silva — do corpo de baile do *Brasil Danças* — só usa vestido à noite para dançar. Perguntamos-lhe por que não dançava de calça comprida e ela maliciosamente respondeu: — "Não pode ser... Para êsse particular não há como uma saia bem rodada e uma blusa bem decotada". Wanda Cosmo, que é acadêmica de direito e pertence ao *Grupo dos Quixotes* do Serviço Nacional de Teatro, acha que tôda mulher devia vestir calça comprida, por ser muito mais prático. E acrescentou:

— "A gente tem uma sensação diferente, semelhante à que devem sentir os homens que se fantasiam vestindo saia, isto é, tem-se a impressão de que pertencemos ao sexo oposto. Ademais, quando

(Cont. na pág. 48)



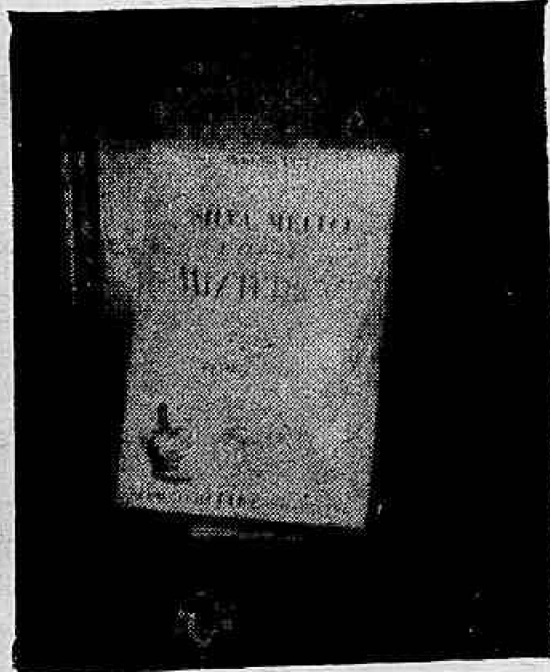
RÉPLICA Á "RESPOSTA AOS ESPÍRITAS"



— «SUA JUSTIÇA, senhor professor, também é biológica: «Dá ao leão o direito de devorar a sua prêsa, tão naturalmente quanto ao herbívoro o de comer os seus vegetais». E' a justiça do «espaço vital», de seus correligionários, autênticos produtos da fúria dos instintos, registada nas páginas da história. A que loucuras nos levaria a prática de sua máxima profundamente irracional?»

Sérgio Valle responde a Silva Mello

CONTROVÉRSIA PROVOCADA POR DOIS LIVROS ESPIRITUALISTAS: "MISTÉRIOS E REALIDADES DÊSTE MUNDO E DO OUTRO", E "SILVA MELO E OS SEUS MISTÉRIOS" ★ CARTA ABERTA AO PROFESSOR SILVA MELO" ★ O PORQUÊ DA QUESTÃO



O LIVRO de Sérgio Valle, «Silva Mello e os seus Mistérios», que provocou a presente controvérsia filosófica.

REVISTA DA SEMANA recebeu a visita do prof. Sérgio Valle, do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo, nome conceituado e escritor de nomeada, com inúmeros trabalhos publicados sôbre vários assuntos especializados (Oftalmologia, Higiene e Hidrologia, História, Literatura, etc.), tendo recentemente editado, com larga repercussão, "Silva Mello e os seus Mistérios", dissecando um tema de grande evidência e atualidade. Vindo de São Paulo, onde tem residência efetiva, para realizar uma série de palestras, teve ocasião de fornecer-nos os originais da Carta Aberta que se vai ler, cuja divulgação fazemos para maior esclarecimento do tema em aprêço:

CARTA ABERTA AO PROF. SILVA MELLO

Fala o prof. Sergio Valle:

— *"A revista "O Cruzeiro" engalanou festivamente as suas páginas com a sua efígie em posturas artísticas e com o ambiente maravilhoso em que o senhor trabalha, na sua missão social de médico renomado, ensejando-lhe oportunidade para se defender dos que não lhe bateram palmas pelo seu livro MISTÉRIOS E REALIDADES DESTE MUNDO E DO OUTRO.*

Possui o senhor uma filosofia da vida muito pessoal e muito destoante de tudo quanto nós outros, seus humildes irmãos, consideramos digno de respeito. A sua biopsicologia, conquanto fundamentada nos instintos e na psicologia dos animais inferiores, opõe embargos poderosíssimos a tôdas as crenças e a tôdas as filosofias espiritualistas; generalizada, faria o homem regredir ao macaco.

Os postulados que preestabeleceu, os lemas sob os quais vive, as razões, quer de ordem científica quer de índole filosófica, tudo isto que ao senhor lhe parece verdadeiro e natural, a nós se nos afigura falso e artificial. Não somente a nós, espíritas, mas a quem quer que possua migalha de espiritualidade, neste ou em qualquer outro continente.

Nas relações entre os homens, como nas entre nações, predomina um princípio salutar de ordem jurídica de primeira grandeza — a reciprocidade.

O colega, perdoe-nos a liberdade — tão grande é a diferença assinalada pelos seus admiradores, entre nós — houve por bem publicar uma tese audaciosa contra o espiritismo, destruindo-o, não lhe reconhecendo a única pretensão de que se investiu a sua filosofia: fundamentar, fortalecer as diversas crenças espiritualistas, transformando a fé na imortalidade e a crença na Divindade numa convicção firme, sobranceira às vicissitudes da vida planetária.

Ninguém lhe poderia negar êste direito; ninguém nos pode impedir a nós de lhe dar a réplica merecida. Agora, e sempre.

Sem se dignar de nos citar o nome, o que achamos muito natural, dada a desproporção entre a sua personalidade muitas vêzes condecorada e a nossa existência apagada de médico

socializado em função pública, acusou-nos de ter agido indignamente, criminosamente, com uma impunidade que lhe parece incrível, quando demos ao nosso livro (que o senhor classificou contraditòriamente ao que lhe é hábito sabido, de volumoso) a denominação inevitável de *SILVA MELLO E OS SEUS MISTÉRIOS.*

Lamentamos que, para nos defendermos, precisemos de, novamente, acusá-lo. Os nomes dados aos nossos livros não seguem a mesma rota dos nomes que damos aos nossos filhos. As razões em que nos inspiramos são imperativas: decorrem, necessàriamente, do conteúdo da obra. O contrário, é fácil imaginá-lo, seria grande despautério.

Aprendemos com o senhor, nos seus MISTÉRIOS, muitas noções utilíssimas para o nosso govêrno neste planêta, onde estacionamos presentemente. A ótima foi que, em se tratando de metapsíquica, de metapsiquismo ou de metapsiquista, temos que nos vacinar contra muita tolice que corre por aí. Devemos afastar os embustes e os embusteiros, as fraudes e os fraudadores, as ilusões e os ilusionistas, as sugestões e os sugestionadores, as neuroses e os neuróticos, as psicoses e os psicopatas, as coisas esdrúxulas e os temperamentos mórbidos.

Todos os leitores de seu livro se hão de lembrar das suas maravilhosas doutrinações nesse sentido, vasadas naquela linguagem que é, sem favor algum, de clareza e cristalinidade meridionais. E' um estilo direto, luminoso e iluminante, que traduz o seu pensamento de maneira cabal e definitiva. Pois bem, o que foi que o senhor aconselhou com relação ao experimentador metapsiquista, ao observador de fenômenos ditos espiritóides, ao analista de sessões espíritas, ao juiz que irá protocolar as observações realizadas? Aconselhou-nos a todos os leitores de sua obra que, dados os maus precendentes de Crookes e de Richet, o primeiro apaixonado pelo fantasma Katie King, ao qual dedicou versos de amor (!), o segundo muito propenso, por temperamento, a aceitar coisas esdrúxulas ou inaceitáveis, advertiu-nos que, em assuntos tais, não fizéssemos nunca abstração da pessoa do metapsiquista. Navegamos, senhor professor, na esteira de suas próprias águas.

As conclusões da metapsíquica são tão desconsertantes, fazendo aluir todo o edifício da ciência materialista, a qual se arrogou o direito de explicar o mundo e o seu mecanismo íntimo, que nos devemos precaver de tôdas as causas de êrro, vigiando, depurando, esmiuçando o ambiente, o médium e o observador. Ninguém pode pensar de outro modo, salvo se fôr trampolineiro nato.

Na sua obra traçou-se o perfil do metapsiquista que deve ser médico medíocre (neste ponto oferecemos algumas vantagens), se possível conhecedor da prestidigitação (o senhor se diz possuidor de algumas habilidades), de um temperamento de normalidade absoluta, insensível às sugestões e às auto-sugestões, livre de fobias (subjetivas ou objetivas), de um psiquismo sadio, se possível comprovado por atestado de psicanalista ou de psiquiatra. Os fatos devem ser averiguados por um instrumento humano íntegro e normalíssimo.

Se o coração fôr muito mole diante de belezas físicas, apaixonar-se-á irremediàvelmente pela médium ou pelo suposto fantasma, estragando todo o protocolo da experiência.

Em nosso livro, SILVA MELLO E OS SEUS MISTÉRIOS, pedimos encarecidamente ao senhor e ao seu colega, correligionário e amigo, ao Dr. Leonídio Ribeiro, que nos esclarecessem a situação real de Crookes, aquêle sabiozinho que se julgou capaz de opinar em metapsíquica. Em que pé se acha a discussão entre o Prof. Silva Mello e o Prof. Leonídio Ribeiro, a respeito da paixão fatal de Crookes? Foi pela médium, Florence Cook, ou pelo fantasma, Kate King? Não havia o senhor opinado pelo fantasma, contrapondo-se ao seu colega Leonídio, que preferiu a Florence Cook? A propósito do temperamento de Richet, o senhor decretou o seguinte: "O temperamento representa, aí, portanto, papel de capital importância, capaz de fazer compreender muitos comportamentos esdrúxulos e absurdos, particularmente por parte de homens de ciência." (O grifo é nosso). Estabelecidas tais premissas pela sua biopsicologia, premissas que, com sua autorização, subscrevemos, a conclusão já aflorou ao seu espírito arguto e sagaz: urgia examinar à luz de documentos fornecidos pelo senhor mesmo em múltiplas confissões, principalmente nas páginas 401 e 402 do seu livro O HOMEM, 2ª edição de 1945, o seu temperamento, os seus pendores, a sua biopsicologia e as suas possíveis lacunas ou escotomas psíquicos. Aconteceu que já conhecíamos a sua mentalidade originalíssima, pois sempre nos interessamos pelos produtos de sua lavra.

Se o senhor usou tal análise com Crookes e com Richet, para lhes inutilizar os protocolos imperecíveis de estudiosos incrédulos, que se renderam à evidência dos fatos, contra tô-

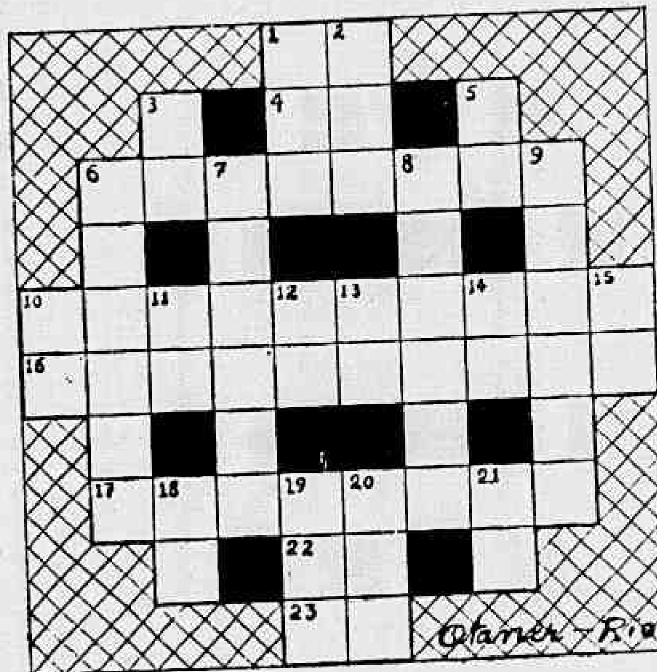
(Cont. na pág. 44)



FLAGRANTE OBTIDO por ocasião da palestra filosófica realizada pelo prof. Sérgio Valle, quando de sua recente viagem ao Rio, para rebater a argumentação do professor Silva Mello.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N 66 PARA VETERANOS



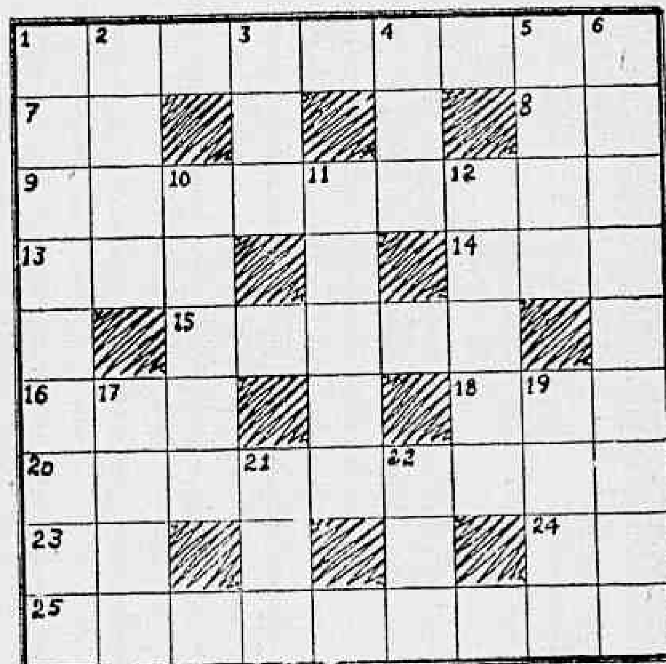
HORIZONTAIS: 1. Monossílabo místico que os hindus invocam ao iniciarem as orações — 3. 3ª letra do alfabeto árabe — 6. Festa de S. João — 10. Discurso confuso — 16. Queda de construções — 17. Funcho (pl.) — 22. Nota musical — 23. Símbolo químico do túlio.

VERTICAIS: 1. Filho do gigante Hreidmar, morto por Odin — 2. Deusa dos antigos germanos - 3. Prefixo vernáculo que exprime aumento, ação — 5. Outro nome de Odin — 6. Aperfeiçoam — 7 Tornar feliz — 8. Avultar — 9. Pagas — 10. 7º caráter da escrita sânscrita — 11. Ao lenge — 12. Nota musical — 13. Prefixo que significa de ambos os lados — 14. Prefixo que denota carência, negação — 15. Rei do Egito, que Oséias chamou em seu auxílio contra Saigon — 18. Cidade tomada e destruída por Josué, depois da passagem do Jordão — 19. Divisão administrativa da Dinamarca — 20. Língua africana do grupo voltaico — 21. Abertura.

*

PROBLEMA N 66 PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Aquêle que exerce a profissão de caçador (pl. — 7. Preposição — 8. Acusada — 9. Pensaram — 13. Íntimo — 14. Empunhei — 15. Camas de lona para transporte de doentes — 16. Época — 18. Criada de companhia — 20. Tornar a iniciar — 23. Dois em algarismos romanos — 24. Escarnece — 25. Ato de oscular.



VERTICAIS: — Campo-santo — 2. Assim seja — 3. Nome do homem — 4. — Reza — 5. Do verbo ser — 6. Estabelecimento escolas que habilita para o estado eclesiástico — 10. Domesticai — 11. Atirai — 12. Nivelai — 17. Monarcas — 19. Mãe-dágua — 21. Navio de guerra — 22. Rema para trás.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 65 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — In — Eira — Ag — Biraia — Oba — As — Céu — Edo — Cam — Lar — Amí — Cal — Ar — Aro — Orncar — Pa — Iuiú Ba.

VERTICAIS: — Dei — Pai — Imo — Ira — Ras — Gnu — Badalo — Acamar — Bela — Emir — Or — Cá — Cap — Anú — Rei — Oca — Rim — Auí.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Rio — Mar — Arcam — Caro — Rail — Adagueiro — Rim — Paragonar — Araf — Tora — Timor — Boa — Sal.

VERTICAIS: — Iara — Orografia — Maremotos — Amai — Aca — Elo — Adiar — Iriar — Uig — Par — Rato — Nora — Ras.

Colaboração e correspondência para: REVISTA DA SEMANA — PALAVRAS CRUZADAS.

a Carta

AQUÊLE dia fôra para Marcos demasiado longo e enervante. Suspirou aliviado quando pôde afinal encerrar o trabalho. Apressadamente, tomou o carro que o conduziria a casa em Copacabana.

Durante o percurso deu livre expansão aos seus amargos pensamentos. Qualquer coisa — que não sabia explicar — angustiava-o como o presságio de alguma desgraça.

Pensava em Eugênia. Desde que voltara da fazenda estava tão estranha! Algo de muito sério, devia passar-se no seu íntimo. Queria-lhe tanto, que a menor sombra de tristeza dos seus olhos inquietava-o.

Com o espírito atribulado por tôdas estas cogitações, entrou na garagem e notou movimento desusado no edifício. Assistência, aglomeração de curiosos, comentários em vozes altas. Deixou o carro e dirigiu-se, alucinado, à portaria. Aí, de desconhecidos, recebeu a fatídica notícia. Eugênia suicidara-se.

Estavam pois, confirmados seus pressentimentos; e não eram infundadas suas suspeitas. Eugênia tinha um segrêdo e tão grave, que preferira matar-se a revelá-lo.

Galgou as escadas, nem soube como, e chegando ao quarto, encontrou-a estendida na cama, serena e imóvel, como se estivesse adormecida. Só então, afastando os curiosos, entregou-se à sua imensa dor.

Era forte, mas, diante da tragédia que enlutara seu lar, não poderia conservar-se calmo.

Decorreram as primeiras horas e êle julgava-se sob o efeito dum pesadelo, sem poder aceitar assim, de repente, a verdade. Olhava-a fixamente e indagava. Por que teria chegado a êste extremo? Não fôra feliz em sua companhia? Que a atormentara tanto nos últimos dias? Teria surgido algum fantasma do seu doloroso passado? Êle o conhecia tão pouco! Às vêzes, ela referia-se a alguma passagem dêste, mas ficavam constrangidos e preferiam desviar o assunto. Por que não dividira êste sofrimento, contando-lhe tudo? Talvez se sentisse mais forte e pudesse reagir. Agora, nada mais poderia fazer. Tudo terminara. Diante da morte está o irremediável.

Viu-a partir sem poder detê-la. Levaram-na.

Depois, seguiram-se longos dias cheios de recordações e incertezas. Eugênia — além do lacônico bilhete endereçada ao agentes das leis, a fim de isentá-lo de alguma culpa — nada deixou que pudesse esclarecê-lo. E Marcos, esgotado pelas saudades e mudas interrogações não podia mais alimentar-se nem dormir. À mesa, desviava o olhar do lugar vazio dantes ocupado pela sua figura radiosa de mocidade. À noite, parecia vê-la em tôda parte e se tentava ler, era sempre ela que lhe vinha à memória. Pegava num livro e encontrava-o todo marcado nos períodos mais apreciados e que — quantas vêzes — tinham lido juntos! Dessa maneira, aprendera a compreender e amar os poetas e escritores brasileiros.

Lia e estudava com tanta persistência que, poucos meses após sua chegada da Europa, falava perfeitamente o português.

Conservara no entanto aquêle sotaque tão musical aos ouvidos de Marcos. Fechando os olhos, como fazia agora, podia ouvi-lo nitidamente.

Não, não podia suportar por mais tempo esta saudade, era forçoso tomar uma decisão. Sua família há muito desejava que fôsse viajar e êle resolveu embarcar para a Suíça, onde conhecera Eugênia.

Febrilmente, começou os preparativos. Não queria desfazer-se de nenhum objeto pertencente à morta querida, e era com pesar que se afastava dêles, muito embora por curto período, como pensava.

Porém, ao abrir o cofre para apanhar alguns papéis, a fim de legalizar seus documentos, encontrou grande envelope a êle destinado. Teve um choque, pois reconheceu no subscrito a letra de Eugênia. Trêmulo de emoção, apossou-se àvidamente da carta.

Que conteria esta? Iria afinal saber o motivo do seu gesto? Abriu-a sôfregamente e deu início à leitura da mesma, que dizia o seguinte:

"Meu amigo.

Necessitava deixar-te esta, para que soubesses a significação do meu ato, considerado por tantos tresloucado. Não sei como principiá-la, porque neste momento, me vem à memória tôda minha vida, num tumultuar de recordações. Começarei, entretanto, pelos fatos ligados à minha infância. Talvez, assim, possas compreender a estranha criatura que viveu tantos anos ao teu lado, pois, verdadeiramente, não a conheceste.

Nasci de pais pobres e rústicos, numa pequena cidade do sudoeste da França, Arles, na Provença. Fui sempre de compleição franzina e sensibilidade à flor da pele. Assim cresci, na companhia de muitos irmãos, sem jamais acostumar-me ao desconfôrto em que vivíamos.

Adorava minha família, muito embora me sentisse desajustada no meio dela.

Nas horas livres, gostava de sair sòzinha pelos campos, ora admirando os trigais que o sol dourava magnìficamente, ora os pessegueiros em flor ou o pomar de ameixeiras. E quando chegava a primavera, então tudo se renovava, e as flores eram mais exuberantes e havia mais seiva e vida em tôda a natureza.

Como tenho saudades daqueles belos dias! O céu inteiramente azul, o verde dos campos, o colorido diverso da paisagem!

(Cont. na pág. 44)

Novela de **LOURDES ESPÍNDOLA**

Ilustração de **OSWALDO DA CUNHA**









CIÑCO "TAILLEURS" elegantes, de primavera, aqui estão para a sua escolha. Empregue de preferência tecidos leves, como o linho, e de cores vivas, tornando-os alegres e sugestivos, de acôrdo com a estação.



NOTAS URBANAS

A felicidade é uma invenção cotidiana. Precisamos descobri-la diàriamente, já que Edison se esqueceu de nos legar uma ventura a filamento, como as lâmpadas elétricas, ou em gravação, como os discos fotográficos.

★

Mas, afinal, para que pensar na felicidade, preocupar-se com ela? Olhemos a paisagem.

★

Era tão linda, tão linda como essas moças que aparecem nos anúncios de cremes para a pele.

★

Quando o ator, na tela, acende um cigarro, sentimos uma imperiosa necessidade de fumar. Mas, em geral, não fumamos. Porque é proibido fumar na sala de projeção, e porque fumar sem ver a fumaça não dá nenhum prazer. De forma que o fumo é um vicio plástico, um prazer para os olhos, um espetáculo, um teatrinho de fumaça que anda conosco em "tournée". Por isto, talvez certas fumaças parecem dançar, parecem leves bailarinas em miniatura, pequeninas e efemêras Pavlovas de sonho, ensaiando uma original coreografia na ponta das cigarrilhas...

★

Mário é um nome que só serve para os jovens. Sim, naturalmente os Mários também envelhecem. Mas nunca vi ninguém chamar um velho de Mário. E êste é outro mistério impenetrável da existência.

★

No centro da cidade, aos domingos, as casas de negócio fechadas parecem pessoas em trajes caseiros, recolhidas à sua intimidade. E como que olham os raros transeuntes das ruas centrais com um ar hostil de quem não gosta de ser incomodado na paz do lar, como quem lhes está dizendo:

— Não sejam indiscretos!

★

Numa destas manhãs de sol, passando por um jardim cheio de crianças, verifiquei — afinal — a utilidade da glória dos poetas e dos heróis. E' por causa das estátuas que existem os parques e os jardins. A glória exige, para suas terríveis flores de bronze e de mármore, a moldura das doces árvores e das inocentes e desinteressadas flores que Deus nos deu. Assim nascem os jardins. Assim as crianças têm jardins para brincar ao sol destas manhãs.

E a glória já não me parece mais nem tão triste, nem tão inútil.

LYSE

















NESTA coleção de modelos, apresentamos algumas interessantes sugestões da moda atual. À esquerda, vemos como os costureiros franceses procuram sempre um novo detalhe, que torne mais elegantes as toilletes para tôdas as estações. Aqui êles nos apresentam alguns originais decotes, nos mais variados feitios e

Modelos VARIADOS





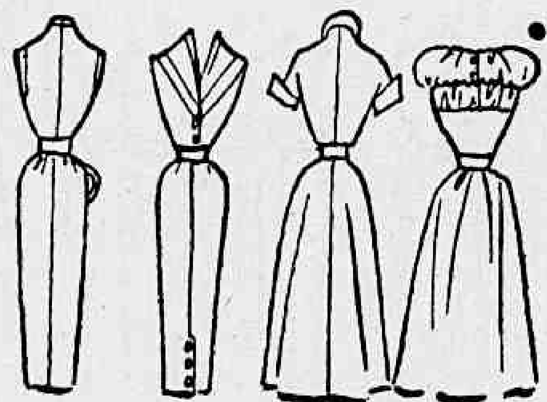






que se adaptam a modelos para diversas ocasiões. E' interessante notar que os decotes arredondados, tendem a se alargar na parte inferior, tornando-se bem amplos. Em cima, dois interessantes vestidinhos estampados para a primavera; finalmente, à direita, uma moderna coleção de casacos, para os dias mais frios.

Para GENTE MOÇA





MAIS uma encantadora coleção de modelos para moc'nhas, apresentamos hoje às nossas leitoras, em criações exclusivas desta revista. Em todos êles predomina o espírito prática, embora não fugindo à or'ginalidade das linhas. Como sempre, os tecidos leves devem continuar a sua preferência para a confecção dêstes graciosos modelos.

Com Eletricidade...
-tudo é mais Fácil!



COITADINHA! ESTÁ CANSADA
DE TANTO SUBIR ESCADA
P'RA IR AO ÚLTIMO ANDAR.
E NÊSSE ANDAR DESANIMA
DE, ENFIM, CHEGAR LÁ EM CIMA,
DE, ENFIM, PODER DESCANSAR!



HOJE, COMO QUALQUER DAMA,
CONTRA A ESCADA NÃO RECLAMA
NEM FAZ NEMHUM ESCARCÉO,
NO E EVADOR, SORRIDENTE
ELA VAI, TÔDA CONTENTE
AO MAIS ALTO ARRANHA-CÉU.



SE MAIS DUM ELEVADOR
ESTÁ PARADO, É FAVOR,
ÀS PESSÔAS INDICAR
QUE SE S'RVAM DUM SÒMENTE
QUE É UMA FORMA INTELIGENTE
DE FÔRÇA MOTRIZ POUPAR

Economize



Eletricidade!



WEEK-END

BEIJINHOS DE LEITE

1 litro de leite, 2 colheres de farinha de trigo, 300 gr de açúcar, 1 colher de manteiga.

Mistura-se o açúcar com o leite, leva-se ao fogo, quando já estiver engrossando, acrescentam-se 2 colheres de farinha de trigo e 1 colher de manteiga. Tira-se do fogo e põe-se num prato até esfriar. Corta-se depois de frio em quadradinhos, enfeitando cada um com um confeito prateado.

CROQUETES DE ATUM

Cozinha-se e esmaga-se muito bem meio quilo de batatas e se mistura com o conteúdo desfeito de uma latinha de atum. Tempera-se, acrescenta-se um ôvo inteiro e 1 ou 2 colheres de farinha, fazem-se os croquetes e passam-se no ôvo e na farinha de biscoito, fritando-os ligeiramente no azeite quente.

BISCOITOS PÉROLAS

210 gr de açúcar, 7 ovos, casca ralada de limão, 180 gr de farinha e 100 gr de maizena.

Bate-se bem o açúcar com as gemas, mistura-se a casca de limão, a farinha, a maizena e por último as claras batidas em neve. Põe-se a massa em um cartucho de papel, fazem-se filetes com 10 cm de comprimento e polvilham-se com açúcar. Depois de 10 minutos, polvilham-se de novo com açúcar e assam-se em forno médio.

PUDIM DE PÃO

150 gr de pão prêto, ½ litro de vinho branco, 1 pitada de canela, 100 gr de açúcar, 4 ovos, 1 colher-de-sopa de manteiga. Umedece-se o pão no vinho, passa-se por uma peneira, mistura-se com açúcar, a canela, as gemas, a manteiga derretida e as claras bem batidas. Põe-se a massa em fôrma de pudim, cozinha-se durante 40 a 50 minutos em banho-maria, vira-se e serve-se com calda de frutas.

BRANDY SMACH

Dissolva 1 colher-de-chá de açúcar com 1 colher de água, deite no *shaker* e junte 4 fôlhas de hortelã. Esmigalhe bem para tirar o suco e retire os resíduos. Junte 1 cálice de *brandy*, sacoleje bem e despeje nos copinhos com gêlo picado até ao meio. Deite um galinho de hortelã, enfiado no centro.

PÃEZINHOS ROYAL

14 colheres bem cheias de farinha, 1 de manteiga, 3 rasas de Royal, 1 colher-de-chá de sal, 2 gemas, 1 clara e 1 copo de leite. Misture tudo e amasse com o leite. Faça pequenos pães sôbre o comprido e arrume, separados, em tabuleiros polvilhados com farinha. Doure com gemas, polvilhe com açúcar cristalizado e leve a assar no forno.

CEBOLAS COM LEITE

Cozinhe em água e sal 12 cebolas regulares. Depois escorra e leve ao fogo numa caçarola, com 1 colher de manteiga e 3 xícaras de leite. Deixe cozer até o môlho ficar reduzido à metade. Despeje de um lado da travessa, e, do outro, bifes regados com o próprio môlho.

Parta as cebolas em quatro, se forem grandes.

FORMINHAS DE CARNE

Faça um picadinho simples e junte 2 ovos duros picados. Tome 75 gr de pão embebido em 2 xícaras de leite, junte 3 gemas, 1 colher de manteiga, sal e misture. Tome forminhas untadas e polvilhadas de pó



de pão, deite uma camada fina da pasta de pão, outra de picadinho e cubra com a pasta. Polvilhe de queijo e leve a assar no forno. Desenforme, arrume num prato e enfeite com azeitonas e galinhos de salsa. Sirva simples ou com môlho de tomate à parte.

FRANGOS COZIDOS

Cozinhe 2 frangos, tire tôda a carne, as peles e os ossos, e arrume os pedaços no centro de um prato. Faça 1 kg de batatas com leite. Arrume as batatas ao redor do frango e regue êste môlho com o môlho das batatas, que deve ficar como môlho branco, e sirva. O caldo do frango serve para fazer um bom caldo para jantar ou qualquer sopa.

BATATAS COM LEITE

Cozinhe 1 kg de batatas com cascas, pequeninas e do mesmo tamanho. Depois de escorridas deite numa panela com 1 colher de manteiga, 2 xícaras de leite e sal. Deixe cozinhar em fogo brando, até reduzir o môlho à metade e sirva bem quente num prato à parte ou como fôr indicado.

NA COZINHA

SALADA DE ALFACE E MAÇÃ

Separe as fôlhas pequenas da alface e parta as grandes. Tempere com 1 gema cozida, 2 colheres de nata batida, caldo de meio limão e sal. Descasque 2 maçãs e corte em tirinhas, arrume a alface na saladeira, faça no centro um monte de maçãs e, ao redor, as folhinhas de alface em pé.

LEBRE À PIEMONTESA

Limpa-se e parte-se em pedaços uma lebre, reservando-se o sangue e o fígado para o môlho. Faz-se um refogado com 1 cebola picada em rodelas, duas cenouras, 1 alho picadinho, 6 colheres de manteiga, 200 gr de toucinho fresco picado e sal. Frito o refogado juntam-se-lhes os pedaços de lebre, um pouco de água, deixando-se cozinhar até que a carne fique quase mole. Juntam-se então o fígado picado, o sangue, uma garrafa de vinho tinto, pimenta, um cravo da Índia e 1 pitada de



noz-moscada ralada. Mexe-se bem, retira-se do fogo, deixa-se repousar umas três horas e depois torna-se a levar ao fogo para acabar de cozinhar. Serve-se com o próprio môlho.

SOPA DE CALDO DE FEIJÃO

Cozinham-se 250 gr de feijão mulatinho. Depois de bem cozido o feijão, amassa-se e passa-se na peneira para se tirar o caldo.

Refoga-se à parte num pouco de gordura, cebola batidinha, sal e alho. Deita-se no refogado o caldo de feijão e deixa-se ferver, engrossando-se com 1 colher de arroz, ½ colher de massinha, algumas fôlhas de repôlho rasgadas. Quando estas estiverem cozidas, na hora de servir, pica-se 1 ou 2 ovos cozidos em rodelas finas, juntando-se ao caldo, que deverá ser servido quente.

FILÉS DE PEIXE À HELENA

Cortam-se os filés de algumas pescadinhas e tempera-se com sal e limão. Faz-se um creme com 1 copo de leite, 1 colher rasa de manteiga e outra de farinha de trigo, sal, 250 gr de camarões refogados e picadinhos. Passam-se os filés, um a um, nessa massa, em farinha de rôsca, depois em ovos batidos, novamente em farinha de rôsca. Fritam-se com muito cuidado, deixando-se levemente dourados.

Arruma-se no prato que se vai servir, pondo-se em cima de cada um 3 rodelas de bananas fritas. Serve-se separado o seguinte môlho: — põem-se dentro de uma caçarola uma colher-de-sopa de manteiga, outra de farinha de trigo e mexe-se tudo até ficar escuro. Juntam-se 2 xícaras de leite, deixando-se engrossar. Passam-se na máquina 100 gr de presunto e 100 gr de picles, misturando-se com 1 colher-de-chá de mostarda, outra de môlho inglês. Junta-se tudo ao môlho no momento de servir.

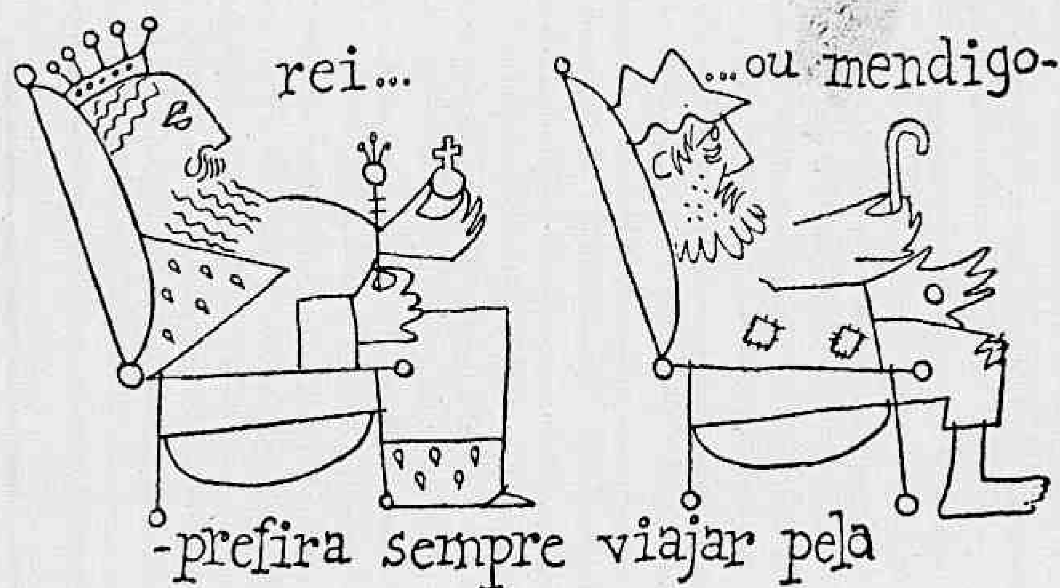
CLARIFICAÇÃO DA CLARA

Põe-se num prato, tacho ou panela grande uns 3 quilos de açúcar, juntamente com 2 garrafas de água e 1 clara de ôvo batida. Mistura-se muito bem e leva-se, então, ao fogo, mexendo-se de vez em quando. Quando começar a ferver, junta-se meio copo de água fria e diminui-se o fogo para que a fervura seja lenta. Quando ferver novamente, junta-se outro copo de água e assim por 3 vêzes. Vai-se tirando a escuma, à medida que esta fôr surgindo à tona. Por último, aumenta-se o fogo, quando se verificar que a calda está limpa. Retira-se, então, do fogo e côa-se através de um pano espêsso. Pode-se fazer apenas meia receita.

BRENTEN DE FRANCFORT

500 gr de amêndoas, 500 gr de açúcar, 60 gr de farinha de trigo, 3 a 4 colheres das de sopa de água de flor de laranjeira, 1 clara.

Ralam-se e amassam-se as amêndoas, junta-se a água de flor e o açúcar, levando-se ao fogo fraco e mexendo-se constantemente até que a massa se despegue da caçarola. Põe-se então em uma vasilha de barro bem polvilhada com açúcar, cobre-se com um pano e deixa-se em lugar fresco até ao dia seguinte. Trabalha-se na massa sôbre a mesa polvilhada com farinha, junta-se a clara e estende-se na grossura de ½ cm, mais ou menos. Cortam-se diversas figuras (existem formas de madeira, com as figuras em relêvo, próprias para êsse fim), deixam-se crescer durante 24 horas e levam-se depois ao forno bem fraco, em assadeira untada com cêra.



SERVIÇOS AÉREOS CRUZEIRO do SUL LTDA.
para qualquer ponto do Brasil
e a Buenos Aires.
Avenida Rio Branco, 128 - Fone: 42-6060.
Avenida Nilo Peçanha, 26A - Fone: 32-4177.

QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. — Cartas: Avenida Rio Branco, 117 — sala 305, para remessa do programa





LYTOPHAN



NASCIDA ONTEM

A primeira vez que Paul Verrall viu Billie Dawn foi quando ela chegou ao hotel, em Washington, em companhia de Harry Brock. Êle precisava entrevistar Brock, o rei do ferro, para o seu jornal. Mas não pôde tirar os olhos da pequena. Ela era realmente... muito *boa!* Talvez não só se vestisse com muito gôsto. Mas que riqueza!... Uma capa de pele nos ombros, outra nos braços... E quantas jóias!...

Brock era um gigante, com a personalidade de um gorila. O gerente do hotel havia reservado para o casal tôda uma ala do estabelecimento. Mas o gorila ficou furioso. Êle não queria uma ala, queria um andar inteiro! Foi quando Brock protestava que os olhares de Billie e Paul se cruzaram pela primeira vez.

A entrevista teve lugar mais tarde, graças a um arranjo de Devery, o advogado de Brock. Paul ouviu o "big shot", enquanto êle era barbeado e manicurado. Falou-lhe de muita coisa e Paul ouviu pacientemente. Não era aquilo o que lhe interessava. Êle queria saber o que estava Brock fazendo em Washington. Diziam as más línguas que havia vindo para obter do Senador Hedges uma nova lei, uma lei de "cavação", que lhe beneficiasse os negócios escusos. Está claro que o inteligente Brocks não lhe faria uma confissão plena assim, sem mais nem menos. Mas Paul insistiu ainda uma vez. A resposta desiciva veio logo:

— Escute, amigo. Tenho sido muito delicado com você. Não me amole mais...

Foi quando Billie Dawn entrou no aposento. Ela estava ainda mais bonita sem as suas capas.

Realmente, dentro da capa não se podia ver aquêle corpo. E que maneira de andar... E que olhar... Parecia, ela tôda, não ter nada para esconder.

Entrou, pegou a garrafa de uísque e encheu um copo. Bebia como se fôsse leite. Brock aparentava não estar prestando atenção ao que se passava em volta. Mas estava. Tanto que, quando Billie ia saindo com a garrafa, berrou num pulo:

— Aonde vai você com isso?

— Para o meu quarto — disse ela tranquilamente.

Brock modificou o tom da voz. Ela que deixasse a garrafa ali mesmo. Esperava visitas importantes e não queria que ela aparecesse "cheirosa".

— Bem, mas eu posso...

— Faça o que lhe digo!

Houve um momento de tensão. Mas Billie acabou obedecendo. Pôs a garrafa no lugar e saiu da sala, com seu passo cadenciado e provocativo. Cruzou com Devery, que entrava.





O advogado, gracejando, disse ao barbeiro o que Paul estava pensando:

— Amigo, quanto cobraria você para cortar a garganta dêste homem?

O barbeiro, um camarada macio, melífluo, limitou-se a sorrir. Está claro que Devery não teria brincado assim se já não estivesse um pouquinho "tocado". Todos gostavam de ficar um pouquinho "tocados" quando trabalhavam para Harry Brock.

— Há certas brincadeiras das quais eu não gosto — disse o "big shot" levantando-se e em-

(*Born Yesterday*)

INTÉRPRETES

Billie Dawn	*JUDY HOLLIDAY*
Harry Brock	*BRODERICK CRAWFORD*
Paul Verrall ...	*WILLIAM HOLDEN*
Jim Devery	*HOWARD ST. JOHN*
Eddie	*FRANK OTTO*
Senador Hedges.	*LARRY OLIVER*
Mrs. Hedges ...	*BARBARA BROWN*

★

Versão da peça teatral de Garson Kanin
Dirigido por VINCENT SHERMAN
Um filme COLUMBIA

empurrando rudemente o advogado. Devery não respondeu, ficou quietinho. O homem lhe pagava cem mil dólares por ano. Sabem lá o que é isso?

Paull Verall retirou-se pensando quem seria a visita importante que Harry estava esperando. Só conseguiu descobrir isso no dia seguinte, quando recebeu um chamado de Brock. Queria que êle aparecesse à tarde.

Poul foi e Brock o recebeu logo. O que o homem queria dêle era uma coisa tremendamente surpreendente.

— Tenho uma amiga, uma boa pequena... Creio que você já a viu aqui mesmo, não?

O outro fêz que sim com a cabeça.

— Bem... uma boa menina. Mas, para ser franco, ela é um pouquinho bôba. Não é culpa dela, entende? Criou-se num ambiente baixo. Para corista ela é até esperta de mais. Tanto que conseguiu me fisgar. Mas para êste pessoal aqui de Washington... você compreende?

Paul não estava entendendo muito bem. Mas fazia sinais com a cabeça, sem saber o que dizer.

— Eu queria que um sujeito como você, escritor, educado, desse umas lições a ela. Billie tem boa cabeça, aprende logo. Você podia, no seu tempo livre, mostrar a Billie como uma dama deve-se portar em sociedade, dar-lhe boas maneiras, ouviu?

Enquanto Brock falava Paul pensava no caso. Pensava nos olhos azuis de Billie, na sua voz doce, no seu andar cativante. Acabou aceitando a proposta. E Brock ficou pensando que era pelos duzentos dólares por semana.

Chamou Billie e os apresentou. Explicou a ela que queria que os dois passassem algumas horas por dia juntos, que fizessem alguns passeios.

— Então o amigo aqui é um *gigolô?* — perguntou ela cândidamente.

— Nada disso! — protestou Paul. — Brock quer que eu lhe ensine boas maneiras e lhe ilustre um pouco... Podem fazer-lhe perguntas...

— Ninguém tem nada para me perguntar. E se tivesse eu bem poderia responder...

Ela pensou um pouco e depois, num sorriso:

— É. Talvez a coisa seja divertida. Sabe por que tudo isso, Paul? Porque Brock quer que eu conheça o Senador Hodges e sua mulher! Êles pensam que sou bôba, hein?

Ora essa! Tinha obtido tudo que havia sonhado sem precisar de mestres!

★

No dia seguinte foi a primeira lição e Billie portou-se muito bem.

— Aprendo ligeiro, não?

— Sim, Billie.

Meu nome não é Billie. É Ema. Mas eu o troquei. Veja lá se eu pareço com uma ema?

— Claro que não! — disse Paul sorrindo. — Pelo contrário, você é adorável...

Ela ● olhou interrogativamente.

— Escute uma coisa... Você é dêsses que falam muito bonito ou dos que preferem um pouquinho de ação?

Paul ficou embatucado. Nem sabia o que responder.

— Bem... eu sou um homem direito. Fui contratado para educá-la e não ficaria bem...

— Hum!... Isso vai ser diferente do que eu pensava — murmurou ela.

Porque Billie admitia que sentia um "fraco" pelo rapaz. Afinal de contas, Paul era um rapagão vistoso e bem educado. E' verdade que parecia não estar sentindo-se muito à vontade. Tanto que levantou-se e preparou-se para sair.

— Vou ver se encontro alguns livros interessantes para você ler...

— Está bem. Pode trazê-los logo... nem que não sejam interessantes.

O sorriso com que Billie disse isso deixou Paul "abafado"...

Êle voltou poucas horas depois, com livros e jornais.

— Jornais não — protestou Billie. — Nunca li essas bobagens. Só leio a última página, aquela que tem histórias em quadrinhos.

Foi um bate-bôca dos diabos. Afinal, ela choramingou:

— É que não tenho a vista muito boa...

— Pois deve usar óculos!

— Deus me livre! A gente fica horrível!

— Pois eu uso e não me considero horrível!

Ela pediu-lhe desculpas e abraçou-o. Aí é que foi o diabo. Porque Paul não pôde resistir. Tomou-a nos braços, beijou-a. Quando ela se recompôs, disse carinhosamente:

— Você sabe, Paul, nos homens os óculos até ficam bem...

As lições prosseguiram. No dia seguinte, quando Paul chegou, a criada levou-o diretamente para o quarto de dormir. Billie ainda estava deitada e vestia um "peignoir" muito transparente, todo de rendas. Convidou-o a sentar, alisando a cama. Mas Paul preferiu arrastar uma cadeira. Deu-lhe um jornal cheio de coisas marcadas a lápis. Ela sentou-se na cama, suspirando e pegou o jornal.

— Você quer mesmo que eu leia isso?

— Claro! Estou esperando.

— Mas êsses artigos não têm sentido...

— Têm, sim, senhora.

— E' que a gente podia aproveitar melhor o tempo. Isso sim, é que tem sentido... Apesar de tudo, a educação de Billie foi continuando. Paul deu-lhe livros (e ela os leu), ensinou-lhe boas maneiras, mostrou-lhe a cidade tôda, explicando-lhe por que a nação havia erguido tantos monumentos. Ela, por sua vez, ia-lhe contando um pouco de sua vida passada.

— Hoje recebi uma carta de papai. Faz oito anos que não o vejo. Um velho camarada, com idéias próprias. Por isso diziam que êle era meio maluco.

— Onde trabalha êle?

— Na companhia de gás. Lê os relógios para ver quanto os consumidores gastaram.

Billie ficou um pouco em silêncio, imersa em seus pensamentos. Paul não a interrompeu. Por fim, ela mesma quebrou o silêncio.

— Não sei como êle se arranjou para criar a mim e os meus três irmãos. Porque mamãe morreu muito cedo. E êle tinha que nos vestir, nos banhar, nos dar comida e tratar da nossa roupa... Como eu gostaria de poder um dia pagar o que êle fêz por mim!...

Paul continuou em silêncio. E Billie prosseguiu.

— Uma noite, eu já era mocinha, voltei para casa com cem dólares. Até hoje me lembro de como os seus olhos eram tristes olhando para mim... Nunca mais poderei esquecê-los... Hoje, êle ainda me dá conselhos em sua carta. Diz que não quer que eu viva de uma maneira "inestética". Tive que ir ver no dicionário o que quer dizer isso...

Paul, sùbitamente, perguntou:

— Você não gosta de Brock, não é verdade?

— Sim — respondi-lhe docemente. — Não o amo. Mas, você compreende, é melhor viver com êle que...

— Sim, você tem razão — disse Paul.

— Depois, Harry não é tão ruim. Tenho visto homens piores. E' verdade que é um egoista, não pensa em mais ninguém a não ser nêle mesmo. Mas quem não é assim?

Paul estacou, num protesto caloroso.

— Milhões de pessoas não são assim, Billie!

Ficaram durante algum tempo silenciosos, junto às altas colunas do Palácio do Govêrno. Quando recomeçaram a caminhar, Billie perguntou docemente:

— Você está louco por mim, não é verdade ?

Êle apenas fêz com a cabeça que sim.

— Eu também estou ficando tôda atrapalhada da cabeça. Sabe? Na noite passada eu fiquei pensando, pensando, e não pude dormir nem dez minutos.

(*Conclui no próximo número*)

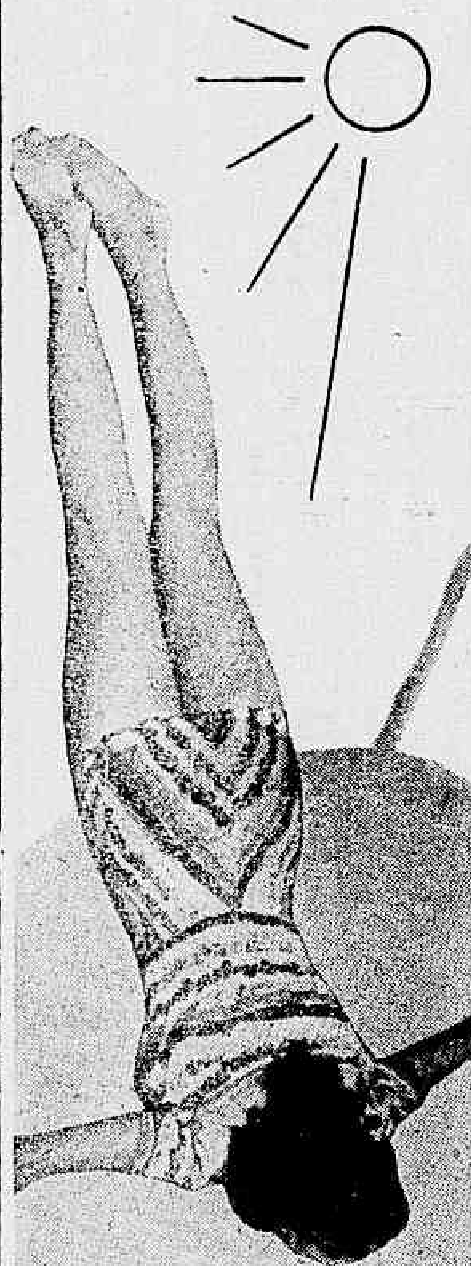








Uma cousa...



exige outra:





Polvilho Antisséptico
GRANADO
DESODORANTE
CICATRIZANTE

O CIÚME SALVOU-A

(Cont. da pág. 47)

Nos dias que se seguiram, ouvira sempre os rogos para que se casassem. Dina sofria... o arrependimento não lhe havia chegado ao coração e o Olavo sentia nojo, desprêzo, pela mulher que se havia desgarrado tão sem pudor...

Não podia afastar de si a idéia de que mulher assim não vai prestar. Não queria casar com ela, e os pais da moça a expulsaram de casa.

Tempos depois, quando se encontrou com o Mané, êsse que já sabia de tudo, disse-lhe que ia casar-se com a Dina. Olavo, que dias antes não pensara nem de leve na triste situação da moça, levado pelo ciúme da conquista, sentiu raiva do rival. Trocou socos com o filho do compadre, sem a menor consideração e carregou, dias depois, Dina para seu quarto lá na Paciência, um arrabalde do Rio do Ouro.

Nelise nasceu após sete meses... tinham um pêso nas costas.

— Certamente... D. Joana não sabe mesmo de nada — disse, num suspiro, no seu sotaque nortista.

Dina... não restavam senão sombras do que ela fôra. E Olavo já andava tentando namorar a filha do carvoeiro! Agora, tinham duas filhas, dois trambolhos!

La se ia Dina comprar papel crepon para fazer fantasias para as filhas.

A CARTA

(Cont. da pág. 34)

Mas, de repente, soprava o "mistral" e eu fechava-me em casa, sombria e retraida. Lia tudo que me caisse nas mãos, esquecendo-me de todos e de mim mesma. Nunca tive as distrações próprias da infância. Minh'alma, amadurecida precocemente, era feita de contrastes como minha terra natal. Possuia o calor do sol do meio-dia e o frio das rajadas cortantes do "mistral".

Devotava grande amor às letras, mas não pude estudar. Cheguei assim quase selvagem à adolescência. Nada conhecia, além das vidas dos personagens dos romances — muita vez impróprias para minha idade — as paisagens da cidade em que vivia, e o circulo estreito da familia.

Um dia, adoeci gravemente. Tudo fizeram para me salvar, e como a vida me reservava muitas surprêsas, escapei milagrosamente da morte. Porém, a convalescença foi longa e no meu quarto de menina e moça sentia os dias se arrastarem sem que nada pudesse fazer para acelerar sua marcha. Foram muito pesados para minha adolescência êsses dias, que se transformaram em longos meses!

Nas noites de insônia, imaginava-me viajando, hospedada em hotéis de luxo, passeando, requestada pelo principe encantado! Entretanto, quando olhava tôda a miséria do meu pobre corpo enfêrmo, chorava desiludida, sem esperanças de realizar êstes sonhos.

Mas, estava escrito que seguiria outro rumo.

Morreu minha madrinha, velha solteirona que me estimava muito, e deixou-me pequena herança.

A conselho do médico, fui consolidar a cura na Suiça. Êste pais, com sua paisagem totalmente diferente da que conhecia, deslumbrou-me.

Cheguei lá no verão e, quando na manhã seguinte abri a janela do chalé, pensei estar sonhando.

Os Alpes, com os picos nevados apontados para o céu azul, refletiam-se nos lagos. Comecei, quanto antes, meus passeios solitários, a fim de tomar contato com essa prodigiosa natureza, e, à medida que melhor a conhecia, mais encantada ficava.

Aos poucos, sentia-me renascer para a vida. A mocidade vencia a moléstia.

E agora, vou contar-te a mais bela impressão que levo desta vida.

(Conclui no próximo número)

Respostas ao teste:

1—Vaz Caminha
2—Por ser contra o bramanismo
3—Marajó
4—Arábica
5—Pio X
6—Fundação da cidade
7—Corpo de Cristo
8—0,001
9—Três
10—Rio-Pôrto Alegre (937 milhas marítimas)
11—14,16
12—A Francesa
13—Quarenta e duas
14—Herodes
15—De Cristo.

O NARIZ DE . . .

(Cont. da pág.19)

manho e a forma do nariz escolhido pelo médico e aprovado por ela. Seis pontos essenciais houve nessa intervenção. Tudo isso não levou mais que quinze minutos.

Anabela, ao ser dada como livre dos cuidados cirúrgicos, retiradas as ligaduras e consolidado o novo nariz, não se conteve e exclamou: "Santo Deus! Que lindo está o meu nariz!" E não era sòmente o nariz. Seus olhos tomaram uma forma muito mais artística, um tanto obliquos, e a bôca se tornou mais romântica. Um milagre!

SÉRGIO VALLE . . .

(Cont. da pág. 33)

das as suas idéias preconcebidas e arrostando o ridiculo universal, não nos era licito e necessário consultar a sua ficha, o seu perfil mental de curioso do mesmo tema? O professor tem o hábito inconveniente, por certo para se eximir às maldades de Freud, de não recalcar nada, de expor a sua vida de médico e de doente a todo o mundo, em letra de fôrma, com aquela limpidez habitual de estilo. Já o tinha feito com minúcias impressionantes, que não reproduzimos aqui por camaradagem de médico, no O HOMEM, e tornou a fazê-lo na entrevista em aprêço. Em resumo, declara-se torturado, subjetivamente, por um fantasma que não existe. Definiu-se com impiedade para si próprio, de sua livre e espontânea vontade, como um sexugenário que, tendo ouvido, em criança, nesse pais de crendices, muitas histórias de assombrações, não se exonerou delas até hoje, não obstante os esforços próprios e as consultas que fêz a psicanalistas europeus. Deu-se a si mesmo um atestado de que é portador de uma miopragia psiquica, embora genial, cultissimo e humanista. Autodefinição de próprio punho escrita e publicada. Queixe-se de si mesmo, senhor professor! Se as falhas temperamentais de Crookes e de Richet lançaram um borrão indelével nos protocolos de seus livros, as lacunas psiquicas não procederão do mesmo modo nos MISTÉRIOS? Estarei destorcendo o seu pensamento e incorrendo em penalidade legal?

Acresce que as mentalidades de Crookes e de Richet, que o senhor capitulou de deficitárias, sòmente o eram quanto à falta de dominio do primeiro diante de uma criatura bonita, e quanto à ingenuidade incoercivel do segundo na presença de coisas esdrúxulas. Ao passo que o senhor nos informou graciosamente, com excessiva sinceridade, que as suas deficiências de metapsiquista são justamente relacionadas com fantasmas. Logo, dissemos nós, não pode conversá-los, não pode estudá-los, não pode protocolar nada que mereça fé. O senhor devia ser o primeiro a dar-se por suspeito, como os bons magistrados. Julgou um assunto, em que é parte proeminente, a seu favor. Em metapsiquica o senhor é, por conseguinte, um bom assunto, não um ana-

(Cont. na pág. 46)

CORPO ESBELTO
E FACEIRO!...

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas, adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

À venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA.

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor do que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as particulas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

MULTIFARMA

Rua Direita, 191 — 6º andar
SÃO PAULO

Remessas pelo Reembôlso

VARIZES
EM SENHORAS
E HEMORROIDAS EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos anos de estudos foi descoberto um ótimo remédio vegetal para o tratamento das varizes. Usado na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada, em pouco tempo restitue às pernas seu estado normal e beleza estética. Em idêntica dose debela os males hemorroidários (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram. Para varizes (as pernas) tome o liquido via bucal e friccione a pomada no local. Para hemorróidas use a pomada no local e tome juntamente o liquido. USE DURANTE 3 MESES.
Procure nas farmácias e drogarias, e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



Hemo-Virtus

H-10-4 Ag. Petinat













Continúa

O PROFESSOR DE GOLFE















J. A. VIEIRA



JOAQUIM ALBERTO VIEIRA, o «velho Vieira», como era mais conhecido nas rodas jornalísticas.

AINDA que lamentàvelmente esperada, em virtude do seu delicado estado de saúde, foi bastante sentida a morte do velho fotógrafo J. A. Vieira (Joaquim Alberto Vieira), que por muitos anos deu o melhor de sua atividade profissional a esta publicação. Figura muito popular, extremamente simpática e sabendo cativar a boa amizade dos companheiros e de quantos com êle privavam, o «velho Vieira» — como ficou sendo mais comumente conhecido — fêz-se um símbolo da imprensa ilustrada desta capital. Os mais antigos lembram-se, e não poderão esquecer ainda por muito tempo, da sua presença obrigatória em todos os acontecimentos de suma importância, que se registavam, não só no Rio, mas onde quer que a sua «câmera» fôsse requisitada para fixar impressões, que pouco mais tarde seriam reproduzidas nas páginas da REVISTA DA SEMANA. Sua famosa «baratinha», com o emblema característico da pena de ganso em que se lia o título da nossa publicação, era bem recebida pelo público, onde quer que aparecesse, e à presença do Vieira da REVISTA, abriam-se alas, tôdas as dificuldades eram removidas e o Vieira dava conta da sua função.

Foi um prestimoso auxiliar da imprensa, êsse ativo e diligente repórter ilustrativo que, na madrugada de 2 do corrente, deu por encerrada a sua grande reportagem da vida, neste mundo de sofrimentos.

E grande foi o número de amigos, companheiros e admiradores comuns que, sem demora, afluíram à capela do cemitério São João Batista, onde o corpo ficou exposto, dando-se o sepultamento ao cair da tarde do mesmo dia S. Ex., o sr. Getúlio Vargas, Presidente da República, se fêz representar na pessoa do capitão José Henrique Acioli, e no ato final, vários foram os oradores que usaram da palavra, inclusive o sr. Pôrto da Silveira, presidente do Sindicato de Jornalistas. A REVISTA DA SEMANA compareceu à cerimônia fúnebre, representada pelo seu diretor e por diversos auxiliares desta redação.



FLAGRANTES BATIDOS por ocasião do sepultamento do nosso antigo companheiro, no Cemitério São Francisco Xavier. Ao alto, o féretro acompanhado pelos colegas e amigos do saudoso Vieira, e em baixo, aspecto quando usava da palavra o Presidente do Sindicato dos Jornalistas, sr. Pôrto da Silveira.



SÉRGIO VALLE . . .

(Cont. da pág. 44)

lista. As suas negativas formais equiparam-se, para argumentar, às conclusões experimentais de seus competidores: são desprezíveis também. O seu materialismo não quer que os fantasmas tenham existência, nem mesmo aquêle "subjetivo", que o traz escravizado: o materialismo de Crookes e de Richet apenas foi verificar os fatos.

Se o estudamos em nosso livro, por suas instâncias e imposições, à luz da sua biopsicologia tremendamente instintiva e ateística e das suas notórias bizarrices, foi porque o senhor firmou o princípio soberano da indissolubilidade dos laços naturais que prendem o fenômeno psíquico ao psiquismo do registrador.

Daí a razão de SILVA MELLO E OS SEUS MISTÉRIOS.

Não penetramos o argumento de feitio espiritualista de que o seu ateísmo infuso lançou mão, se do que se trata não é de simples despistar: "Devo lembrar que Cristo disse à Samaritana que Deus é Espírito e, como Espírito, quer ser adorado." O leitor de boa-fé ficaria indeciso acêrca das suas crenças (quantas vêzes isto já aconteceu!), se o repórter não lhe houvera feito a pergunta derradeira, que o obrigou a revelar de modo insofismável e claro a ausência total de espiritualidade em que vegeta.

Também não entendemos o seu "maior respeito" paradoxal pela "religiosidade espírita", se tôda esta assenta, ao seu parecer, na mistificação, na fraude, na ingenuidade, no venalismo, no amor ilícito pelos fantasmas (caso de Crookes) e na imbecilidade. Enquanto a nós, se respeitamos as pessoas dos materialistas moralizados e dignos, consideramos, todavia, a doutrina materialista simplesmente embrutecedora, via de regra amoral. Principalmente quando pretende impor as suas sentenças filosóficas para a destruição de todos os credos espiritualistas do mundo.

Trouxe o senhor à baila, novamente, o mestre Richet, a quem dedicamos o nosso livro, para adquirir razões de modo muito original: Richet, em certa fase de sua vida, não aceitava a levitação; eu também não a admito, pondera o senhor, logo não mereço a má-vontade dos espíritos...

Sabe-se hoje que Richet, no final de suas experiências e no final de sua vida, esposou a hipótese espírita, a única que esclarece tôda a fenomenologia supranormal. Assim se manifestou em carta "confidencial" a Ernesto Bozzano. Se o senhor não ama a levitação (na realidade não ama fenômeno algum), imitando Richet, que também não a amava, a certa altura de suas experiências, não lhe podemos destribuir valor de uma unidade igual à de Richet, como está pleiteando na entrevista senão o de uma fração decimal muito baixa. Se é verdade que duas quantidades iguais a uma terceira são iguais entre si, as duas quantidades — Richet e Silva Mello — estão evidentemente, em matéria de metapsíquica, na desproporção reinante entre o Corcovado e o Morro da Viúva.

Que dirão os incrédulos de tôdas as procedências da opinião de Richet a respeito da materialização, o máximo fenômeno espírita, que é'e batizou de ectoplasmia? Crookes e Richet aceitaram-na como fato experimental verificado. Qual o critério adotado pelo último, e que o senhor nos fêz o favor de relembrar? A sua entrevista reedita a passagem: "Para se admitir um fenômeno científico como demonstrado (Richet refere-se à telecinesia e a ectoplasmia) é preciso ser tão severo com as provas quanto se se tratasse de condenar um homem à morte." Silva Mello aproximou-se sequer dêsse modêlo, para concluir negativamente?

Outro ponto de sua entrevista que merece reparo é o em que se adnega que eu, ao transcrever, como estribilho, uma sentença sua, deturpei-lhe o pensamento. E' a seguinte: "Isso é muito da natureza humana: para têrmos razão e acertarmos as nossas idéias, todos os recursos e argumentos tornam-se bons e aproveitáveis." Disse-o o senhor a propósito de "falsas suposições e errôneas interpretações", a que todos nos damos, diante de juízos controversos. Se a tendência é da natureza humana, é tendência geral, biológica, tanto sua como dêste seu criado.

Sim, é natural como tôdas as paixões e todos os instintos, mas não obedece à lei moral, que nos exige outra coisa. Claro que cada um de nós pode agir dentro daquela injunção da natureza, mas não deve fazê-lo.

A sua justiça, senhor professor, também é biológica; "dá ao leão o direito de devorar a sua prêsa, tão naturalmente, quanto ao herbívoro o de comer os seus vegetais." E' a justiça do "espaço vital", de seus correligionários, autênticos produtos da fúria dos instintos, registrada nas páginas da história. A que loucuras nos levaria a prática de sua máxima profundamente irracional? Aos exemplos exponenciais, entre outros, de Napoleão, de Hitler e de Mussolini, cujas proezas a história guarda, estarrecida, nos seus arquivos.

Constâncio Vigil, o eminente pensador espiritualista do Uruguai, estigmatizou-os com as seguintes expressões, cuja severidade é tanto mais impressionante quanto contrasta com a mansidão habitual do seu autor: "Os mentecaptos convertem um imbecil numa notabilidade e o imbecil, fatalmente os conduz ao matadouro — que é aonde êle mesmo vai, embora sem o suspeitar."

Tudo resulta da prática do direito do mais forte, que a sua biopsicologia apostola e perfilha, e que nós outros abominamos.

Todo o trabalho da justiça humana, pergunte aos seus amigos advogados, consiste justamente no discrime dos "recursos" ilícitos, dos "argumentos" sofísticos, não à luz das tendências biológicas, que são tendências animais, mas sob o critério da lei moral e do direito.

Se me permite um esclarecimento, o que nos diferencia diante daquela sentença claramente expressa é a atitude que assumimos em eventualidade de ordem moral: o professor, movido pelas suas crenças, acha que tudo quanto é natural e biológico pode e deve ser executado. E' o instinto onipresente e onipotente, sumamente bom e protetor, infinitamente sábio e providencial, que ordena. O professor roubou todos os atributos da nossa Divindade para brindar com êles a sua biopsicologia. Os espiritualistas, de qualquer credo, lutam desesperadamente, de modo absolutamente contrário.

"Se eu próprio (é o senhor quem fala) como leitor anônimo e desprevenido, lesse qualquer dêsses trabalhos, teria a impressão de que o autor do meu livro era um homem desonesto, além de ignorante no assunto de que trata." Se tal impressão lhe ocorre é porque o professor se vê através de um espêlho trabalhado por suas mãos habilíssimas: vê-se através da sua biopsicologia. Se o senhor é, pessoalmente, um homem honesto (temos certeza disso, graças ao testemunho de um amigo comum), a sua biopsicologia, submetida ao teste kantiano, que o senhor conhece melhor do que nós, erigida em conduta universal, redundaria na mais perniciosa imoralidade. Seria, por conseguinte, reprovada.

Desastradamente, o repórter que o procurou para a entrevista (ou foi procurado pelo entrevistado) desfechou-lhe à queima-roupa uma pergunta escaldante, obrigando-o a definir-se (nos MISTÉRIOS o senhor não o fêz enganando até os religiosos) perante os 320.000 leitores de "O Cruzeiro". Pergunta que o moveu a sustentar nova tese, para se livrar sofrìvelmente do assunto: as religiões não importam porque os religiosos costumam não prestar (perseguições, inquisição, etc.); mas os ateus do positivismo, "religião sem Deus e sem Santos", "tão cheia de pureza e idealismo, tão nobre e elevada ao mesmo tempo tão mística e objetiva", é primigenitora de ateus "sinceros, dignos, possuidores de altas qualidades morais e intelectuais, humanos, bondosos." Esgotou os adjetivos...

Cotejando as exceções de um lado, para desfazer nas religiões, com as exceções do outro (a menos que todos os positivistas sejam santos), acareando os maus religiosos com os bons ateus, concluiu destemperadamente reincidindo na culpa de que o acusamos muitas vêzes em nosso livro. Êste sofisma equivaleria ao seguinte: o Código Penal é desnecessário, pois há homens que são naturalmente honestos.

Quantas vêzes se lhe faça o gráfico do campo visual, sempre se lhe registram lacunas enormes que o induzem a conclusões unilaterais. Tangenciou a questão que lhe foi proposta para impugnar Deus, a espiritualidade e a sobrevivência.

Acertou as suas idéias com um "recurso" ou um "argumento" que se lhe tornou bom e aproveitável, mas que se revela mui frágil, quando devidamente examinado.

O reinado universal de sua biopsicologia acarretaria o fim da humanidade. Espiritualistas, preferimos ainda Emanuel Kant: "Age de tal modo que a máxima de tua boa-vontade possa valer como princípio de uma legislação universal." Respeitosamente (a.) SÉRGIO VALLE."

O CIUME SALVOU-A

CONTO de **GRAZIELLA CARVALHO**

DINA pegou a filha, pôs no colo, e saiu, morro abaixo, resmungando, como só ela o sabia fazer, e esconjurando o companheiro. Não era feia, no dizer de D. Joana, a engomadeira vizinha; estava apenas surrada pela vida que levava de fome e miséria. Achava natural que gostasse de se divertir! Olavo olhava Dina, que descia agora a pedreira e dava na estrada.

— Pois é, seu Olavo! O que está estragando Dina, é o mau-trato que o senhor lhe dá! E' bem parecidazinha...

Enquanto a mulher ia falando, o homem cismava. Tinha como todo "cabra escovado" da sua terra, um passado, e êsse era Dina. Olavo era de Sergipe; mas já morava no Rio há dez anos. Um de seus grandes remorsos, consistia no destino que havia dado à mulher... Que é que D. Joana entendia de tratar bem? Era uma mulher miserável, mais infeliz do que a sua Dina! Apanhava todos os dias do marido que ainda propagava, ser ela uma louca. Lembrou-se involuntàriamente, do primeiro tapa que dera na mulher... pobre Dina! Lá se ia ela! Uma filha escanchada na anca, e a outra, puxada pela mão. Veio-lhe à mente a recordação de quando a viu pela primeira vez. Tinha as mãos tão bem tratadas e as unhas certas, compridas, o vermelhão de esmalte brilhante à luz do lampião da casa do seu compadre, o Fulgêncio.

Lá se ia ela...

Quanta reminiscência lhe trazia a silhueta da mulher, recortada de encontro ao sol que morria no alto do morro, onde ela começava a chegar. A distância parecia possuir o dom milagroso de embelezar as formas que a proximidade fazia decair. Como tinha saudades da antiga exuberância que o atraira! Conquistou aquêle corpo viçoso de palmeiras nova, com tôdas as suas armas de homem experiente.

Olavo recostou-se ao tronco Sete Copos e ficou perdido em suas divagações, sem ouvir o último insulto que a engomadeira lhe lançou em rosto, enquanto lhe dava um raivoso "inté logo".

Dina sumira no horizonte...

O sol esmaecia seus derradeiros raios. O calor sufocava-o.

Naquela noite distante, sentia uma alegria enorme mexer-se no íntimo de seu ser, que estava mais sensível do que nunca. A lua cheia iluminava a estrada que se estirava através das serras, como uma cicatriz, alastrando vales e montanhas. Teve vontade de ser um pássaro para ver onde terminava aquela fita banhada de luz, feita de terra, orlada de matinhos. As estrelas eram tantas, que causavam aflição. Quando olhava os céus, ela chegou. Não era bonita como as mulheres-bonecas que viu nos destinos dos homens das cidades que foram seus patrões; mas para êle, Olavo, servia. Acendeu um cigarro, nervoso. O coração começou a agitar-se no peito, aos poucos, em compasso, aumentando. Há anos que não fazia uma declaração de amor, que não amava... Dina era morena e tinha um corpo de "bacante", como dizia o italiano do botequim de frente. Cheia de formas, delgada e alegre como criança. Ria à-toa, quando não se esperava que o gracejo arrancasse dos outros o menor riso, assim, estava sempre a mostrar os maravilhosos dentes, brancos como as nuvens da noite. Perguntou Olavo indiscretamente ao compadre Fulgêncio, se sabia quem era a morena de branco que estava chamando a atenção de todo mundo na sala. Não queria dar a perceber o seu interêsse pela morena, porque todos ali o consideravam um inconquistável e nem queria entregar a sua atenção, tão ambicionada pelas mulheres do local, à primeira que aparecesse, sem saber antes se valia a pena.

Obteve informações, as melhores. Soube além do que queria. O homenzinho desatou a lingua .

— Olha, meu compadre essa moça é a mais procurada em tôda a zona de Rio do Ouro. Não tem "nêgo" que a pegue! O Mané, meu filho, quase que fica maluco por causa dessa menina! Enrabichou-se de tal maneira que a única solução foi eu pedir à menina em casamento! Prometi dar até a casa. Tudo!

— E... ela? — indagou receioso.

— Qual nada! Essa "nêga" não quer ninguém não! Casar! Uma coisa que eu duvido!

— O que, meu compadre?

— Que você conquiste a cabrocha.

— E'... pode ser...

Olavo era um rapaz modesto. Tinha confiança em si próprio. Seria possível derrubar o orgulho da moça, mas não era profeta pára contar com chuva antes de sentir na pele os respingos dos céus.

Não fôra difícil. Ela o notou entre os outros e envolveu-o com um lampejo no olhar, como a serpente que fascina a prêsa e engole depois do bote estratégico. Retribuira-lhe de igual modo.

Dançaram. Sentiu o tremor do corpo virgem como a fôlha nova do ouricuri. Apertou-a de encontro ao peito, sentindo a vibração da mulher de lindo corpo, cheio de carícias. Reconheceu o valor da nova conquista. Dançaram juntos quase a noite tôda.

Olavo era o melhor carpinteiro de Rio de Ouro. Ganhava o suficiente para casar, segundo diziam os amigos, que já se admiravam da solidão em que vivia. Devia casar! Sim... e Dina prometia as melhores horas de felicidade!

Os seus pais, velhos lavradores, viram com bons olhos o namôro. Ia ao portão dos velhos. Velho portãozinho que conhecia as suas manhas e armas de conquista! Começaram a sair juntos. Sós. Antigamente, Benta, a irmã menor, os acompanhava, mas depois do noivado, não se incomodavam mais... Podiam ir até Rio do Ouro, distante meio quilômetro.

Ela não sabia como acontecera aquilo! Ansiava pelo dia da posse e êste custava a chegar... naquela noite... Dina lhe pareceu mais linda do que nunca. Sua languidez, os braços inertes caídos, os olhos brilhantes de paixão!... Ela não quis... conseguiu convencê-la com facilidade.

(Cont. na pág. 44)

ILUSTRAÇÃO de **GIL RIBEIRO**



TRÊS BOAS SÔLTAS...

(Cont. da pág 31)

há ventania, nós as mulheres sofremos tanto... Nem queira saber... Dá um trabalho danado... E, às vêzes, o vento leva a melhor, levantando o vestido impiedosamente».

Um cidadão, que ouviu o relato de Wanda, sorriu e acrescentou, por sua vez.

— «De fato, senhorita, isso é muito gostoso; refiro-me ao modo de se ver as pernas da mulher. Pernas bonitas, roliças, torneadas como colunas gregas, a gente vê todo o dia e à tôda hora nas praias. Mas se elas estão bem cobertas e delas aparece apenas um pedacinho, isso é formidável!»

Em reportagem anterior, sôbre a Cinelândia, referimo-nos aos rapazes que ficam horas inteiras em frente ao Odeon, esperando que o vento levante o vestido das damas a fim de ver-lhes as pernas. E' sobejamente sabido que naquele ponto venta muito em qualquer tempo, dia e noite.

Em **O Rio de Janeiro do Meu Tempo**, Luís Edmundo conta-nos que no Largo de São Francisco, Praça Tiradentes e Galeria Cruzeiro (quando ali era um abrigo) os homens ficavam em lado oposto, a fim de ver os tornozelos das damas que tomavam os bondes. Êsses hábitos vão, pouco a pouco, desaparecendo com as novas gerações. E, assim, em futuro próximo, o Rio será igual a Paris — como disse o nosso amigo: — Uma mulher poderá levantar a saia na rua, consertar as ligas das meias, e ninguém lhe atirará pedra nem a chamará de louca.

Mas, como dizíamos... isso em futuro próximo... Por enquanto não é aconselhavel. Pois, diàriamente, fogem detentos da Penitenciária.

★

Mas que estamos a caminho de uma incontestável civilização nesse sentido, não temos dúvida em afirmar, depois das experiências frustradas com os três «brotos» à sôlta pela cidade.

DE PORTUGAL

(*Cont. da pág. 4*)

destemida bravura como se evidenciou em tôdas as fases do combate do rio Ambo". Em 1917, foi promovido a tenente e novamente louvado porque em Newala mostrou grande valor militar e coragem, fazendo fogo com uma metralhadora do fortim, serviço que não lhe competia, expondo e sacrificando a vida porque o inimigo não poupava a sua posição. Por essas ações e pelas suas qualidades de disciplinador, inteligente e de grande bravura, foi condecorado com a medalha comemorativa da Campanha do Exército Português com a legenda "1914-1918", e a Cruz de Guerra de 1ª classe; e, em 1923, com 29 anos apenas, com o grau de cavaleiro da Ordem Militar da Terra e Espada de Valor, Lealdade e Mérito". Em 1917, frequentou na França o curso de pilotos militares da Escola de Aviação de Chartres, ingressando depois na de Aeronáutica Militar Portuguêsa. Em 1922, foi promovido a capitão e serviu, até 1929, na Escola Militar de Aviação e em outras unidades. Embarcou para a Índia, nesse ano, como ajudante de campo do seu pai, que era então ali Governador. Durante nove anos serviu, sem interrupção, naquele Estado.

Já depois de promovido a major, em 1930, chefiou a repartição do Gabinete do Governador-Geral, foi Governador do Distrito de Damão e encarregado do Govêrno-Geral do Estado da Índia. Em 1941, foi colocado no comando geral da Aeronáutica, promovido a coronel em 1942, e a brigadeiro e general, por escolha, respectivamente, em 1947 e 1949.

O novo presidente da República Portuguêsa é casado com a sra. Berta Ribeiro Artur Craveiro Lopes e pai dos srs. João Carlos Craveiro Lopes, tenente de cavalaria; Nuno Craveiro Lopes, arquiteto; d. Maria João Craveiro Lopes Teles Grilo e Manuel Craveiro Lopes, tenente de Aviação.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 - Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O "subway" ficará

(*Cont. da pág. 23*)

com uma superfície de rolamentos equivalente a vinte-e-quatro filas.

— E o custo das pistas elevadas, ficaria mais barato do que o "metrô"? — inquirimos.

— Não. O subterrâneo ficará muito barato. Aliás, convém frisar que, embora a função básica do transporte seja permitir o deslocamento de pessoas através de ruas já construídas e pavimentadas, em vez de puramente deslocamento de veículos, ocorre que, quanto piores os meios de conduções coletivas, maior número de veículos surgem na via pública, congestionando-as e levando, muitas vêzes, os responsáveis por êste problema a focalizar o problema da circulação, em vez de transporte de pessoas e mercadorias.

Chegou um cafèzinho:

— E' verdade que alguns urbanistas julgam que o transporte sob a terra desloca as dificuldades do trânsito de superfície dos centros urbanos para as proximidades das estações terminais.

O Major sorveu um gole de café e continuou:

— Com êste argumento, desejam êles que o capital invertido num sistema de subterrâneo seja empregado na dispersão das cidades modernas. Parece-me que, em assunto desta natureza, não se pode ser ortodoxo — é tão verdadeira a importância e a conveniência de se dispersarem os diversos centros de atividades de uma cidade quanto providenciar e melhorar, cada vez mais, os meios de transporte que servem êstes centros.

UM PASSEIO PELA CIDADE

Depois o Major acompanhou-nos à rua. Na sua esfera de ação, perguntamos:

— Quais os principais impecilhos para um tráfego normal, no Rio de Janeiro?

— O Rio sofre do mal de tôda cidade que não foi planejada no século dos transportes motorizados, das cidades cujo crescimento demográfico surpreendeu os responsáveis por seu urbanismo, das cidades que se desenvolveram mais sob o impulso das vontades humanas livres do que seguindo orientação racional e técnica. Assim, quando ela se encontra com uma população de dois milhões e quinhentos mil habitantes, é que se pensa em dotá-la de um meio de transporte essencial.

Depois de uma pausa, para uma ordem ao seu motorista, o Major continuou:

— É diante de precários meios de transporte que se salienta o inconveniente de se ter deixado de planejar um sistema conjunto em que os bondes, os "trolley-bus" e os ônibus tivessem um emprêgo racional tirando melhor rendimento de cada um, em função de suas características próprias e da necessidade dos habitantes de nossa cidade.

— Daí...

— Daí podemos concluir que as nossas dificuldades resultam de deficiência do sistema de vias públicas, face às necessidades públicas, face às necessidades atuais de planejamento para dotar a cidade de adequados meios de transporte de pessoas e mercadorias, em uma palavra: de falta de *organização* para as soluções rápidas e convenientes de problema tão sério.

— Mal de muitos, consôlo é Major.

— Se isto é verdade, — respondeu sem perder vasa para uma conclusão — êsse mesmo mal existe numa infinidade de cidades no mundo. O que é preciso é conhecer o verdadeiro mal e, resolvê-lo e é o que se procura fazer no Rio — ORGANIZAR o serviço de trânsito, entrosando-o com os diferentes órgãos da municipalidade, uma vez que a direção daquele serviço permanece na esfera da administração federal.

Fomos obrigados a interromper a agradável entrevista a fim de esperar que o Major examinasse uma turma de candidatos. Enquanto aguardávamos, fomos saborear um cafèzinho num botequim da praça Afonso Pena.

CARGA E DESCARGA, OUTRO PROBLEMA

Concluído o exame e já de volta à cidade, o carro rodou pelas ruas principais, enquanto buscávamos, em volta, inspiração para outra pergunta. Verificando o movimento de carga e descarga, voltamos à vaca fria:

— Como o senhor vê, Major, o movimento de cargas e descargas atravanca sobremaneira o tráfego. Veja aquêle caminhão enorme que toma quase tôda a rua.

— A carga e descarga de mercadorias é tão importante quanto o seu transporte — faz mesmo parte integrante dêle. São tantos as atividades e os interessados em tal operação, que não se pode alterar o regime que vem sendo feito há longos anos, sem um meticuloso estudo.

— Mas o senhor já tomou alguma providência?

— De um ano para cá, temos focalizado a importância da questão, procurando criar um clima de compreensão das restrições inevitáveis e que terão de vir. Êste ano já realizamos uma reunião no Sindicato dos Lojistas, procurando conhecer o pensamento dêles, ao mesmo tempo que lhes oferecemos oportunidade para o debate da questão na busca de uma solução capaz de trazer em seu bojo, maior número de vantagens à circulação do trânsito, sem acarretar desmedidos prejuízos. Combinou-se, em seguida, a expedição de um formulário a tôdas as Federações interessadas nesse problema e estamos aguardando o resultado dêsse inquérito para fixar nova reunião, na qual esperamos traçar as linhas mestras de solução.

— Espinhosa a sua missão, Major.

Parecendo não ouvir, continuou:

— Mais do que em qualquer outro serviço, no de trânsito, o êxito depende de abolir a improvisação, solucionando as questões com realismo, encarando o estudo técnico dos diversos problemas, situados no quadro conjunto da vida urbana e nunca do ponto de vista unilateral.

— Qual a maior causa de infrações? — perguntamos, enquanto nos preparávamos para saltar.

Já em plena rua, o Major considerou:

— É difícil responder qual a maior, porque, de acôrdo com o tipo de infração, variam as causas mais comuns. Entretanto, podemos citar algumas: *a*) o exíguo efetivo do corpo de guardas disponível para orientar e fiscalizar o tráfego faz com que muitos infratores não sejam apanhados e punidos rápida e convenientemente.

Enquanto falava o major anotava infrações:

— Essa cláusula "a" é importantíssima e tem merecido tôda a atenção do Diretor do Serviço.

— Outra causa...

— ...é o desconhecimento de regras essenciais de trânsito, o que decorre da falta de uma campanha educativa sistemática que estamos criando e desenvolvendo, de exames jamais revistos porque a legislação atualmente em vigor ainda não previu a caducidade do exame de habilitação para que haja revisões periódicas.

— Agora, vamos às fotos.

Estava terminada a entrevista.

ACIDENTES

Até ao momento em que escrevemos, houve na cidade, no ano corrente, quatro mil, cento e setenta e nove acidentes de tráfego. O movimento geral, registrado no serviço de trânsito, durante os seis primeiros meses:

Atropelamentos fatais	69
Choques fatais	30
Atropelamentos só com feridos	936
Choques só com feridos	716
Só danos materiais	1.913
Total até junho	3.664

Em média, registram-se quinhentos e vinte acidentes de tráfego durante um mês, sendo a média diária, dezoito.

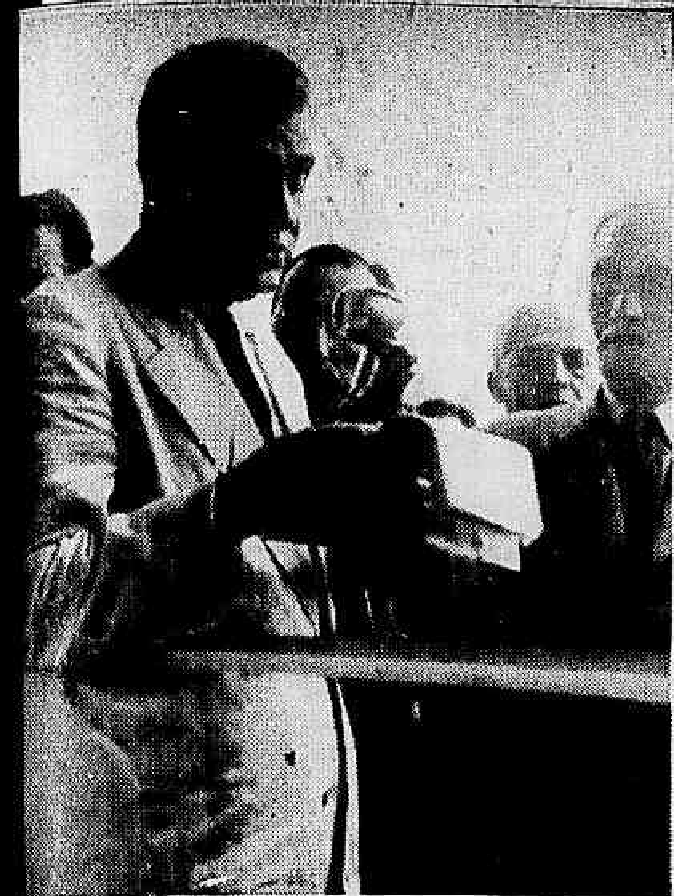
COMO APRENDER A DANÇAR

4ª EDIÇÃO AMPLIADA



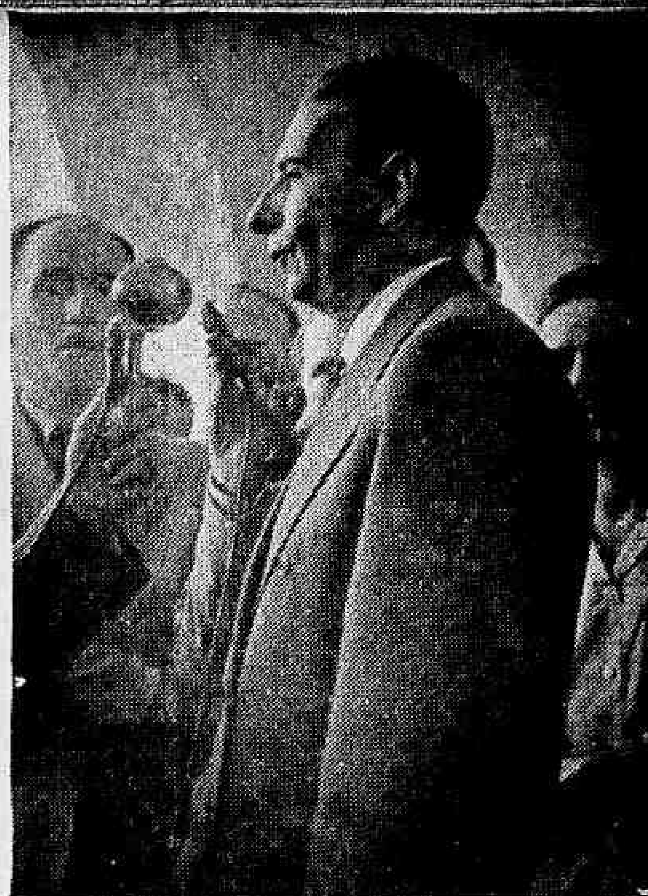
Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero. Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal 649 — São Paulo.

A venda também, nas Livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.



O dr. Ormeo Botelho profere o discurso inaugural da XV Exposição de Leopoldina.

XV EXPOSIÇÃO AGRO-PECUÁRIA DE LEOPOLDINA



O dr Tristão da Cunha, secretário da Agricultura, falando no ato inaugural.

REALIZOU-SE, no período de 30 de junho a 8 de julho último, a XV Exposição Agropecuária de Leopoldina, o magno certame que constitui, sem dúvida, uma das mais importantes contribuições para o incremento das atividades agrícolas e pecuárias do Estado de Minas, promovido, como nos anos anteriores, pela Associação Rural de Leopoldina, com o concurso dos poderes públicos municipal, estadual e federal, consistindo a contribuição dêstes dois últimos em assistência técnica através da secretaria da Agricultura e do Ministério da Agricultura. Para o ato inaugural, viajaram para aquela próspera cidade da Zona da Mata o sr. Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais; sr. Nelson Maia, representante do titular da pasta da Agricultura, e, ainda, os srs. Clóvis Salgado e Tristão da Cunha, respectivamente, vice-governador e secretário da Agricultura de Minas Gerais.

A solenidade de inauguração da XV Exposição de Leopoldina teve a assistência, também, de prefeitos e delegações de numerosos Municípios da Zona da Mata e do Estado do Rio, agricultores e criadores de tôda a região abrangida pelo certame.

A XV Exposição Regional Agropecuária de Leopoldina foi inaugurada pelo governador Juscelino Kubitschek, após o banquete realizado em homenagem ao mesmo, no Ginásio Leopoldinense e que, por sinal, constituiu um acontecimento social de acentuado relêvo na vida leopoldinense.

Ao início do ato inaugural discursou o presidente da Associação de Leopoldina, dr. Ormeu Junqueira Botelho, que saudou o chefe do govêrno mineiro. O sr. Tristão da Cunha, secretário da Agricultura de Minas, pronunciou a seguir entusiástica oração, enaltecendo a atividade dos agricultores e pecuaristas da região, bem como a iniciativa da Associação Rural de Leopoldina em promover a realização de mais um de seus tradicionais e importantes certames.

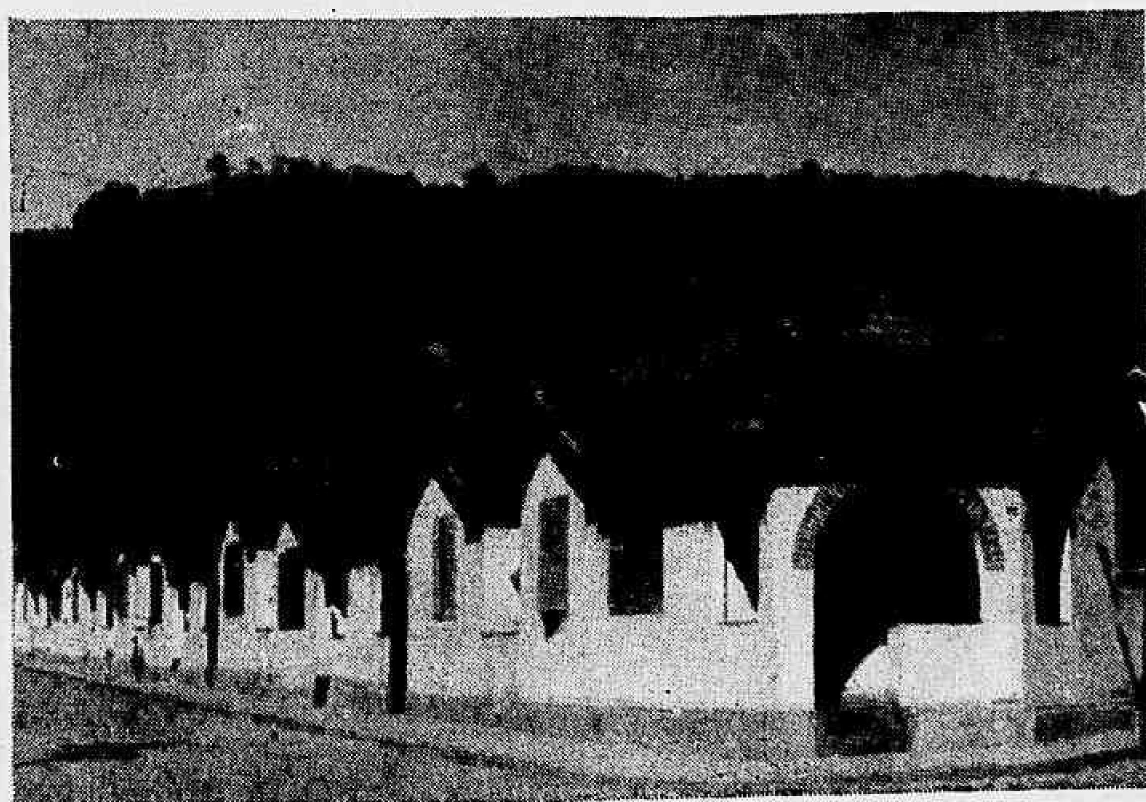
A seguir, o governador Juscelino



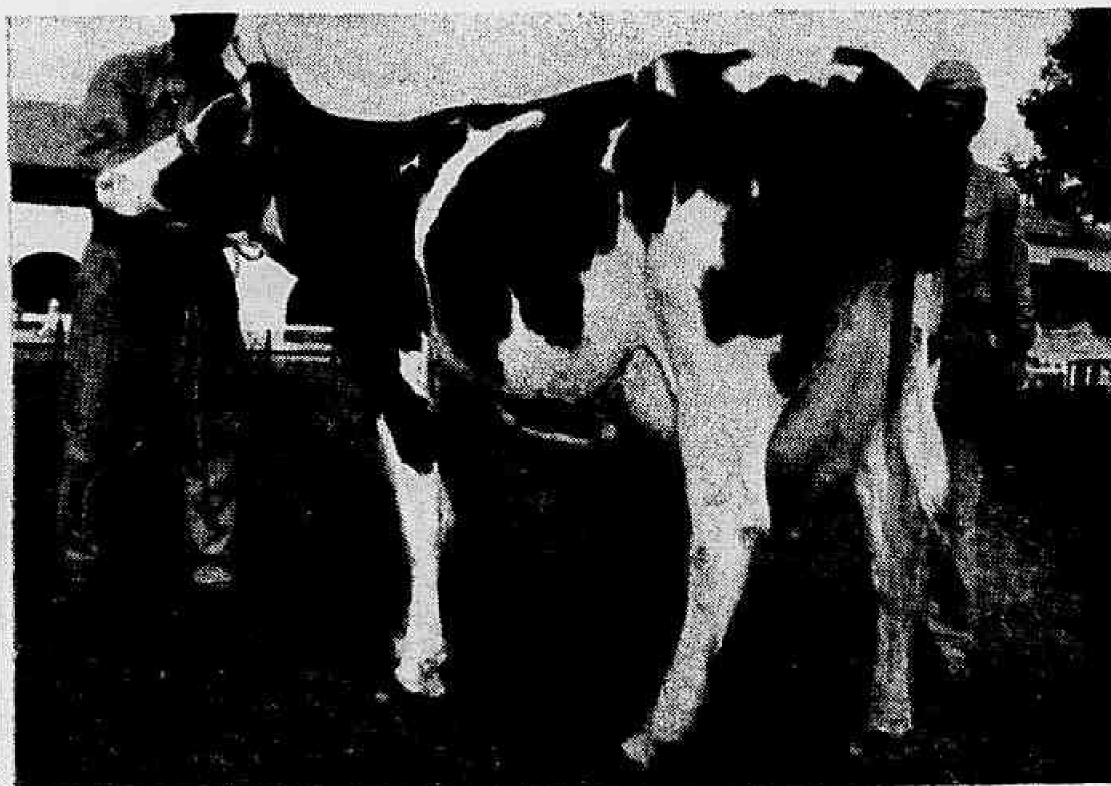
Grupo feito no encerramento do Concurso Leiteiro, que marcou mais um grande êxito para a criação leopoldinense, constituindo uma nota de real destaque.



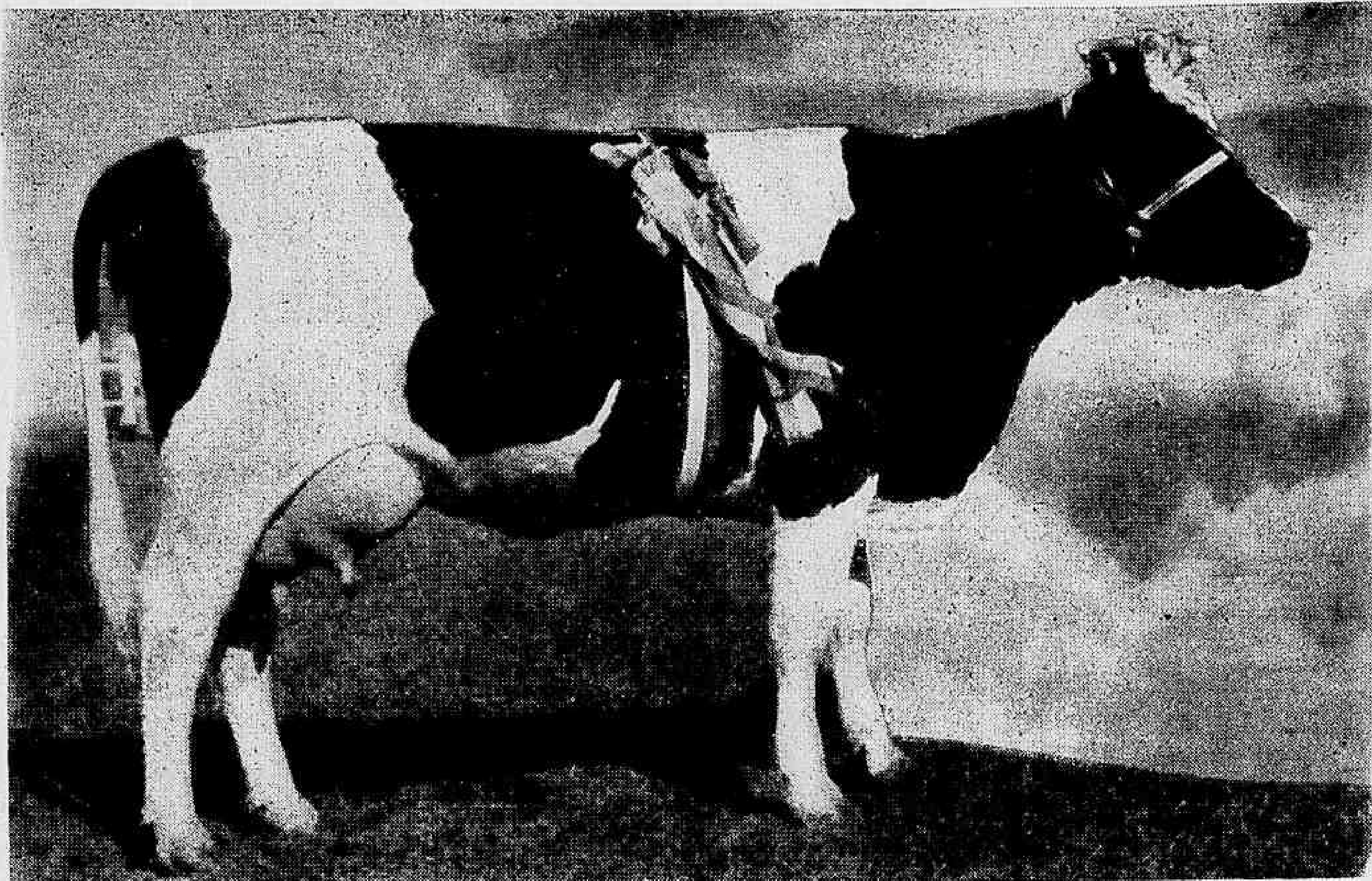
O governador de Minas Gerais, dr. Juscelino Kubitschek, corta a fita simbólica, sob fortes aplausos dos presentes, inaugurando a XV Exposição de Leopoldina.



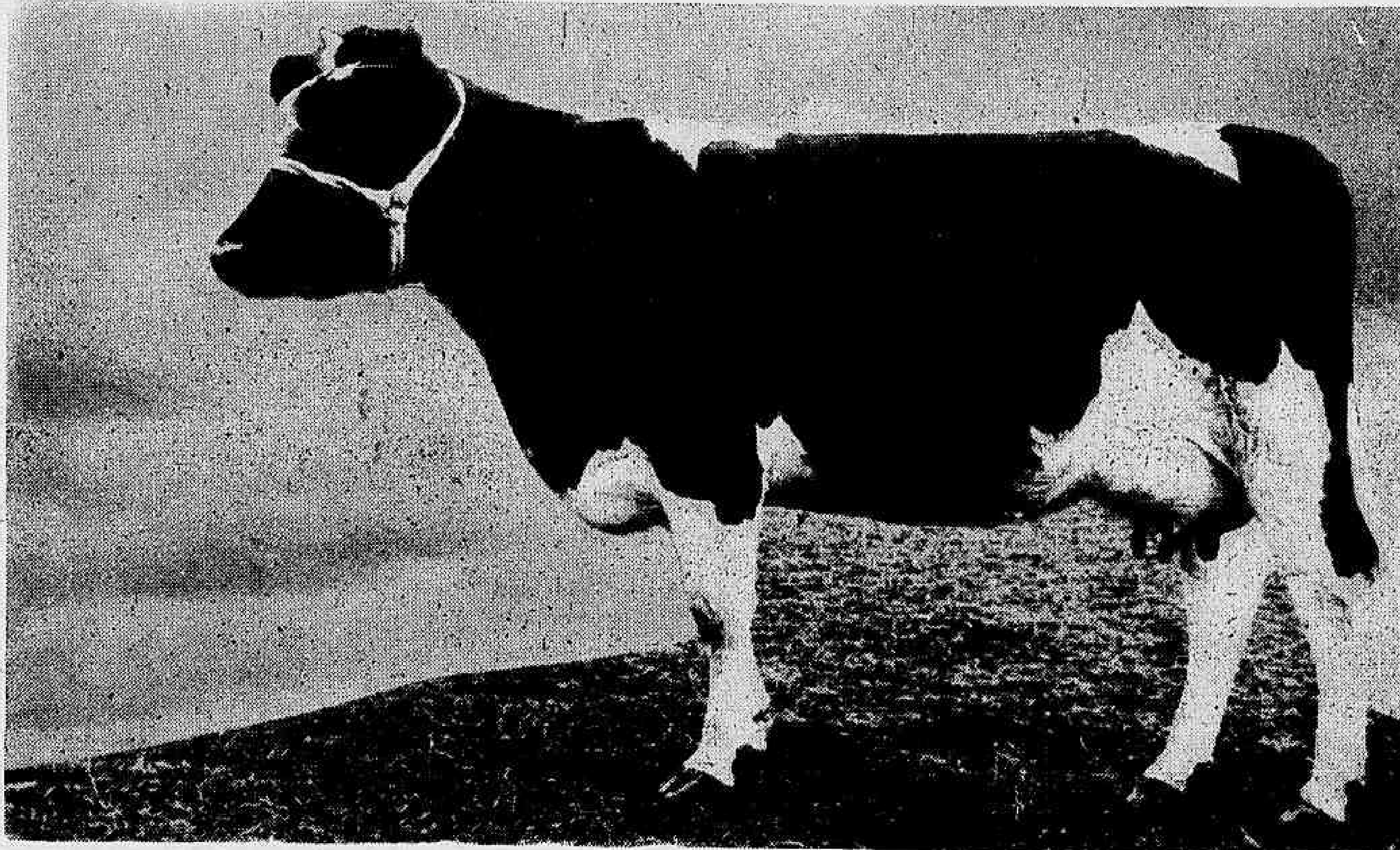
Grupo de casas construídas para os seus empregados pela Cia. Fiação e Tecidos de Leopoldina. 250 já estão prontas, alugadas por preço não superior a Cr$ 120,00



A vaca «Laranjeiras-Odalisca» foi a ganhadora do Concurso Leiteiro da XV Exposição de Leopoldina, produzindo a media diária de 35,000 kigrs de leite.



«Miltonia-Conga», da raça Holandesa Prêto e Branco, Pura de Origem, um dos mais valiosos exemplares da Fazenda Mato Dentro, ostentando o título de Campeã Leiteira da Exposição Nacional de 1947, realizada em B. Horizonte.



«Miltonia-Kooy 82», da raça Holandesa Prêto e Branco, Pura de Origem, 1º Prêmio em produção de leite na XV Exposição, na classe de novilhas de porte medio, 1º Prêmio em Materia Gorda e 1º Prêmio em porcentagem de gordura.

FAZENDO

MATO DENTRO

de

José Ribeiro dos Reis

Vila Abaiba

Município de Leopoldina

Minas Gerais

Kubitschek percorreu os diversos pavilhões de animais, observando os 761 expostos, sendo que, na maioria, gado leiteiro. Ainda em sua visita, percorreu a exposição de produtos agricolas e industriais afins, demorando-se na apreciação do enorme e variado mostruario ali exposto.

Em virtude de estar situada em região onde possuem propriedades tradicionais pecuaristas do Brasil, a cidade de Leopoldina teve dessa situação um reflexo pujante, em sua XV Exposição Regional Agropecuária.

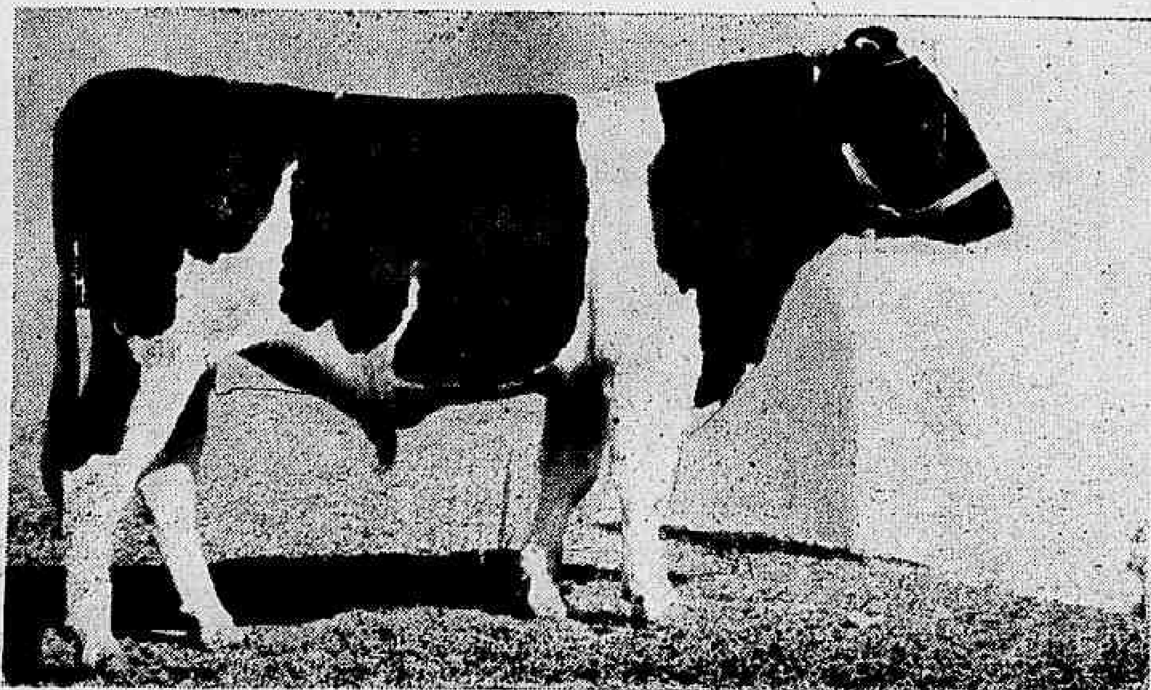
Assim foi qu eestiveram ali representadas, com predominância do gado leiteiro, as diversas raças de bovinos criadas na região, tais como, holandesa vermelho-e-branco, holandesa malhada de prêto, Guernesey e Jersey, além de raças mistas, como Schwyz, Simental e Normanda e as raças indianas com Gir e Guzerat.

Entre os equinos, predominou o magnifico Mangalarga Mineiro, enquanto os suinos estiveram representados através dos espécimes Pirapetinga, Caruncho, Duroc-Jersey e Poland-China.

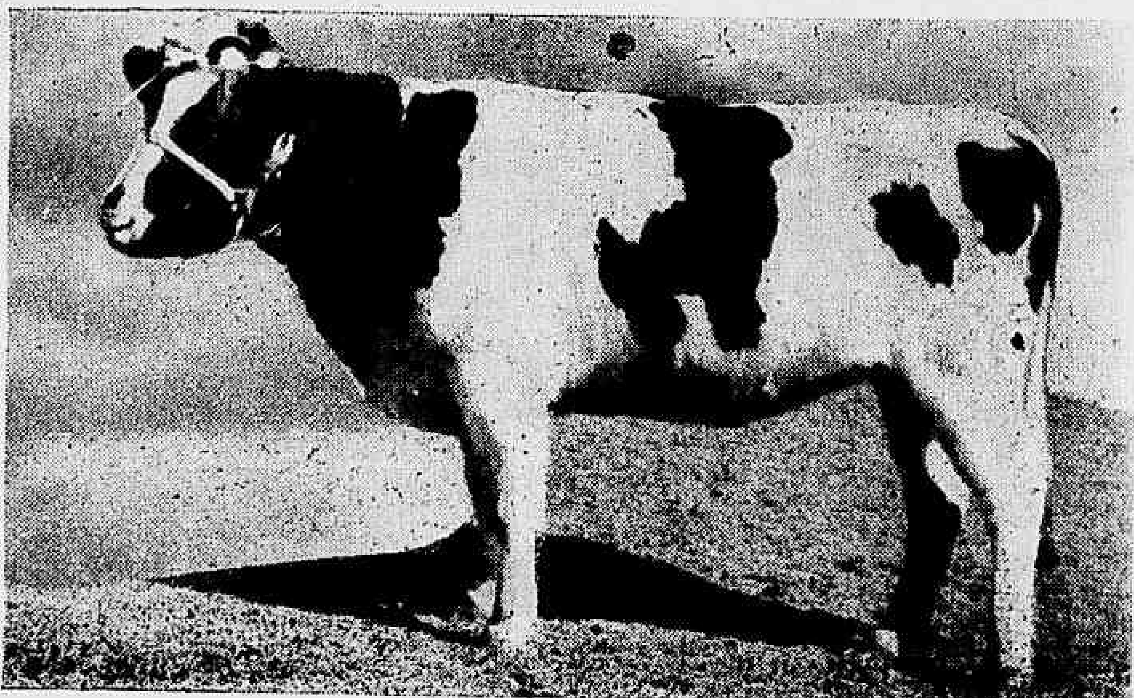
Foi também magnifica a representação de galináceos com predominância dos espécimes Legorhn, Light-Sussex, Plymouth Rock Barrada, New-Hampshire e Plymouth Rock Branca.

Contribuiram com exposição de animais e produtos agricolas, fazendeiros e criadores dos municipios de Além-Paraiba, Bicas, Carangola, Cataguazes, Astolfo Dutra, São João Nepomuceno, Laranjal, Maripá, Mirai, Muriaé, Palma, Pirapetinga, Recreio, Tombos, Ubá e Volta Grande; além do de Leopoldina.

Fizeram-se representar no importante certame tôdas as entidades ho-



«Miltônia-Barão», da raça Holandesa Prêto e Branco, Puro de Origem, 1º Prêmio na XV Exposição de Leopoldina. Pertence à Fazenda Mato Dentro, Leopoldina.



«Miltonia-Forasteira», da raça Holandesa Vermelho e Branco, Pura de Origem, 1º Prêmio e Campeã Júnior. Fazenda Mato Dentro, Leopoldina.

menageadas pela direção da XV Exposição, distinguindo-se entre elas a Associação Rural de Carangola, Associação Rural de Muriaé, Centro dos Lavradores de Ubá, Centro Rural de Juiz de Fora, Associação Rural de Caxambu, Associação Rural de Lavras, Associação Rural de Pouso Alegre, Associação Brasileira de Criadores de Gado Guernsey, Associação Mineira de Bovinos da Raça Holandesa, Associação dos Criadores do Cavalo Marchador da Raça Mangalarga, Associação Mineira de Jumento da Raça Pêga, Registro Genealógico Schwyz do Brasil, Associação de Criadores de Gado Jersey, Associação Brasileira de Criadores de Bovinos de Raça Holandesa, Associação Rural de Rio Pomba, Associação Rural de Curvelo, Sociedade Rural do Triângulo Mineiro (Uberaba), Associação Rural de Pedra Azul e Associação Rural de Uberlândia.

Durante todos os dias e parte das noites de duração do certame, foi intenso o movimento de visitantes no recinto da XV Exposição Regional Agropecuária de Leopoldina, não só por parte do povo leopoldinense como pela presença de numerosos forasteiros, que superlotaram os hotéis daquela importante cidade e vários clubes de Leopoldina; houve animadas danças, que traduziram o entusiasmo do laborioso povo leopoldinense pelo acontecimento tradicional.

Leopoldina, que tem no Banco Ribeiro Junqueira um dos seus mais destacados elementos de progresso, teve, enfim, na sua XV Exposição mais uma vitoriosa demonstração da sua invejável prosperidade e do trabalho patriótico dos seus filhos.

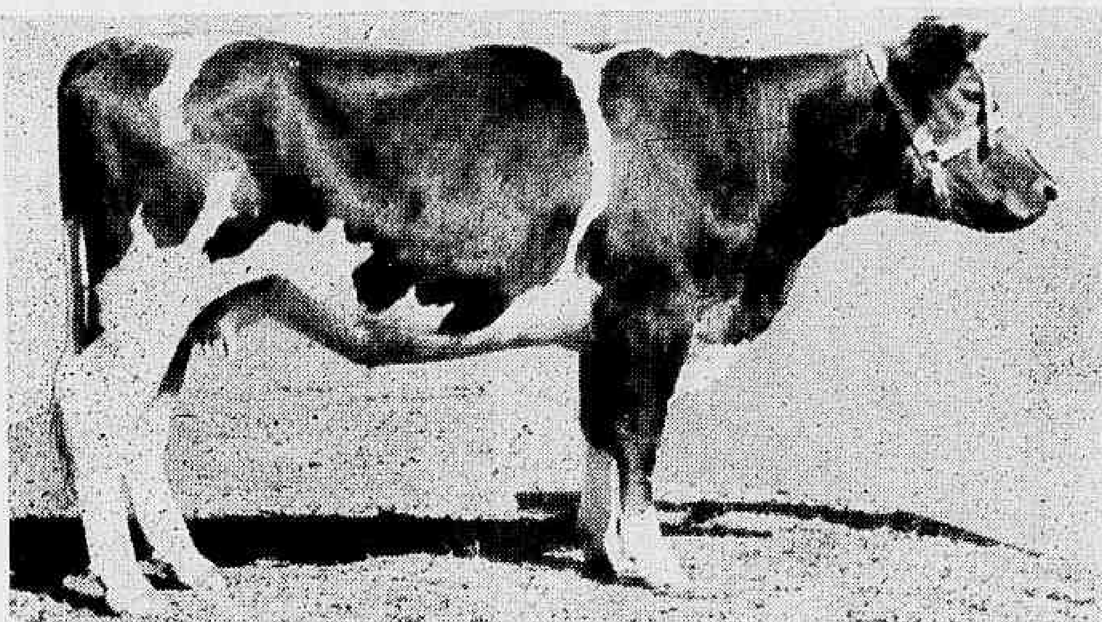
FAZENDA DA SERRA

de

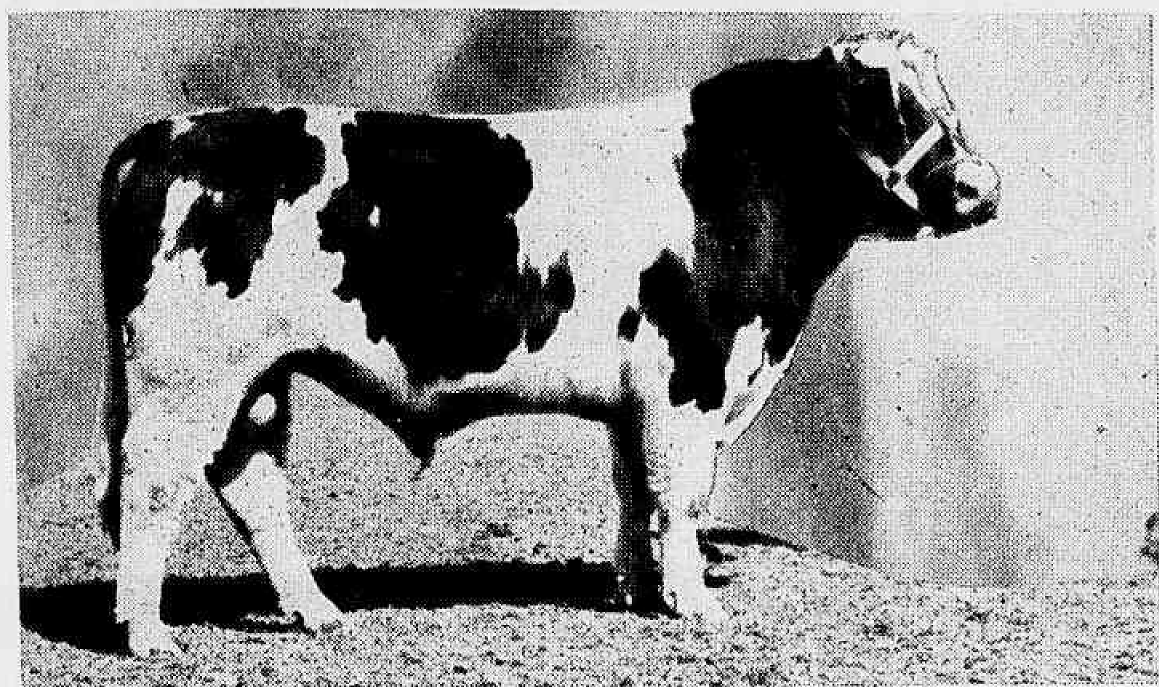
Sebastião Rocha

Município de Tombos

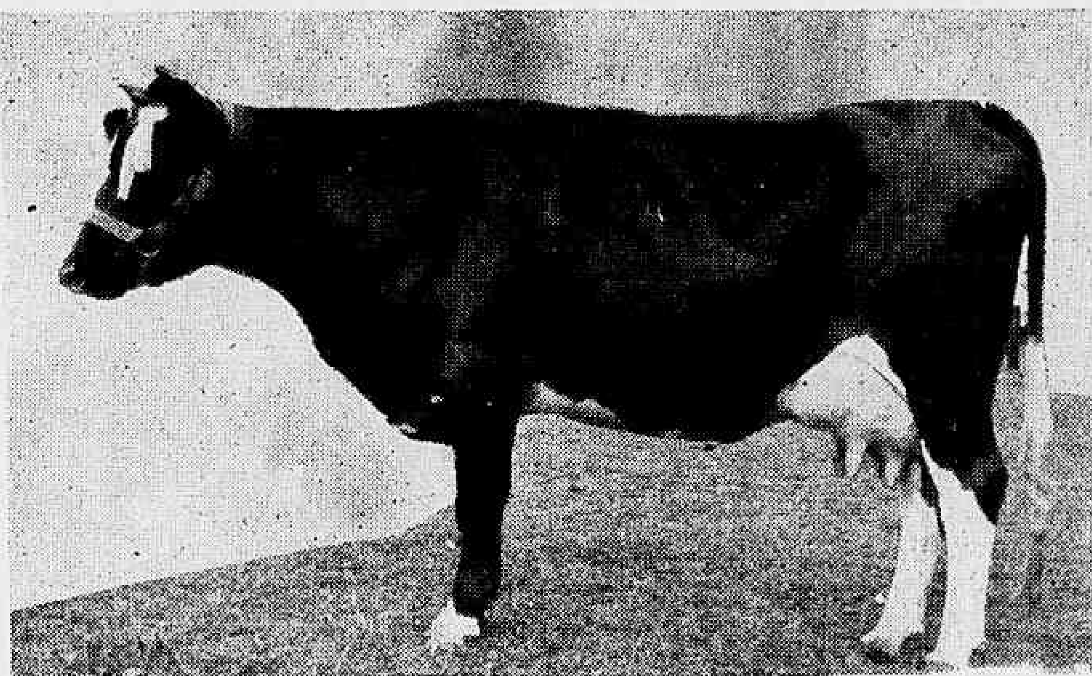
Minas Gerais



«Truus 8», da raça Holandesa Vermelho e Branco, Pura de Origem, 1º Prêmio e Campeã da Raça. Pertence à Fazenda da Serra, do sr. Sebastião Rocha.



«Margarida-Leblon», da raça Holandesa Vermelho e Branco, Puro de Origem, 1º Prêmio e Campeão Júnior. Pertence à Fazenda da Serra, Tombos, Minas.



«Onix-Predileta», campeã P.C. da raça Holandesa Vermelho e Branco na XV Exposição. Foi adquirida pelo sr. Sebastião Rocha, Fazenda da Serra, Tombos.

FAZENDA BOM DESTINO

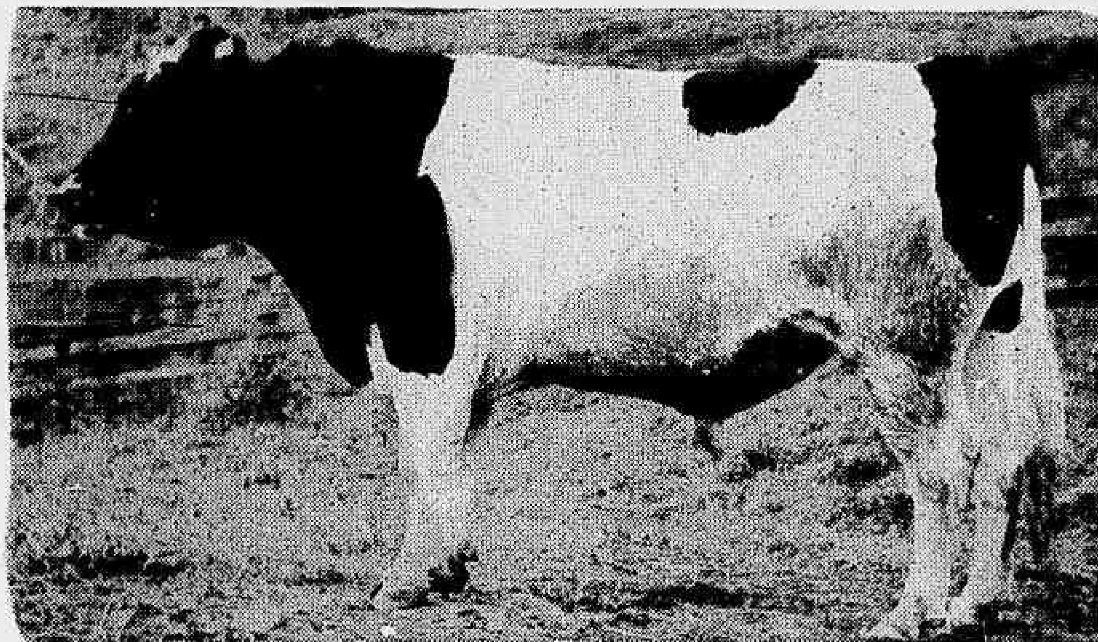
de

Antenor Ribeiro dos Reis

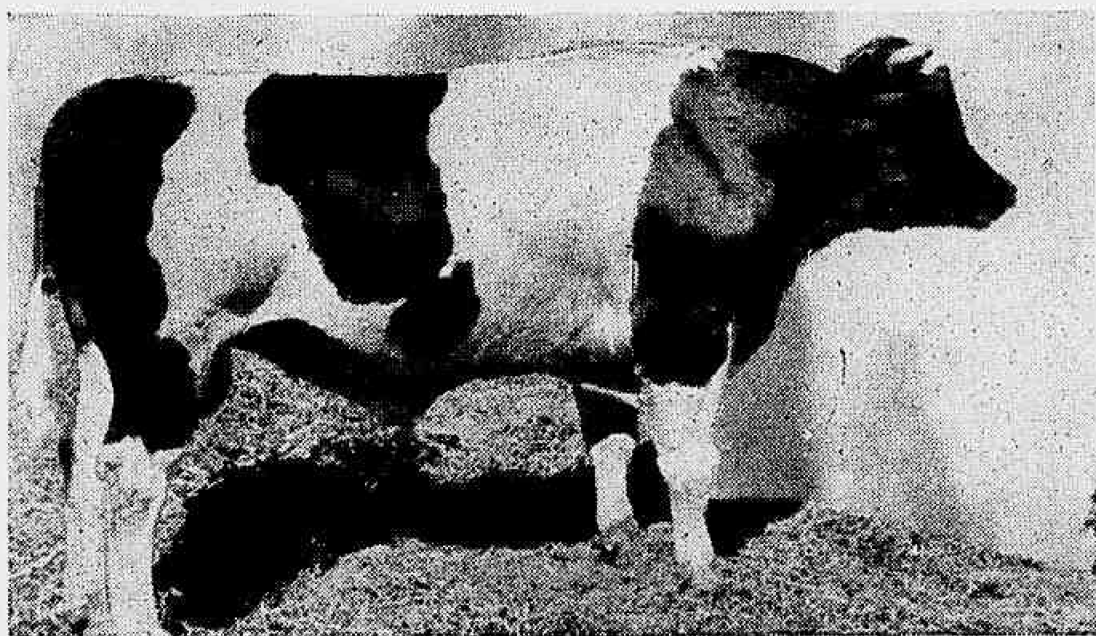
Providência

Município de Leopoldina

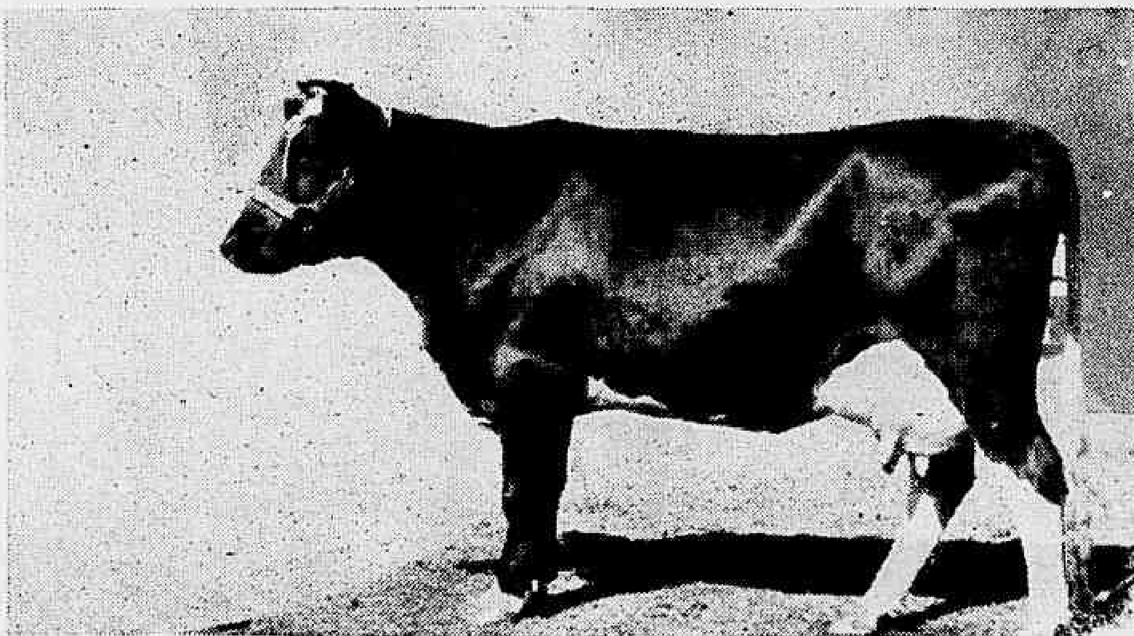
Minas Gerais



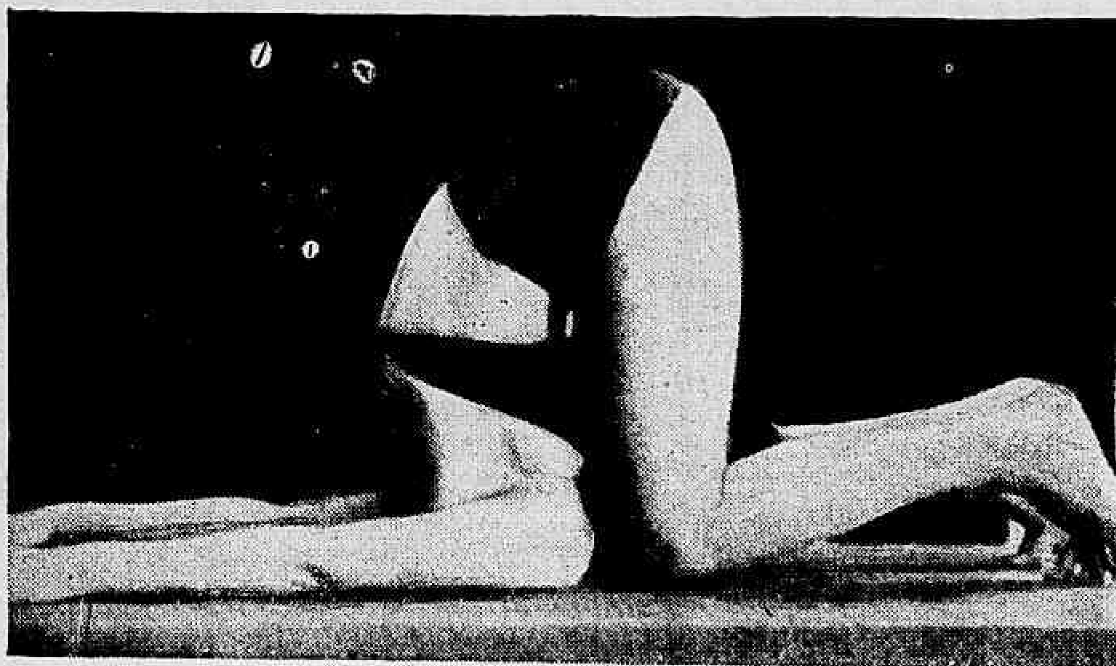
«Adema», reprodutor da raça Holandesa Prêto e Branco, importado da Holanda pelo criador Antenor Ribeiro dos Reis, proprietário da Fazenda Bom Destino.



«Klass», da raça Holandesa Vermelho e Branco, outro reprodutor importado da Holanda pelo sr. Antenor Ribeiro dos Reis, servindo na Fazenda Bom Destino.



«Onix-Predileta», 1º Prêmio e Campeã P.C. da raça Holandesa Vermelho e Branco. Criada e exposta pela Fazenda Bom Destino, do sr. Antenor Reis.



UMA DAS 8.400.000 posições do corpo humano durante os exercícios aconselhados pelo «Yoga». A que está aqui fotografado, é a que chamam a posição de «Purvottana» e se destina a produzir benefício sôbre as secreções, e funcionamento da glândula tiróide e da suprarenal. Praticada constantemente — dizem os seus afeiçoados — impede a formação de rugas. A antiga doutrina indu do ioguismo se propõe mediante exercícios físicos e respiratórios, colocar o indivíduo humano em condições de possuir auto-domínio, a serenidade do espírito e a maior fé na vida. A disciplina iogui, que tem férrea base moral, exige coragem e grande paciência. Vejam os leitores os deslocamentos nas articulações dos braços e dos omoplatas dêsse yogui e procurem reproduzir o que está aqui espôsto. Se não for reumático, claro!



O REI FARUK, depois do prazo determinado pela tradição, recebeu sua espôsa Narriman, com a qual se casara por correspondência. Esta foto foi tirada quando o par se uniu, no final da cerimônia. O brinde de honra foi feito com xarope de rosas, pois o Corão proibe o uso do alcool aos muçulmanos. De todos os grandes países do mundo vieram presentes valiosíssimos para o casal. De Truman, do rei da Inglaterra, do govêrno italiano, do Kremlin, foram mandados para o rei Faruk objetos de inestimável valor intrinséco e histórico. Logo que se encerraram as festas matrimoniais, partiram os nubentes para um cruzeiro de núpcias a bordo de esplendido iate de propriedade do rei, através do Mediterrâneo. Visitaram Cannes, onde os esperava Aga Khan, que os hospedou. Em seguida, foram gozar as delícias de Capri.



OS FESTEJOS para as comemorações do bimilênio da fundação da capital da França se revestiram e continuam a revestir-se das mais belas demonstrações de arte do povo parisiense. Estas nove encantadoras «demoiselles» passearam pelas ruas de Paris, numa parada de elegância através dos séculos. A moda no decurso dos tempos apresenta suas características mais variadas. De largos vestidos, com suas caudas a arrastar e a farfalhar de sêdas, já noutras eras os panos são exíguos, saias apertadas e curtas; vestidos que num século são ricos em aplicações, rendas e bicos finíssimos, já noutro são simples, lisos, sem qualquer enfeite. Os decotes e as cores, a espécie de fazenda e o jeito dos cortes, tudo se modifica através do tempo. E aqui têm os leitores (especialmente as leitoras) modas de ontem e de hoje.

TUDO ISTO

UM EMBRULHO MISTERIOSO

Eram dez horas do dia 28 de julho do ano da graça de 1951. Ia um cidadão passando pela Avenida Gomes Freire, quando se lhe depara, sôbre a calçada um embrulhinho com manchas de sangue. O transeunte parou e ficou a olhar o estranho acuado. Minutos depois outros curiosos se acercaram. Que seria aquilo? Um mais afoito ia abaixar-se para apanhá-lo, quando vozes se ergueram: «Cuidado! Isso aí pode ser um despacho». A voz de poder ser um «despacho», muitos se benzeram e fizeram préces a seus protetores espirituais. Houve alguém que contou o que acontecera a uma pessoa que, inadvertidamente, tocara com a ponta do pé um dêsses «despachos». Não chegou a casa depois do trabalho. O pé inchou, inchou, inchou que foi preciso amputá-lo. Era perigosíssimo tocar em tais «trabalhos» de macumba. Um chofer resolveu então chamar a R.P. Ao telefonar narrou o acontecimento com as cores mais estranhas. Compareceu a RP e, diante do caso, julgando tratar-se de um feto recém-nascido, deixado ali pela mãe desnaturada, decidiu o chefe do grupo policial levar o assunto ao conhecimento das autoridades do 6º Distrito. E lá se foi a RP buscar o delegado. Instantes depois já a multidão era considerável, a RP regressou com o comissário, êste avançou vagarosamente até ao embrulho misterioso e tomou-o nas mãos, abriu e sorriu: era meio quilo de carne verde...



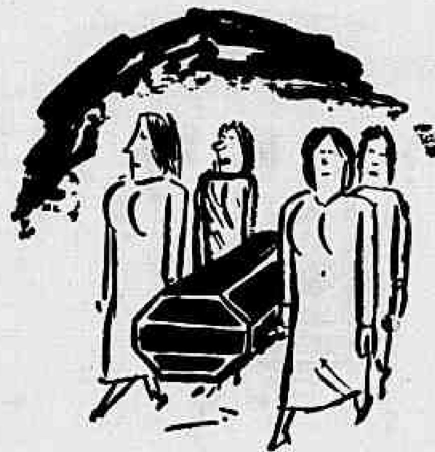
A CABELEIRA ATRAPALHA

E' sabido que as pessoas possuidoras de bonitas cabeleiras, sempre bem penteadas e brilhantinadas, ficam indignadas quando o vento as arrepia. Já houve em nossos ônibus discussões muito acesas sòmente porque um passageiro, suado, sufocado pelo calor, subira o vidro da janelinha do coletivo a fim de entrar ar mais fresco no ambiente de fornalha. Mas, sem verificar que cidadãos bem postos e muito bem penteados estavam também no veículo, a corrente de ar lhes desfaz os cabelos lustrosos e bem arrumadinhos. E uma discussão irrompe o suarento quer que a janela fique aberta; o cabeleira quer que seja fechada. Um quer mais ar; o outro quer mais penteado. A troca de amabilidades é acalorada pelo choque dos interesses. Então, um puxa para baixo; o outro para cima. Tudo isso por causa de uma cabeleira bem penteadinha e lustrosa. Mas não se trata de cabeleiras de senhoras. O assunto se passa mesmo com os homens, pelo simples fato de não usarem chapéu, com o que estaria resolvido o problema. Essa questão de cabelos vem a baila agora que se está tratando de inaugurar as viagens à lua. Dizem os cientistas interplanetários que não há nenhum problema em mandar-se um foguete ao nosso satélite. O maior embaraço está na maneira de conduzir passageiros. E, dentro do problema dêstes, o caso dos cabelos. E explicam: quando o foguetão ultrapassar o último paralelo que marca o fim da lei de gravidade, os cabelos ficarão em sentido contrário, isto é, em pé. Ora, não haverá passageiro elegante que se submeta a essa profanação. Só mesmo os carecas irão à lua...



AS VIRGENS MORTAS

Fundaram nos Estados Unidos (nem podia deixar de ser) uma sociedade cujos fins são os mais exóticos: preparar mulheres defuntas. Mas não basta ser mulher. E' preciso que seja mulher virgem, donzela que morre em estado de absoluta virgindade. Porque isso? Pelo simples fato de que, para essas cuidadosas e piedosas defensoras da castidade de um defunto, isto é, uma defunta, se uma mulher suportou durante tôda a sua vida as tentações da carne e resistiu aos galanteios do demônio em forma de homem, morrendo virgem, não é razoável que o seu corpo seja tocado por mãos dêsses monstros masculinos numa profanação que pode destruir todo o edifício de virtudes que as defuntas conseguiram quando ainda em vida. A tese é, pois, transcendental e exige aplicação imediata. Não é possível que se percam almas que devem estar no céu, e, pela inadvertência de gente da terra, sejam endereçadas ao fogo do inferno, ou, pelo menos, às penas do purgatório. A mão de um homem não deve tocar o corpo de uma virgem, mesmo depois de morta. Por isso mulheres dedicadas à defesa da pudicícia de virgens mortas, fundaram esta nova organização e esperam grande prosperidade financeira, uma vez que as falecidas em estado de virgindade, deverão, antes de exalar o último suspiro, deixar estabelecido que desejam ser tratadas por mãos femininas e não masculinas.



O PASSEIO DA GIRAFA



Essa história de girafas já tem dado muito o que falar. Mas volta agora êsse estranho animal de pescoço de légua e meia a agitar o espírito de comentário do carioca. Pela primeira vez na história da Cidade Maravilhosa, o «Rapa» rapou uma girafa com pescoço e tudo! O episódio foi dos mais gozados na última semana de julho. O Gran Circo Norte-Americana, que está armado numa de nossas praças mais amplas, desejando fazer sua propaganda organizou um carro não muito alegórico e dentro do mesmo colocou uma belíssima girafa. Feito isto, mandou-a a passeio pelas ruas centrais do Rio, como chamariz aos amantes da arte circense. Puxando o carro do animal, ia um jeep. Muita gente olhava a nova visitante da cidade e lia os dizeres do veículo. A girafa continuava sua marcha triunfal, mas, ao chegar à Av. Presidente Vargas, um carro da turma do Rapa se acercou e pediu ao condutor do «préstito» que apresentasse a licença da Prefeitura. Não havia licença nenhuma. Então a girafa, em seu belo carro de turismo e propaganda foi conduzida para o depósito, onde ficou hospedada. O empregado do Circo correu aos seus chefes e narrou a aventura: só lhe devolveriam o bicho depois de ser paga a licença de Cr$ 500,00. Um domador achou que era muito caro, pois na África as girafas andam aos bandos e nada lhes acontece. Mas é que lá não há Prefeituras, e elas não são de circo...

PAPAGAIO!



O louro da pequena e inteligente Tânia, lhe foi oferecido quando a menina nasceu. O papagaio de Tânia tem, mais ou menos dez anos bem puxados. E' um gênio. Só falta mesmo discutir direito constitucional e a guerra da Coréia. Conhece tôdas as pessoas da casa de Tânia: os pais da menina, os seus maninhos, empregados e até vizinhos. Defende a casa até dos gatunos, dando o berro para alertar os moradores. Tânia faz um curso de bailados clássicos, e o louro gosta de vê-la a rodopiar nas pontinhas dos pés. Aplaude-a entusiàsticamente, às gargalhadas. Mas um dia o papagaio sabido desapareceu. Os parentes de Tânia foram à Bahia, e ao regressarem, cadê o louro? Fugira. Ou o gato o papara. Um dia dêstes, porém, o sr. João Filer, irmão de Tânia, ouviu uma voz chamar «Tânia!». Êle se orientou e bateu à porta de uma casa em Ipanema. Apareceu um cidadão e o visitante pediu para ver o papagaio que acabava de pronunciar «Tânia». O senhor João Camuirano acedeu, e o sr. Filer foi ver a ave. Era êle, o papagaio de sua mana. Explicou então que o papagaio fugira de sua residência. Queria levá-lo. Mas a isso os novos donos se opuzeram. O papagaio lhes fôra oferecido pelo jardineiro da casa. Chamaram o homem e êle explicou que, e nverdade, encontrara aquêle louro no jardim e o dera ao seus patrões. O caso foi à polícia, veio a R.P. e agora está na Justiça. O sr. Camuirano não faz questão de entregar o louro; mas quer uma indenização de Cr$ 7.200,00 a título de despesas com êle, nesses seis meses de hospedagem. Cr$ 1.200,00 por mês para hospedar um papagaio! Papagaio...

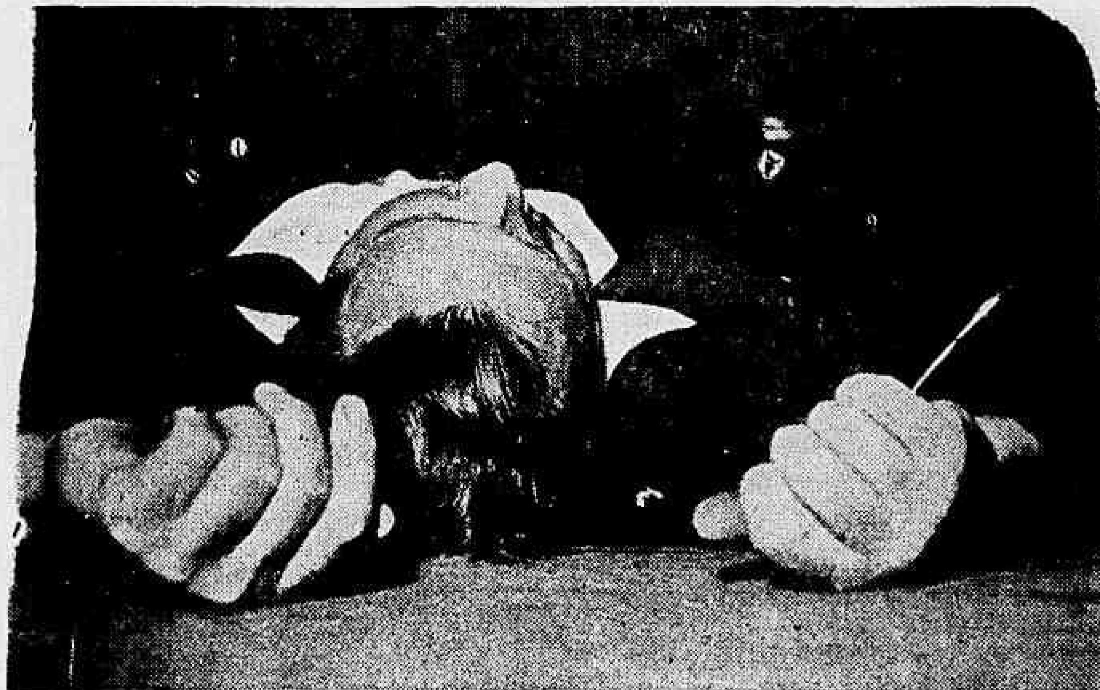
NÃO É CINEMA



Aquela mulher viera do nordeste, fazia poucos dias. Pobre, com família e viúva, conseguira um cantinho lá para as bandas de Coelho Neto. Lutava com dificuldades para ganhar a vida. Mas ia vencendo as aperturas, graças ao seu espírito forte, caldeado nas forjas das intempéries da vida. Um dia, ao voltar do trabalho com a importância de suas economias, numa bolsa já surrada, saltou do ônibus e se dirigiu para casa; mas, antes de chegar ao lar soltou um grito angustioso: deixara a bolsa no veículo! Que fazer? Angustiada, correu ao distrito policial de Coelho Neto. Procurou o delegado e narrou o ocorrido. A autoridade ouviu tudo com a maior calma e respondeu que nada podia fazer, uma vez que o assunto não era da alçada da polícia, não tendo havido furto, segundo a própria mulher dizia. Mas, que iria auxiliá-la a providenciar a recuperação da bolsa, intervindo junto à emprêsa de ônibus para saber se alguém encontrára o objeto de suas aflições. A mulher, mais calma e se pegando com todos os santos, saiu para ver se a emprêsa tinha alguma notícia; mas, foi aí que se deu êste fato positivamente cinematográfico: estava ela ainda a lamentar-se, quando a outra senhora entra na delegacia e vai direta à autoridade: «Seu delegado, meu marido encontrou esta bolsa no ônibus...» Não pôde terminar: a que a perdera de um salto e agarrou a gritar: «Minha bolsa!»



OS ASPECTOS CURIOSOS da guerra. Êste cidadão se chama William Sickley, soldado de infantaria dos Estados Unidos, em ação na Coréia. Depois de longa e árdua jornada na avançada da ofensiva da ONU para além do paralelo 38, Sickley teve direito a descansar um pouco das fadigas da ofensiva entre balas de todo gênero. Cavou o seu «buraco de raposa» e o enfeitou com fôlhas de capim sêco para ter a impressão de que estava muito bem refestelado em sua poltrona lá no escritório de Nova York. Mas, como em tempo de guerra ninguém deve fiar-se na boa vontade do inimigo, William foi precavido: andou arrecadando umas duas dúzias de calhaus e, com êles, formou uma defesa contra balas de fuzil, coisa muito traiçoeira em tais situações. E, protegendo os pés contra o frio, William Sickley cochilou em paz.



QUEM É ÊSTE homem que está caido, morto, ao solo? O caso ocorreu em Nova York e se cercou de mistério. Estavam as alunas de uma escola comercial em seus trabalhos cotidianos, em meio de seus mestres, quando um grito escapou de algumas estudantes: um homem estranho, empunhando uma pena estilográfica, parecia estar louro e a procurar alguém. Os professores foram certificar-se do que ocorria e verificaram a procedência do alarma. Imediatamente chamaram um policial, pelo telefone, e, ao comparecer, êste aproximou-se do esquisito cidadão, procurando explicação para tão estranha visita. O intruso, empunhando a «arma», foi abatido a tiros pelo policial, que julgara estar êle com um punhal e disposto a vibrar golpes de morte em algumas das moças. Não foi encontrado em seus bolsos nada que o identificasse.

SAÚDE DO BEBÊ

ANOREXIA DA CRIANÇA

Dr. SABOIA RIBEIRO

O simples fato de que, muitas e muitas vêzes, a simples mudança de ambiente é o suficiente para corrigir a **falta de apetite** (anorexia) da criança mostra, sem dúvida, que no problema influi, em muitos casos, o elemento psicológico, tantas vêzes esquecido.

Diante da criança com anorexia rebelde a primeira indagação a fazer, pelo interrogatório e o exame geral, é se não está em jôgo alguma causa orgânica, ou o que podemos chamar — **êrro de criação do menino**, pois a conduta terá que variar, necessàriamente, quer num, quer noutro caso.

De fato, a anorexia constitui-se, às vêzes, um recurso da criança, do qual se vale para chamar sôbre si um excesso de atenções dos que dela cuidam e mesmo um meio de tê-los presos a si com seus mimos.

Isso, sobretudo, aparece nas mais crescidas, entretendo-se tanto e tanto mais, quanto melhor seja a criança correspondida nos seus intentos verdadeiros.

Aliás, não é raro que o interêsse por essa situação haja sido suscitado pelo adulto que se ocupa da criança, a qual, depois, passa a utilizar-se da sua resistência passiva como um meio de receber constantes agrados e exortações.

Dêsse modo, a anorexia constitui-se, com o tempo, pelas vantagens que dela tira a criança, um hábito emocional cuja correção, mais tarde, será menos fácil.

Mas ocorre também o oposto.

Às vêzes, em outras circunstâncias, a recusa da criança ao alimento é simplesmente um meio de defesa em face da imposição reiterada do mesmo, ou seja, da própria superalimentação que lhe é imposta.

A anorexia, então, resulta do conflito que se estabelece e se reflete no próprio estado psicológico da criança, que trai uma atitude de enfesamento e mal estar, só por si suficiente para deprimir o apetite.

«Deveria constituir princípio fundamental da família (são palavras de Czerny) não se falar, diante de crianças, acêrca do corpo e suas funções, mòrmente quando elas próprias apresentam quaisquer perturbações mórbidas. Quando um menino, por exemplo, come pouco ou apresenta intensa anorexia, não melhorará tal estado de coisas estabelecendo-se vivas discussões sôbre o assunto em cada refeição. Nada mais se obtém, dêste modo, do que implantar no espírito da criança horror sistemático à alimentação, não porque a rejeite diretamente, mas pelas discussões que a acompanham. Ninguém ignora que o apetite depende, essencialmente, do bem-estar psíquico. Muitos meninos comem de tudo que se lhes dá e bastante, quando afastados da casa paterna e colocados em meio estranho, de preferência com outras crianças».

Até aqui temos tratado da anorexia devida a fatores psicológicos.

Não menos freqüente é a anorexia devida à falta, na alimentação, de certos excitantes fisiológicos, assim como o complexo B, ou entretida simplesmente pela alimentação monótona e sem variedade.

Por outro lado, existe uma falta de apetite apenas aparente, pois como é da observação de todos os pediatras, muitas mães desejariam que a criança coma tanto quanto elas, ou que sintam sempre fome quando elas próprias a sentem. São justamente aquelas que vivem atrás da criança com a mamadeira à mão ou o prato de comida, interrompendo-as nos seus folguedos.

No recreio lá surgem as refeições especiais ou o copo de leite com fartos acompanhamentos, tirando a oportunidade de uma refeição satisfatória ao almôço, pela saciedade.

Cumpre, portanto, na apreciação do apetite da criança, conhecer essas e outras circunstâncias, inclusive, levando em conta, além dos sólidos que a criança consome, também os líquidos que ingere. Com efeito, é comum saber que a criança toma muito leite, o que consequentemente prejudica seu apetite para outros alimentos.

Também, é êrro deduzir a falta de apetite da criança, pela simples comparação do que come, com o que come outra da mesma idade e maior desenvolvimento. Aqui a constituição pode influir, pois as necessidades alimentares variam de uma para outra criança em função, inclusive, de sua própria constituição.

Na criança de peito a supressão brusca do apetite, durante algum tempo pode indicar o processo gripal, caso em que a mudança da temperatura não faltará e examinadas as amígdalas e garganta lá as vamos encontrar inflamadas e cheias de pontinhos brancos.

Finalmente a anorexia é sintoma peculiar a certas crianças neuropatas, em que não há forçar nada, se não proceder com o necessário tato com que devem ser conduzidas.

«O tipo mais comum é o constituido por meninos fracos, com anemia aparente, inquietos e vivos, não apresentando nunca um apetite ordenado, repelindo todo alimento ou, em caso mais favorável, contentando-se com tão pouco que não é possível um regular aumento de pêso. São muito sensíveis às menores modificações no sabor do alimento acostumado e oferecem grande repulsão aos sabores novos». (Finkelstein).

E têm caprichos de apetite, êsses meninos. Umas vêzes preferem os alimentos ácidos, outras, alimentos impróprios à sua idade.



FLAVIO, CONTENTE porque voltou à Gávea, ao Flamengo do seu coração. Retornou ao gramado em que conquistou os campeonatos de 39, 42-43-44, com os

NO próximo dia 14 de setembro, um famoso treinador vai completar 45 anos, dos quais 27 dedicados ao futebol, ou melhor, ao Flamengo. E' conhecido nas rodas esportivas por "Alicate", apelido pelo qual sòmente uma pequena massa de torcedores o será capaz de distinguir entre jogadores do passado. Mas, se dissermos que se trata de Flávio Costa, todos, inclusive aquêles que não acompanham o esporte, saberão que é o atual preparador do time do clube "mais querido do Brasil".

Estranharão que tivéssemos escrito, logo nas primeiras linhas, que Flávio completará 27 anos dedicados ao Flamengo. E os anos em que orientou o Vasco? Bem, profissionalmente, Flávio era o orientador do Vasco, mas nunca deixou de ser Flamengo de coração. Aliás, êste detalhe êle nunca escondeu, nem mesmo dos vascainos mais fervorosos, tanto que se esforçou para dar vários títulos de campeão ao grêmio da Cruz de Malta, depois de ter conquistado inúmeros cetros para o clube da Gávea.



DOIS EXPRESSIVOS flagrantes do técnico em quem os rubro-negros depositam a maior confiança, e de quem esperam a conquista do título de 1951.

O FLAMENGO VOLTA A TRIUNFAR COM

FLÁVIO COSTA

O TÉCNICO DOS MILAGRES

A BOA ESTRÊLA DO TREINADOR VITALÍCIO DAS SELEÇÕES ★ FLAMENGO, SANTOS, FLAMENGO, VASCO, E FLAMENGO ★ SETE VÊZES CAMPEÃO DA CIDADE ★ SEIS TÉCNICOS NÃO CONSEGUIRAM SUPRIR A FALTA DE FLÁVIO ★ DOUTOR VORONOFF, OU HIPNOTIZADOR DE VETERANOS? ★ SUCESSOS E FRACASSOS DO MAIS DISCUTIDO PREPARADOR DO FUTEBOL BRASILEIRO ★ 7 ANOS À ESPERA DO TÍTULO

Reportagem de LEVY KLEIMAN
Fotos de JOSE' SANTOS

Houve um verdadeiro Carnaval no campo dos "ventos uivantes". O seu regresso foi com o "pé direito". Realizou uma excursão invicta pela Europa. Dez jogos, dez vitórias, na Suécia, Dinamarca, França e Portugal. Há poucos dias, o seu time defrontou-se com outro quadro invicto na Europa, o da Portuguêsa de Desportos, de São Paulo, que, em onze jogos na Turquia, Espanha e Suécia, logrou dez vitórias e um empate. O



mesmos elementos que tem agora em 51 ao seu lado, os veteranos Bria, centro-médio, e Biguá, que de médio-direito passou a zagueiro, marcador do ponta.

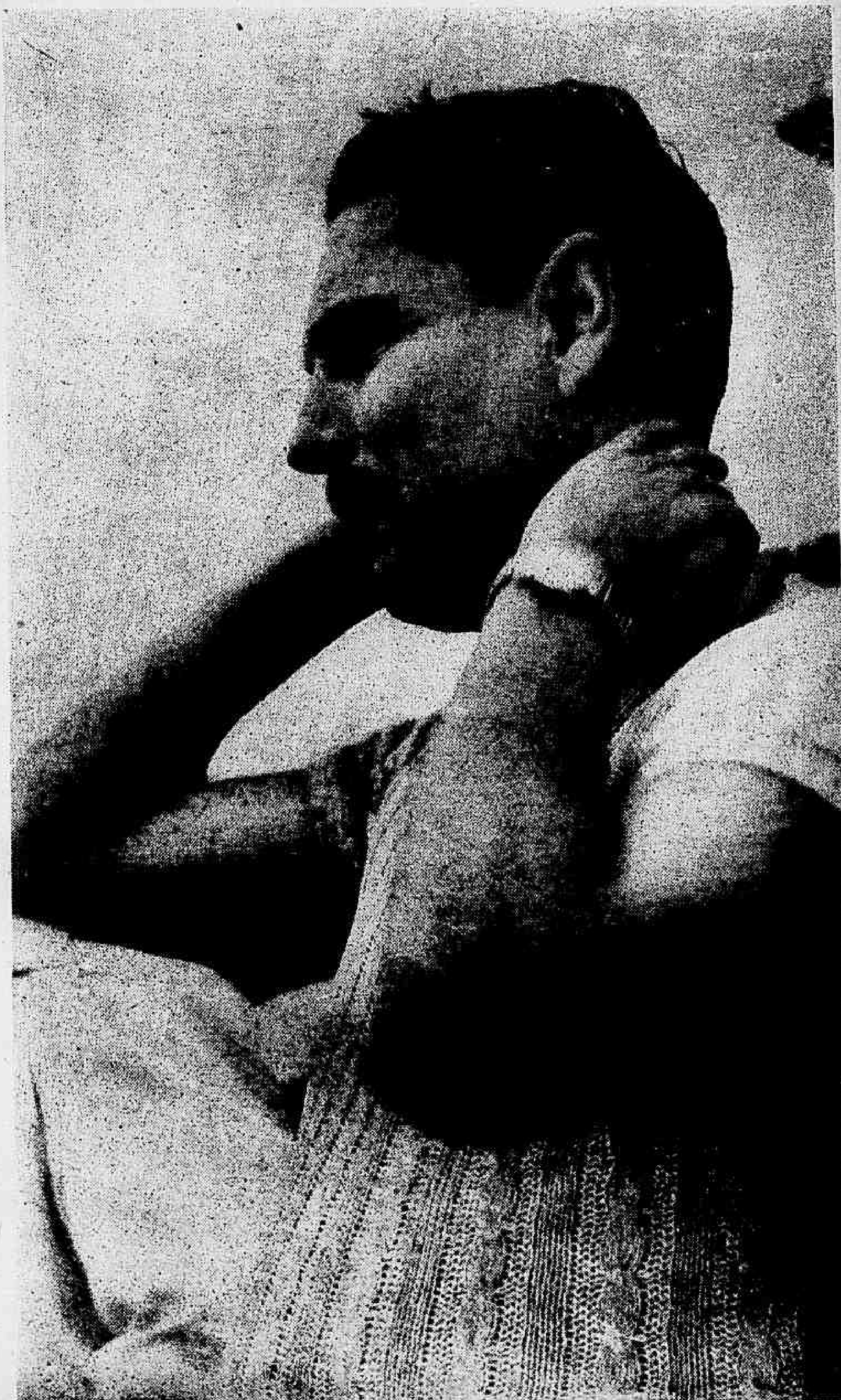
OS TÍTULOS DE FLÁVIO

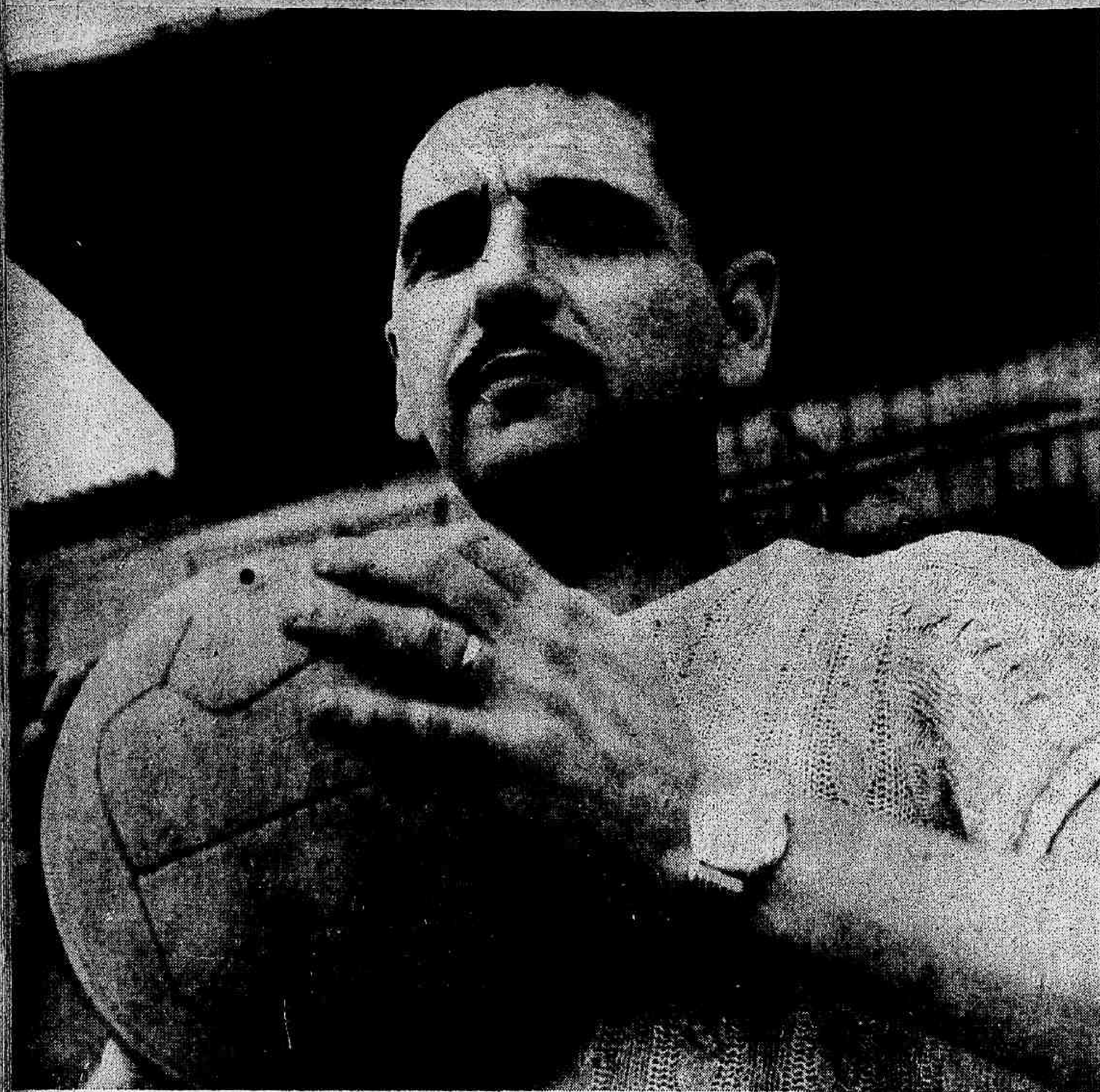
Sua vida esportiva foi iniciada no Flamengo e no próprio Flamengo espera um dia terminá-la. Ingressou no rubro-negro em 1924. Sagrou-se campeão carioca, na qualidade de jogador, em 1925 e 1927. Dizem que nunca passou de um elemento regular como integrante da linha-média. Aliás, os grandes regentes nunca foram grandes músicos. No próprio clube "vermelho e prêto", iniciou-se nas funções de preparador. Foi auxiliar do competente técnico húngaro Dori Kruschner. Depois, afastou-se do clube da Gávea, indo para o Santos, da cidade que lhe empresta o nome. Retornou, em seguida, à Gávea, onde conquistou o campeonato de 39 e o tão decantado tri-campeonato 42-43-44. Em janeiro de 47, transferiu-se para o Vasco, sucedendo a Ondino Vieira. No clube da Colina obteve o título de 1947 e o bi-campeonato de 49-50. Após esta glória impar para o Vasco, atendendo a um apêlo da nova diretoria do Flamengo, retornou à Gávea.



O VETERANO ALICATE, depois de ganhar três campeonatos em quatro anos de Vasco, aguarda sorridente a nova campanha, a guerra do campeonato.

— «**DEUS DO CÉU**, assim não é possivel começar um campeonato, com quasi todos os jogadores no estaleiro!» — Êste o lamento que ouvimos de Flávio.





VIDENTE consultando bola de vidro? O técnico com o seu ganha pão, a bola de futebol.



resultado foi um "placard" mudo: zero a zero. Ambos continuaram invictos. Em seguida, coroando tôda esta campanha, o onze rubro-negro levantou o título de campeão do Torneio Início, cetro que não conquistava desde 1946. Foi preciso Flávio voltar à Gávea, para que o Flamengo tornasse a encontrar o caminho da vitória.

O TÉCNICO FAVORITO DA GÁVEA

Flávio saiu em princípios de 47 do Flamengo, porque o seu plantel de jogadores não fôra renovado com a aquisição de novos elementos. O Vasco, além de "luvas" e bom ordenado, punha à sua disposição os melhores jogadores do Brasil. Preferiu um campo em que pudesse pôr em prática, com real proveito, os seus conhecimentos técnicos. Poderia ter sido tetracampeão, nos quatro anos em que orientou o grêmio de São Januário, não tivesse perdido a última batalha do campeonato de 48 para o Botafogo. Foi vice-campeão dêsse ano, como poderia ter sido campeão, se não perdesse o jôgo de 3x1.

O Flamengo, procurando suprir a falta de Flávio, experimentou nos quatro anos uma série de técnicos: Ernesto Santos, Juca, Gentil Cardoso, Kanela, Jaime de Almeida e o português Cândido de Oliveira. Nenhum conseguiu satisfazer aos torcedores do "clube da fibra e da fôrça-de-vontade". As camisas já não jogavam sòzinhas, como no tempo de Flávio, suspiravam os saudosistas.

A saudade fêz com que Flávio Costa abandonasse a excelente situação moral e financeira que desfrutava em São Januário, para atender ao apêlo da massa rubro-negra. O coração fêz com que voltasse à Gávea o seu técnico favorito.

O Flamengo renovou-se, contratando uma série de cracks: Pavão, Bigode, Nestor, Hermes, Adãozinho e Dequinha. Além de Índio, que veio do quadro de aspirantes. Sangue novo, que não havia em 46, Flávio encontrou em 51. Mas, achou também a *velharia* que deixara em 46: Newton, Biguá, Bria e Jaime de Almeida, êste como seu auxiliar no treinamento.

MILAGRE OU FÔRÇA DE PERSUASSÃO?

Aconteceu o imprevisto. Jogadores dados como sem condições para o futebol, como os que já eram veteranos em 46, Newton, Biguá e Bria, principalmente êstes dois últimos, voltaram a ocupar os postos em que brilharam no "tri-campeonato". Elementos como o goleiro paraguaio Garcia, a maior figura do sul-americano de 49, o atacante Hermes, que fêz um sucesso na seleção gaúcha que derrotou a brasileira, às vésperas do mundial, estavam moralmente abatidos, à margem do time, e voltaram a se exibir em grande forma. Esquerdinha, que não acertava o pé, começou a marcar "goals". Que teria acontecido? Milagre ou fôrça de persuassão? Nada disso. Apenas o trabalho perseverante de Flávio, a boa estrêla que o acompanhava. Enquanto o Flamengo melhorava de partida em partida, o quadro do Vasco baixava cada vez mais de produção. Ausência de Flávio ou mera coincidência? O certo é que Flávio sabe dominar os jogadores. Dizem que quando Domingos da Guia saiu do Flamengo para ingressar no



GARCIA, Bria, Biguá e Hermes. Quatro que estavam à margem e que Flávio recuperou.







FLÁVIO não dispensa a preleção secreta aos jogadores, no vestiário, antes dos treinos. Ei-lo, com seu auxiliar Jaime de Almeida, saindo da conferência.

«ALICATE» mostra ao «Sáci Pererê» — o gaúcho Adãozinho — como decidir na hora do arremate a goal. Técnico não ensina, retoca apenas as falhas.

Corintians, o "Alicate" tratou logo de preparar um elemento para substituí-lo, e passou a incutir tanta confiança a um reserva de poucas possibilidades, chamando-o de Quirino da Guia, que o jogador, de "regular", passou a "ótimo", fazendo esquecer a "estátua noturna", o titular que fôra para S. Paulo. Exige o máximo dos seus pupilos, obriga-os a suar a camisa. Incute-lhes noção de responsabilidade. O resultado é que, pegando um punhado de onze jogadores que não se entendiam, deu-lhes conjunto durante a temporada na Europa.

PONTOS ALTOS E BAIXOS

Técnico de quase tôdas as seleções cariocas e brasileiras dos últimos tempos, a sua grande mágoa foi não ter obtido o título de campeão mundial de futebol. 16 de julho foi o pior dia de Flávio. Tudo saiu ao contrário. Recorda com prazer o título de campeão dos campeões sul-americanos, disputado em Santiago do Chile. Tinha todos os títulos: o de campeão carioca, brasileiro, sul-americano, sul-americano dos campeões. Faltava-lhe a grande coroa, a maior que um técnico poderia ambicionar: a mundial. Poderia ter tirado a desforra, conquistando o título de campeão dos campeões do mundo, mas a essa altura já não se encontrava mais em São Januário. Estava na Gávea, e ali, depois do título de campeão do torneio início, espera recordar o passado, o tri-campeonato e conquistar, sete anos depois, o cetro de campeão carioca de futebol. O tempo dirá se Flávio Costa vai ser bem sucedido. O campeonato aí está, em franca evidência.



FLÁVIO encontrou Dequinha na Gávea. Transformou o chucro nordestino num bom centro-médio.



FLÁVIO recorda, com os veteranos Newton, Bria, Biguá e Jaime, o tri-campeonato de 42-43-44.



O TÉCNICO discute com o massagista Johson, na presença de Aristeu Duarte, rubro-negro há 25 anos.

A REVISTA
Há 50 anos



O jovem e aplaudido barítono Corbiano Vilaça, um dos favoritos do público de hoje.



Cinira Polônio, festejada atriz de revista.

CRÔNICA DE PARIS

O calor, o insuportável calor, que é um dos maiores flagelos que o bom Deus enviou aos homens, mas que é preciso para amadurecer os trigais e sazonar os frutos, fêz da grande capital seus arraiais, obrigando-nos, pobres mulheres que amamos o movimento, o ar, o ruído, a permanecer em casa longas horas, muito quietas a ler ou dormitando. Os veludos e as sêdas, que brilham e dão mais destaque aos rostos bonitos, temos de os trocar pelos "mousselines" e outros tecidos leves, menos suntuosos. Fecham-se os salões, arrumam-se as malas, toma-se o trem, partindo para Vichy, Aix-les-Bains, Pau, Nice, Canterets e outras estações terminais ou veranescas, onde se espera, durante três meses do tamanho de três séculos, que volte o inverno, as "toilettes" pesadas, o "coin du feu", os concertos, as primeiras representações, a vida, enfim, com todos os seus brilhos e ruidos. Que horror, meu Deus! Como está enfadonho o verão nestes avançados dias de 1901... —COLINETTE.

OS TEATROS

Todos os teatros estão atualmente funcionando e auferindo razoveis resultados. No Lírico foram cantadas as operas «Cavalleria Rusticana», «Pagliacci», «Hughenotes» e «Carmen», com agrado. No S. Pedro de Alcântara, a companhia francesa deu «La fille de mme. Angot», «Le coeur et la main», «La poupée», «Le petit Due» e «Boccace». Nem mal nem bem representadas; rasoáveis tôdas. A companhia espanhola, no Recreio Dramático, deu «A marcha de Cadiz», «O certamen nacional», «Tentaciones de San Antônio», «Duo de la Africana», «Gran-Via» e «Cavalleria Rusticana». No Apolo, os artistas portuguêses vão satisfazendo o público, pela sua correção e galhardia, apresentando «O Solar dos Barrigas», engraçada opereta de Gervásio Lobato, D. João da Câmara e Cyriaco de Cardoso. Agrado, como de costume. O «Moulin Rouge» continua as «soirées», onde a mocidade e a boêmia limpa passam, no mínimo, três horas ouvindo cançonetas picantes maliciosas, com o sabor das frases equivocas, que as «chanteuses» graciosas acentuam, petulantes e provocantes. O público tem tido, pois, onde matar o tédio. E as portuguezinhas de Souza Bastos continuam dando a nota na cidade... Que baralho elas fazem! E como são impecàvelmente sedutoras! — P.

NOTICIÁRIO

★ O imperador da China nunca anda a pé, nem monta a cavalo, nem se dedica à natação. Quando sai a passeio é transportado num palanque, a cujo serviço vão 32 criados. E' espalhada areia amarela sôbre as ruas por onde tem de passar, e ninguém pode atravessá-las, sob pena de morte.

★ Descobriu-se na Alemanha que a água quimicamente pura é um veneno para o estômago.

★ O Banco da Inglaterra destrói, tôdas as semanas, 350 mil notas, em substituição de outras novas e limpas. E' dedicada uma noite por semana para essa dispendiosa fogueira.

★ Alguns dos modernos navios de guerra precisam levar carvão no valor de muito mais de cem contos de réis, para fazer uma viagem do norte da Europa à China. Para aonde vamos com tanta despesa?

ANÚNCIOS

— «Irmandade Nossa Senhora das Neves, em Paula Matos» — Festa da Padroeira, hoje, com missa solene, ladainha e festejos externos: leilão de ricas prendas, grande fogo de artifício, balões, fogos no ar, etc. No coreto ao lado da capela, tocará uma banda de música popular desde às 4 horas da tarde. Um primor de festa.

— «La Acumulativa», companhia anônima mútua de economias, rua Primeiro de Março, 45, 1.º e 2.º andares. — Capital, um milhão de pêsos argentinos. Sede em Buenos Aires. Autorizada a funcionar no Brasil, por decreto do Govêrno Federal de 19 de novembro de 1900.

— Fotógrafo: Paulino Botelho, repórter fotográfico do «Jornal do Brasil» e «Revista da Semana», encarrega-se de todos os trabalhos fotográficos. Chamados à rua do Lavradio, 150.

HUMORISMO

Um indivíduo leva à botica uma receita para aviar.
— Quanto custa?
— Dois e quatrocentos.
Pagou e saiu. Quando o caixeiro foi entregar o dinheiro ao patrão, êste viu que a nota de dois mil réis era falsa. O caixeiro queria ir atraz do freguês.
— Não vale a pena, disse o boticário; os dois niquéis de duzentos réis são bons, ganhamos ainda trezentos e vinte réis...

TOURADAS NO RIO

MUITO bem frequentadas e cheias de interêsse as tardes tauromáticas que vêm sendo realizadas na praça de touros das Laranjeiras. Adelino Raposo tem feito brilharetes, como cavaleiro da «cuadrilla», sendo também o empresário, e Manuel Nieto (El Gordito), é o espada mais querido das elegantes que afluem às arquibancadas. Domingo último, o primeiro touro foi farpeado por Adelino Raposo, e o espada Facultados pegou um touro bandarilhado que fêz sensação. Os moços de forcado, nas pegas à unha, foram delirantemente aplaudidos e as cortezias da «bandarilla» animaram o público. Um triunfo tauromáquico inesquecível, estas touradas domingueiras no campo das Laranjeiras. Tão cêdo não haverá outras iguais.



ÉPOCA TAUROMATICA — As touradas no campo das Laranjeiras: Cortesia da «cuadrilla»

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 33 ★ 18-8-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1939, e na Feira Intern. de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 150,00
Seis meses	Cr$ 75,00
Registrada — Um ano	Cr$ 180,00
Seis meses	Cr$ 90,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 280,00
Seis meses	Cr$ 140,00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da "Agência Zambardino", à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição, 58, 1.º andar, sala 102, tel. 38-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Cx. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito. Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: "Interprensa", Florida, 299, tel. 32, Av. 9509, B. Aires.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

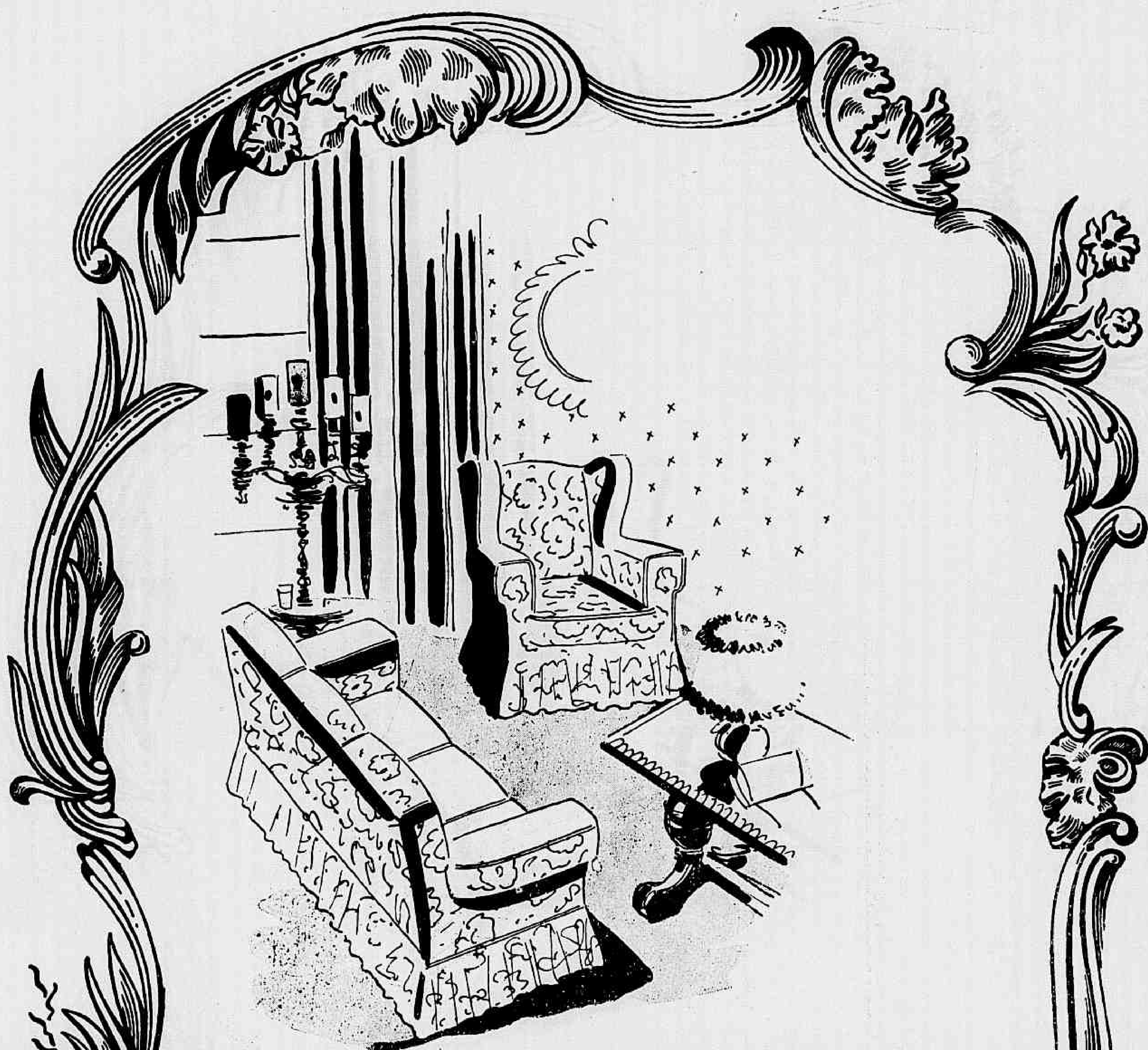
Êste número consta de 60 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro

TELEFONES:

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-8570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8847 ★ Contabilidade: 22-25...



MÓVEIS E DECORAÇÕES

GRUPOS ESTOFADOS

especialidade de nossas oficinas

TAPETES E PASSADEIRAS

de forração, de tôdas as dimensões,
em cores lisas e com flores



CASA NUNES
MARCA REGISTRADA

65 RUA DA CARIOCA 67 - RIO



é o fumante que faz o cigarro...

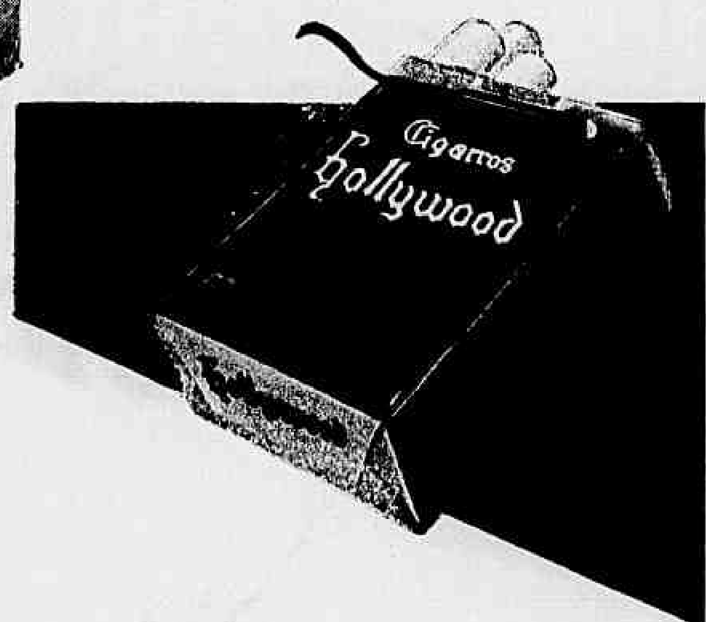
A consagração das pessoas de bom gosto - nas corridas e noutros pontos de reunião elegante - fez de Hollywood uma tradição da sociedade brasileira. Hollywood é mais procurado que todas as marcas da mesma categoria combinadas... E V. também há-de convir: Hollywood é o seu cigarro!



H-08.090

cigarro Hollywood

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ